André Martinelli Piasson
(Organizador)

VERSÃO EBOOK

Contosdeverdade

histórias de jovens estudantes

méritos
editora

André Martinelli Piasson
(Organizador)

Contosdeverdade

histórias de jovens estudantes

méritos
editora

© 2011, Livraria e Editora Méritos Ltda.

Rua Pe. Valentin, nº 564 / 302
Passo Fundo, RS, CEP 99072-100
Fone/Fax: (54) 3313-7317
Página na internet: www.meritos.com.br
E-mail: atendimento@meritos.com.br

Charles Pimentel da Silva
Editor

Jenifer B. Hahn
Auxiliar de edição

Tatiana Andreis Escobar
Marlei Tonello
Revisão gramatical

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sem autorização do(s) autor(es) ou da editora, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

P581c Piasson, André Martinelli
Contos de verdade : histórias de jovens adolescentes /André Martinelli Piasson - Passo Fundo: Méritos, 2011 -
178 p.

1.Literatura - Rio Grande do Sul 2. Contos
I. Título

CDU:869.0(816.5) 34

Catalogação na fonte: bibliotecária Marisa Miguellis CRB10/1241

ISBN: 978-85-8976-98-1

Impresso no Brasil

Verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia. Só isso.

(Emília, Marquesa de Rabicó pelas mãos e pela voz de Monteiro Lobato)

Agradecimento especial aos incentivadores:

Chocolicia
Chocolates da Seria

12 anos
cia center
aproximando as pessoas

ROTARY INTERNATIONAL

Rotary Club de Passo Fundo Norte

Nobel

Livraria - Gen. Osório

CPERS

Sindicato filiado à CNTE e à CUT

Apresentação
Como tudo começou...

As atividades didáticas que geraram o projeto *Contos de Verdade* originaram-se de uma série de aulas que ministrei para três turmas de segundo ano diurno da Escola Estadual de Ensino Médio Adelino Pereira Simões na metade do ano de 2003.

Naquele ano, projetei atividades didáticas para ensinar o período medieval europeu (476 a 1453), utilizando cerca de vinte contos populares, atualmente conhecidos como contos de fadas. A proposta era de que as turmas leriam os contos pré-selecionados e, através de debates em sala, organizássemos as informações colhidas neles, complementando-as com os conteúdos presentes em livros didáticos e historiográficos.

Ao final desse processo, os alunos foram desafiados a escrever contos modernos que revelassem o cotidiano atual. O objetivo principal do desafio era conhecer as impressões dos estudantes sobre nossa realidade: o que pensavam, sentiam e sonhavam os adolescentes com quem eu trabalhava. Também era meu objetivo desafiá-los a escrever sobre o mundo e expressar-se, incentivando-

-os a desenvolver e elaborar uma consciência sobre a realidade, em vez de simplesmente repetir o pensamento de outros autores ou estudiosos.

Em virtude do êxito no aprendizado dos estudantes e do interesse despertado neles, repeti a experiência em 2005. Entretanto, busquei enriquecê-la propondo às turmas a publicação dos textos. Também ampliei o alcance pedagógico da experiência, convidando as professoras Delvina Poluboiarinov Chura (Língua Portuguesa), Glauce de Fátima Dias (Artes) e Gládis Bueno Barriquel (Informática) a participarem dessa nova etapa.

Buscávamos dar mais sentido à produção textual dos estudantes – que passariam a ter um público leitor bem mais amplo que apenas seus colegas e professores. Além disso, a publicação tornaria possível a divulgação daquelas impressões a um público também mais amplo. Estudantes e professores envolveram-se na busca de recursos junto à comunidade; quaisquer valores que pudessem nos aproximar da publicação eram bem-vindos. Apesar dos contratempos e dos obstáculos financeiros, conseguimos arrecadar verba suficiente para a publicação.

A divulgação do primeiro volume de *Contos de verdade* há algum tempo atrás, contou com a participação de todos os envolvidos. Os estudantes relataram à imprensa o processo de criação, suas ideias e expectativas. Também tivemos significativa colaboração da *Livraria Nobel* da General Osório, através de sua franqueada Laura Santana Lunardi, que nos incentivou a expor e a comercializar os exemplares da obra em sua loja.

Dessa primeira experiência, ficou a vontade de aperfeiçoar ainda mais o projeto, melhorando a qualidade da publicação e ampliando a diversidade dos textos. Por isso, reiniciamos as mesmas atividades didáticas em meados de 2007. E ficamos surpresos. Não só a participação dos estudantes foi mais intensa que da primeira vez, como o financiamento contou com a participação ativa das turmas, que promoveram rifa de um *mp3*, arrecadando boa parte dos recursos desta publicação que você tem em mãos. Talvez o manuseio

do primeiro volume tenha-os feito vislumbrar concretamente as possibilidades de publicação.

Alguns problemas que não valem a pena mencionar impediram a impressão no mesmo ano e nos seguintes. Em 2010, decidi retomar o projeto. Concluí alguns ajustes nos textos já digitados e decidi que, no ano seguinte, repetiria a experiência com as turmas de segundo ano do ensino médio para as quais comecei a lecionar no Instituto Estadual Cardeal Arcoverde. Uma delas de ensino regular e outra de educação de jovens e adultos. A proposta foi muito bem recebida e pude notar outras formas de interpretação da realidade decorrentes não só das diferenças entre as comunidades escolares, mas também da própria passagem do tempo: cinco anos transcorreram desde 2005.

Basicamente, o projeto *Contos de verdade* é um conjunto de histórias criadas por estudantes de Ensino Médio que foram motivados a escrever sobre sua própria realidade e sobre a realidade do mundo que os cercava. Enfatizamos a necessidade de os estudantes escreverem sobre assuntos pouco tratados pelo cinema e pela teledramaturgia ou mesmo pelos telejornais.

Propusemos que fossem criadas narrativas. Alguns estudantes, no entanto, escolheram poesia ou textos que misturam narração e dissertação. Não fizemos seleção de textos. Todos os que foram produzidos estão aqui. Com eles, você poderá entender um pouco melhor como pensam os adolescentes, os problemas que os preocupam, que sonhos os motivam e sob quais influências seus autores se encontram ou permitem que façam parte de suas vidas.

Nessa nova etapa, contamos com novas tecnologias para a captação de recursos. Uma vaquinha online permitiu a arrecadação de cerca de R$ 610,00 através do site www.vakinha.com.br. Além disso, uma nova rifa, desta vez de um relógio de pulso, permitiu que completássemos a quantia necessária para a publicação. Finalmente, para realizar o sonho de uma publicação caprichada e de qualidade contamos com o apoio da Méritos Editora, de Passo Fundo, na pessoa do jovem editor Charles Pimentel, que reacendeu nosso idealismo.

Se você está satisfeito com essas explicações, vá em frente e saboreie os contos. Se você tem interesse nas ideias que embasaram este trabalho, saboreie os contos e leia um pouco mais a partir da página 145.

André Martinelli Piasson

Professor de História das redes públicas de ensino
estadual e municipal em Passo Fundo (RS)

Sumário

APRESENTAÇÃO: COMO TUDO COMEÇOU...
André Martinelli Piasson 12

-- 2007 --

CAMINHO ERRADO
Álisson do Nascimento Juliani 19

ILUSÃO DE AMOR
Jéssica da Silva Lacourt 20

A REVOLTA AMOROSA
Vanessa Salete de Ramos 22

TRABALHO DOS SONHOS
Aline Aparecida Lara 23

SEM FINAL FELIZ
Natanael de Lima Severo 24

DINHEIRO NÃO TRAZ FELICIDADE
Camila Portela de Oliveira 25

Vida em Passo Fundo
Aline da Silva 26
Eterno amor
Eduardo dos Santos Silva 27
Meu primeiro amor
Sherlei Caminski Lopes 30
A vitória da Ciência
Mariana Santos Duarte 34
Vidas separadas
Jéssica de Oliveira Paz 36
João
Taís Fernandez Savi 37
Apesar da traição...
Francieli Amarante da Costa 38
Faltou dizer: eu te amo!
Rafaela Teresinha Trein 41
Pesadelo
Suncearay da Silva Uez 42
O dia que não terminou
Grasiele Mello da Silva 43
A história de Beatriz
Scheila Fernandes Rossi 44
Cuidado!!!
Luciano Machado Antunes 46
Ensinamento para a vida
Jéssica Lara Mello 47
O vencedor
Jéssica Daniele de Oliveira Padilha 50
O retrato da realidade
Lucas Wasem 52
O governador
Leonardo Rudinei Lara 54

Vida com mudanças
Rafaela Siqueira Alves 55
O assalto falhou
William Leida dos Santos 56
Grupo de danças
Jorge Luiz Andrade da Silva Jr. 56
História de família
Zenita de Souza 58
Será que tudo vale a pena?
Rosecléia Pino de Moura 58
A dificuldade da família
Marina Guariniri 59
Uma noite, um destino!
Lucas Hoffmann dos Santos 60
As loucuras das BFF's
Jéssica Freyer Pedersen 62
O caminho das drogas
Jussana Dal Piazze Garcia 63
Em busca do amor
Joana Amélia da Silva 65
Uma lição de vida
Marta Rejane de Oliveira Colombo 67
Ercely
Andréia Rocha Gois 68
Umas férias diferentes
Franciele de Vargas 70
Aguente as consequências
Natália Fernanda de Freitas de Aquino 72
A história de Maria
Marília dos Santos Moraes 73

Um sonho de verdade
Serzeli de Aguiar Marques 74

2040
Josué da Costa Vieira 79

O espírito da curva
Paola da Silva Caciamani 82

A escolhida
Gabriela Werle Rodrigues 83

Sonhos de uma jovem
Bruna Flávia Ribeiro 85

Tribos
Bruna Letícia Nasgorski 86

A conquista
Janaína de Britto 90

O mundo dá voltas
Tamara da Silva Marques 92

O menino que queria voar
Janaína Costa 94

O pequeno cão Perneta
Jéssica de Gois Ribeiro 95

O triângulo amoroso
Luís Guilherme Bonfada de Mattos 97

O dia D
William da Rosa de Oliveira 99

-- 2011 --

O pequeno Renato, o "Nerd"
César Macedo das Chagas 100

O pior dia
Marisete de Macedo Soares 101

Menino músico
Paloma Mariano 102

Amor correspondido
Gilberto Teodoro Campanholo 104

As panteras
Diônatan Ribeiro da Silva 105

Páginas de um diário
Talita Favretto de Abreu 106

Paixão e fé coloradas
Marlon Josnei Oliveira 107

Dez são mais que um
Rosana Suelem Santos Paim 108

Só restou saudade
Gustavo Gonçalves 110

O vício destrói famílias
Fabiana da Silva da Rosa 111

Internet
Cláudia da Cunha de Assumpção 113

Despedida sem querer
Letícia da Silva Martins 114

O caminho da descoberta
Tuany Aline dos Santos Motta 116

O que é o amor...
Jéssica da Silva de Oliveira 117

Um sonho interrompido
Luana Assumpção 119

Sonho ou realidade
Álisson Nickel de Lima 122

Ágata e sua história
Andréia da Silva Dutra Fogolari 123

Sempre há uma saída
Nardel Ramos da Cunha 125

Amor sem preconceito
Sheila da Silva Souza 127

Desafios da vida
Vanuce de Carvalho 129

A prisão
Alice dos Santos 130

A violência incorreta
Bruna Cechin Quevedo 132

O susto
Cristiano Souza 133

Quero ajuda!
Leonardo Silveira de Souza 135

Sofrimento de mãe
Estela Sandra Mara Mendes dos Santos 136

Uma decepção de amor
Andriele Lopes Machado 137

Conflito de superação
Gessi Giombelli 137

A vida de um viciado
Bruno Velho Jardim 139

É preciso amar agora
Stefani Santos Bueno 140

Pedra da Morte
Josiane Cristina Souza Sampaio 141

A garota viciada
Mateus Maciel Rodrigues 142

Posfácio: sobre o ensino de História...
..... 145

Anexo
..... 167

Caminho errado

Álisson do Nascimento Juliani

HÁ DOIS ANOS, ALEX, UM JOVEM DE 19 ANOS, estava enfrentando conflitos em sua vida. O que fazer se tudo está mudando, como agir, para onde ir? A vida de adolescente está indo embora e as responsabilidades de adulto vêm chegando. "O que fazer da minha vida?", ele pensou. A sua única habilidade era a facilidade de aprender coisas novas. Ele gostava de mexer, lidar com computadores e coisas ligadas a isso, então pensou nas mais variadas profissões que podia exercer ligadas a esse ramo. O tempo foi passando, as desilusões foram chegando, e ele foi desistindo de tudo.

Um dia, num *chat* em que ele entrava há pouco tempo, uma pessoa estranha o procurou. Sem ter o que fazer, Alex começou um diálogo que iria mudar toda a sua vida. A pessoa foi aproximando-se pouco a pouco, até que ganhou a confiança de Alex. O homem foi sugerindo que o rapaz entrasse e desse uma olhada em alguns *sites*. Alex, sem ter o que perder entrou, viu e gostou. Eram *sites* que ensinavam dicas sobre como ganhar dinheiro fácil. E a pessoa foi ensinando Alex a fazer trabalhos ilegais pela internet. Os dois começaram a se encontrar e a viver uma parceria. Alex queria mais, queria ganhar dinheiro com aquilo.

O homem estava conseguindo o que queria: a ambição de Alex. E o cara foi doutrinando-o, mas com uma condição. Alex perguntou qual era essa condição, ele disse "50% de tudo o que você ganhar". Alex aceitou, pois iria ganhar para aprender. Era uma proposta muito vantajosa.

Inicialmente, eles invadiam *sites* de compras, de pouco valor. Aos poucos, a ambição de Alex cresceu e ele queria sempre mais. Passou a entrar em contas de pessoas de classe média e desviava de R$ 1.000,00 a R$ 5.000,00. Mas ele queria mais e mais, queria algo grandioso, falava em cinco milhões de reais. Ele e o outro construíram um programa para invadir os sistemas informatizados

de um banco não muito conhecido e nessa operação conseguiram R$ 800.000,00. Alex, ao perceber que, dividindo o dinheiro com seu parceiro levaria um tempo maior para conseguir alcançar o seu objetivo, decide passar a agir sozinho. Ele já tinha tudo o que precisava em suas mãos: o programa de invasão. Assim, com a habilidade que nesse tempo, invadiu a rede de um grande banco internacional, conseguindo, com o programa invasor, desviar três milhões de reais.

Tudo corria bem, até que saiu uma notícia no jornal. Um grande banco sofrera uma invasão no sistema e tinha sido roubado. Logo o ex-parceiro de Alex percebeu tudo e tentou comunicar-se com ele, mas o telefone do rapaz estava só ocupado. Ao perceber, que havia sido enganado por seu "comparsa", um sentimento de ira o possuiu e, num momento de extrema raiva, decidiu entregar Alex às autoridades. Sem ter para onde fugir, na hora em que a polícia o encontrou, o rapaz fez de conta que não tinha nada a ver com o ocorrido. Mas todos os registros estavam em seu computador e a polícia descobriu o esquema de desvio de dinheiro. Alex só fez uma pergunta para o policial: como é que eles o haviam descoberto? O policial disse apenas uma palavra: "denúncia". O rapaz soube na hora quem o havia entregado.

Hoje Alex está preso. Só terá direito à condicional, após o cumprimento de pelo menos 12 anos de reclusão em regime fechado. Seus bens foram todos confiscados. Até o fim da pena, não poderá se aproximar de nenhum computador ou algo do gênero. Sua vida é dentro de uma cela com mais dois outros detentos que praticaram delitos graves. Ele só pensa em uma coisa: vingança.

Ilusão de amor

Jéssica da Silva Lacourt

Evelin estudava em uma escola pública cheia de problemas. Um deles era a falta de professores, o que ocasionava a saída

mais cedo de seus alunos que ficavam pelas ruas, nas calçadas, em frente à escola. Nesses lugares também ficavam alguns desocupados que chamavam a atenção de algumas meninas que não pensam muito.

Assim foi com Evelin, que acabou se encantando pelas promessas de amor, pelo diferente. Daí em diante, ela mentia que ia à escola e acabava se encontrando com Djow, aquele que ela dizia ser seu grande amor.

Isso durou até o tempo em que ela começou a ficar mais ao lado dele. Resolveu, então, que morariam juntos e que ela abandonaria sua família porque eles não o aceitavam. Evelin contou o plano para sua mãe, que brigou, colocou-a de castigo e surrou-a. Mas não adiantou! Seu pai foi contra, mas Evelin não deu bola. Disse que, se ela fosse morar com Djow, seria o mesmo que morrer. Evelin foi mesmo!

Maria, a mãe, separou-se do pai, Antônio, porque queria sua filha de volta. Falou que nunca iria esquecer-se ou desistir de sua filha.

Maria passou a dedicar sua vida para convencer Evelin de que ela estava errada, de que tinha uma vida inteira pela frente. Evelin tinha somente 16 anos e sonhava estudar e trabalhar, mas teve seu sonho interrompido por uma paixão que se transformou em uma grande ilusão.

Com o tempo, Evelin começou a apanhar porque descobriu que Djow se drogava e era através da venda de drogas que ele sobrevivia.

Passaram-se dois anos e ela já havia abortado uma vez porque acabou se viciando. Na segunda gravidez, seu filho sobreviveu, mesmo tendo nascido prematuro e com problemas. Maria foi até o hospital e levou a filha e o neto para casa. Disse a Evelin que agora era a vez de a menina cuidar do filho.

Não demorou muito e Djow foi buscá-la, pedindo desculpas e dizendo estar arrependido. Evelin aceitou-o de volta, contra a vontade da mãe. O casal de namorados voltou a morar juntos e

a menina começou a passar por tudo de novo. Então, voltou para casa de sua mãe e Djow ficou com a criança.

Evelin e Maria foram à polícia que realizou uma batida na casa de Djow, apreendendo drogas e encontrando o corpo do rapaz, morto por causa de uma dívida. Evelin encontrou o filho na casa da vizinha.

Um ano depois, ela resolveu voltar a estudar e sua mãe cuidaria do bebê, Rodrigo. Evelin estudaria e trabalharia para manter a criança e Maria viveria da aposentadoria.

Apesar de todos os problemas e arrependimentos, viveram e foram felizes.

A revolta amorosa

Vanessa Salete de Ramos

Era uma vez Beatriz, uma garota muito certinha porque seu pai era rígido demais e não a deixava namorar.

Um dia, ela mudou-se para outro bairro onde morava Carlos, seu mais novo vizinho, por quem se apaixonou.

Beatriz e Carlos namoravam escondidos, até que um dia ele tentou atropelá-la quando estava bêbado.

O namoro acabou e Beatriz decidiu que nunca mais iria amar ninguém. Ela conheceu uma nova amiga, Ana, que era lésbica e viciada em drogas. As duas iam a festas, bebiam muito e se drogavam, ficavam com vários garotos. Tudo isso sem que seus pais soubessem.

Em uma daquelas festas, Beatriz conheceu um amigo de Ana, Evandro, e os dois namoraram por um bom tempo. Ele a influenciou a se drogar ainda mais, roubar, entre outras coisas.

Um dia, quando estava na escola, descobriu que fora traída por Evandro e resolveu dar o troco. Beatriz o traiu com um garoto diferente de todas as pessoas com quem ela costumava se relacionar:

Lúcio. Eles continuavam juntos, pois ela estava amando novamente. Beatriz e Lúcio namoraram por dois anos escondidos dos pais da moça.

Tiveram muitos problemas, como Evandro, que os ameaçava de morte. Ou como a dificuldade de Beatriz em abandonar as drogas. Depois de muita luta, indo de clínica em clínica, ela conseguiu se curar.

Beatriz e Lúcio namoraram por sete anos e depois se casaram. Evandro morreu de overdose. Ana foi para uma clínica para doentes mentais.

Trabalho dos sonhos

Aline Aparecida Lara

Certo dia, Modurollo teve um sonho: trabalhava em uma empresa muito conhecida e importante da cidade de Monduaçu.

Ele havia sido contratado há pouco tempo nessa empresa no cargo de secretário. Seu chefe era muito exigente e queria tudo feito perfeita e rapidamente. Mas Modurollo estava deixando a desejar e, com medo de perder o emprego, foi fazer um curso profissionalizante.

Nesse curso ele aprendeu muita coisa, que serviu para sua vida profissional e, principalmente, pessoal. Ele aprendeu que se deve estar sempre atualizado, não ficar somente naquilo que já sabe, procurar saber mais, ser curioso, ter o hábito da leitura, trocar ideias, ser comunicativo, inovar sempre.

Com todo esse conhecimento adquirido, Modurollo foi crescendo dentro da empresa, mas, como ele queria sempre saber mais, percebeu que aquele seu trabalho já não estava mais lhe agradando. Ele queria ter seu próprio negócio.

Como gostava muito de informação, abriu uma escola, que oferecia cursos profissionalizantes em várias áreas gratuitamente.

Modurollo passou a ser conhecido em vários lugares do Brasil e em alguns do mundo.

Até que um dia, Modurollo foi passar férias em um lugar tranquilo, próximo à sua terra natal, a cidade de Monduaçu. Sem mais nem menos, foi assassinado brutalmente, quando parara em um posto de gasolina para abastecer seu carro.

De repente, um barulho estridente e contínuo foi ouvido, parecido com música... É o celular de Modurollo que está tocando. Ele, então, acorda assustado! Está atrasado para o trabalho!

Sem final feliz

Natanael de Lima Severo

KLÉBER ERA O MAIS NOVO DOS FILHOS de Fátima e Paulo. Seus irmãos Leonardo, o mais velho, e Beatriz, a mais nova, moravam em uma grande casa no Bairro da Penha.

Kléber tinha 16 anos e estudava em uma escola particular. Beatriz tinha 20 anos e cursava a Faculdade de Direito. Leonardo, com 25 anos, era músico e possuía uma banda de rock. Paulo era um grande médico, e Fátima, uma conceituada professora de Português. Mas Kléber sentia-se sempre muito sozinho e sempre dizia:

— Meus pais só dão atenção aos meus irmãos, por isso ando solto no mundo.

Então, Kléber começou a frequentar "bocas-de-fumo". Passou a chegar em casa muito tarde e os pais brigavam muito com ele por isso. E, nesse ritmo, Kléber continuava frequentando as "bocas".

Um dia, sem grana para o vício, Kléber assaltou algumas pessoas e foi preso. Em casa, o telefone tocou e Fátima atendeu:

— Alô! Quem fala?

— Aqui é o delegado Fagundes. A senhora é mãe do Kléber?

— Sim, por quê? O que houve com meu filho?

— Seu filho está preso por assalto.

— Já estou indo aí. — foi a resposta da mãe de Kléber.

Quando Fátima chegou à Delegacia, o delegado alertou o rapaz:

— Se eu te pegar de novo, te coloco em cana e nunca mais solto.

Kléber e a mãe foram para casa. O rapaz recebeu uma bronca, mas continuou indo à "boca". Sua dívida com o dono do lugar se acumulava e, como não era paga, o traficante mandou matar Kléber.

Um dia, Kléber foi para casa ver o irmão que voltara. Ao chegar, chamou a mãe para poder entrar. Quando Fátima abriu o portão, dois homens em uma moto atiraram, matando o rapaz. Kléber caiu aos pés de sua mãe.

Dinheiro não traz felicidade

Camila Portela de Oliveira

PEDRO ERA UM JOVEM SONHADOR que morava numa favela chamada Rio dos Pobres. Nessa favela, havia muita miséria e desunião, mas Pedro sonhava, um dia, mudar aquele lugar. Seu sonho era transformá-lo num lugar que fosse lembrado pela sociedade e do qual os moradores tivessem orgulho.

Então, Pedro estudou muito e tornou-se uma pessoa respeitada pela sociedade. Ficou conhecido por todos e usou essas armas para mudar o futuro de muitos jovens e adolescentes.

Com ajuda da irmã, Carol, e de seu amigo, Bruno – pessoas simples que moravam no Rio dos Pobres, mas que tinham disposição para mudar a vida de muitos – começaram a alterar a educação básica e terminaram com a construção de novas moradias. Conseguiram muitos voluntários para ajudar e começaram a receber doações.

Rio dos Pobres, então, passou a ser Rio de Felicidade. Pedro, Carol e Bruno ficaram muito felizes por conseguirem mudar a história da favela. Sua conquista virou até capa de jornais. Finalmente,

as pessoas de outras favelas também fizeram projetos para mudar a realidade delas também.

Vida em Passo Fundo

Aline da Silva

Era uma vez uma menina chamada Marialy. Ela vivia com seus pais Renan e Márcia e moravam todos em um bairro de classe baixa. Renan e Márcia trabalhavam o dia inteiro. Ele como pedreiro, ela como empregada doméstica, porque não haviam estudado.

Marialy ajudava sua família, trabalhando como secretária, pois tinha o Ensino Médio completo e – como o mercado de trabalho está duro – alguns cursos.

Certo dia, Marialy se atrasou e saiu mais tarde do trabalho. Eram 20h 30 min de uma noite perigosa. Estava escuro e frio porque era inverno. Marialy pensou em pegar o ônibus, mas ele estava demorando muito para passar. Então, resolveu voltar para casa caminhando. Não havia quase ninguém na rua.

De repente, um homem estranho se aproximou e pediu dinheiro para Marialy, mas ela não tinha nenhum e apurou o passo. O desconhecido a seguiu, mas a moça conseguiu despistá-lo.

Já eram 21 horas e Marialy chegava em casa. Os vizinhos brigavam feio. Quando a moça estava entrando em casa, iniciou o tiroteio. Marialy foi atingida por uma bala perdida e caiu, morta, olhando para o céu.

E, assim, Marialy perdeu a vida. Moça de 18 anos que pensava em ter vida melhor. Uma vida levada por bandidos...

Eterno amor

Eduardo dos Santos Silva

Axl e José eram dois amigos que terminaram o terceiro ano em Passo Fundo e foram em busca de um trabalho em Porto Alegre, em busca do primeiro emprego e da faculdade.

Alugaram uma peça e, alguns dias depois, conseguiram emprego. Fizeram vestibular para Engenharia. Axl passou em 1º lugar e José foi reprovado, mas os dois continuaram morando juntos e indo para baladas e viagens à praia nos finais de semana.

Nas viagens à praia, entravam no mar, brincavam, emprestavam-se dinheiro, cozinhavam, faziam festas. Por não terem muito dinheiro, moravam em um quarto com uma cama e um sofá. O sofá quebrou e eles ficaram apenas com a cama para dormir.

Uma noite, José se virou enquanto dormia e acabou deixando a mão sob Axl por alguns momentos. Axl acordou nesse instante e empurrou José violentamente. Os dois saíram no soco. No meio da briga, um beijo. José entrou no clima e acabou tirando a roupa. O sexo aconteceu.

Na manhã seguinte, Axl saiu de casa antes de José acordar. Então, José saiu procurar o companheiro para conversar. Encontrou-o sentado em uma rocha à beira-mar. Axl disse que aquilo nunca mais aconteceria.

— Isso mesmo. Eu não sou gay.

— Axl... nem eu!

Mas no anoitecer as promessas foram desfeitas. José esperou Axl sem camisa na cama.

No dia seguinte, ao amanhecer, numa brincadeira, Axl acabou derrubando José. Seu nariz bateu e sangrou. Axl desculpou-se e limpou o sangue em sua camiseta para que José não sujasse sua roupa.

No outro dia, José recebeu um telefonema que comunicava o falecimento do pai e pedia que voltasse para casa. José, então,

voltou a Passo Fundo, perdendo contato com Axl. Chegando em casa, notou a falta de uma muda de roupa.

Um ano após, José voltou a Porto Alegre, mas não encontrou Axl, pois ele estava prestes a se casar e havia se mudado.

Três anos depois. Axl casou-se com Vanessa. Mais dois anos e a insatisfação de Axl com o casamento o levou de volta a Passo Fundo em busca de José.

De volta, Axl vai até a velha casa de José, encontrando-o casado e com três filhos. José o convidou para sair e os dois ficaram novamente. Durante a noite, combinaram uma viagem.

Nas férias, viajaram para a praia de Roses onde haviam morado juntos na época de Porto Alegre. Lá passaram noites de eterno amor e romantismo. A felicidade aflorava em seus beijos e ações de amor.

Durante um desses momentos, José perguntou:

— Vamos morar juntos, Axl?

— Não!!!

— Por quê?

— Dois homens juntos... não vai dar certo, José!!!

— Por que você acha isso?

— Ninguém aceitaria... vão caçoar de nós!!!

— Nosso amor ultrapassará tudo!

— José, uma vez meu pai me levou a um lugar em que vi algo horrível... Eram dois homens... eles tinham comprado uma casa próximo de onde nós morávamos. A sociedade não aceitou o romance dos dois e acabaram matando um deles com golpes de pé-de-cabra no rosto. Arrastaram-no pelo pênis e jogaram seu corpo à beira do rio Passo Fundo. Meu pai disse: "vou te mostrar algo" e me levou para ver o corpo do homem... Eu sei que meu pai ajudou a fazer aquilo...

— Não fica assim... Continuaremos, então, como estamos agora... Eu virei para cá todo ano, nas férias.

— É melhor assim, José.

Axl voltou para Porto Alegre. Com seu trabalho, conseguiu uma nova casa e abriu uma empresa de projetos e *softwares*. Nas férias seguintes, ele voltou a Passo Fundo para ver José. E assim, nessas viagens, passaram-se dois anos.

Num ano, Axl não foi ao encontro de José. Sentindo a falta do companheiro, José viajou a Porto Alegre. Lá ficou sabendo que Axl morrera na concretização de um de seus projetos ao ter o rosto atravessado por uma barra de ferro. Imediatamente, lembrou da história de preconceito contada pelo companheiro e saiu correndo em direção à casa de Axl.

Dentro da casa, suas lágrimas deixavam marcas no chão enquanto caminhava. Foi ao quarto, deitou-se na cama e chorou ao lembrar-se dos momentos que ele e Axl haviam passado juntos.

No guarda-roupa, encontrou as duas camisetas sujas de sangue do dia em que, brincando, haviam se machucado. Ao lado, a mochila usada nas pescarias e viagens. José pegou a mochila e colocou nela as duas camisetas.

Em seguida, foi ao quartel e se alistou para combater na guerra. Foi para casa, separou-se da mulher e, alguns dias depois, recebeu uma convocação do Exército. Preparou suas roupas e objetos e partiu.

No quartel, soube que teria de entregar todos seus pertences particulares, por isso, escondeu uma sacola sob sua farda. Após alguns dias de treinamento, o batalhão em que estava foi chamado para a batalha.

José enfrentou todos, cego pela dor da morte, até que os inimigos bombardearam seu pelotão. A batalha acabou com a vitória do Exército de José.

Os oficiais, então, percorreram o campo de batalha em busca de sobreviventes. Andaram por grandes extensões de terra e encontraram José morto, deitado sobre algo. Viraram cuidadosamente o corpo para verificar o que ele tanto tentara proteger: era uma sacola! Abriram-na: eram duas camisetas sujas de sangue...

* * *

O amor não é físico.

Amamos a pessoa, não o físico e nos apaixonamos por atitudes e ações. Ligados intelectualmente a cada um.

Meu primeiro amor

Sherlei Caminski Lopes

Em uma tarde quente e ensolarada de primavera, Veida conversava com sua amiga Susan em frente à sua casa. Sentadas no cordão da calçada de frente para a casa, a conversa estava muito interessante. Susan falava dos novos moradores que há pouco haviam se mudado para uma casa em frente à de Veida. Susan falava admirada com a beleza e simpatia do novo vizinho Vítor, filho mais velho do casal de novos moradores. Ela contou que conversara muito com ele e que tinham ficado amigos.

Vítor estava no portão de sua casa, no outro lado da rua. Quando ele viu Susan, foi cumprimentá-la. Susan disse:

— Oi, Vítor, quero que conheça minha melhor amiga. Ela mora na casa em frente à sua!

Vítor falou:

— Você é a...?

— Veida... Seja bem-vindo à nossa rua. Oi, espero que goste de morar aqui.

Ficaram conversando por horas até anoitecer. Combinaram um encontro para conversarem em outro dia.

Passaram a se encontrar todos os dias em frente à casa de Veida, quando Vítor chegava do trabalho. Os três vizinhos tornaram-se muito amigos, mas Veida começou a perceber que Susan se apaixonara por Vítor.

Numa tarde quente de sábado, Veida falou à sua amiga:

— Susan, você parece interessada em Vítor.

Susan tentou esconder, mas logo confessou:

— Acho que realmente estou apaixonada. Há algo nele que me atrai muito. Venho percebendo esse sentimento há algum tempo... E acho que ele também sente algo por mim.

— Que bom, Susan! Vocês formam um belo casal. Eu posso até ajudar você.

— Mas o que você pretende fazer?

— Eu vou perguntar ao Vítor o que ele acha de você. Dependendo da resposta, perguntarei se ele gosta de você mesmo.

— Tudo bem! — Disse Susan ansiosa. — Eu quero saber se realmente ele gosta de mim.

Susan foi embora. Instantes depois, Vítor chegou à casa de Veida.

— Olá, Veida!

— Oi, Vítor. Eu queria mesmo falar com você. A gente conversa tanto e você nunca me falou de alguma namorada que você tenha... Você tem namorada?

— Não... Já tive... mas não deu certo.

— Você está interessado em alguém?

— Por que você está fazendo essas perguntas, Veida?

— Por curiosidade... mas me responda: está interessado em alguém?

— Alguém quem? — perguntou o rapaz, desconfiado.

— Eu vou ser sincera! Você gosta da Susan?

— Não! É *lógico* que não!

— Por que *lógico*, Vítor? Eu achei que houvesse certo interesse de vocês dois.

— Não, Veida. Eu jamais me interessaria por ela. Você se enganou: ela não faz meu tipo.

Veida se preocupou em como contaria aquilo para a amiga. Mas resolveu ser direta. Abriu os olhos de Susan para não vê-la sofrer depois.

Alguns meses se passaram e o verão estava chegando quando, certa noite, Veida recebeu no celular uma mensagem de Vítor. Na mensagem, o rapaz se declarava à Veida, dizendo que a amava muito e não conseguia mais esconder seus sentimentos. Veida também acabara se apaixonando nesse tempo, mas não podia se entregar à paixão, pois magoaria Susan. Sempre que Veida e Vítor trocavam olhares, todo aquele amor queimava como fogo, correndo por suas veias. Seus olhos se encontravam e um olhar já dizia mil palavras.

Não aguentando mais tal situação, Veida resolveu conversar com a amiga.

— Susan, eu preciso saber... você ama o Vítor? Seja sincera... É muito importante para mim... eu *preciso* saber!

— Não! Eu não o amo mais!

Ouvindo isso, Veida não ficou aliviada. Ela tinha certeza de que Susan mentia.

Veida dizia a Vítor que o amava, mas que não poderia magoar sua melhor amiga. O rapaz a consolava, dizendo que gostava tanto dela que esperaria o tempo que fosse preciso.

Vítor visitava Veida todos os dias. Eles conversavam por horas e horas. Mas aquela situação não poderia continuar. Todos saberiam, mais cedo ou mais tarde que os dois se amavam.

Um dia, não suportando mais tanta paixão, Vítor beijou sua amada. Um beijo romântico e apaixonado... o primeiro e, com certeza, o mais especial.

Um sentimento de culpa e remorso tomou conta de Veida. Ela estava completamente apaixonada, mas não poderia se entregar a esse sentimento.

— Vítor... nós... não podemos...

— Por quê? Eu te amo tanto... Ninguém poderá nos separar.

Veida acabou concordando. Depois, no entanto, pensou melhor e, num ato de covardia, decidiu que pediria a Vítor para não procurá-la mais.

Veida estava muito confusa. Ela amava demais, mas não pensava em si. Pensava nos sentimentos de sua amiga. Depois de alguns dias, durante uma conversa com Vítor, decidiu:

— Vítor, nós precisamos dar um tempo!

— Como assim... um tempo?!

— Não me procure mais. Esqueça tudo o que aconteceu entre a gente... foi tudo um engano!

— Você não pode estar falando sério, Veida! Eu te amo tanto! Sempre que respiro é por você. Eu daria minha vida por você!

— Eu também te amo muito, Vítor, mas precisamos dar um tempo!

O rapaz insistiu:

— Por quê? Se eu te amo e você me ama, nós devemos ficar juntos pra sempre...

Dizendo isso, Vítor se aproximou de Veida. Silêncio total. Os dois não aguentaram de tanto amor, abraçaram-se e beijaram-se.

Nesse instante, Susan entrou na casa de Veida e viu a cena, reagindo indignada:

— Vocês me enganaram. Eu confiei em você, Veida, contando meus sentimentos e vocês me feriram pelas costas.

— Não é nada disso, Susan! — disse Veida desesperada.

— Não precisam mais fingir. Já não há nada que mentir, eu já sei de tudo... vocês estão juntos desde o começo!

Susan correu para fora. Veida foi atrás dela. Chorando e muito desesperada, Susan correu pela rua sem ver que um carro vinha em sua direção.

Na tentativa de salvá-la, Veida gritou:

— Susan! O carro!!

Ouvindo isso, Susan parou no meio da rua e olhou para Veida. Não deu tempo de o motorista frear o automóvel, que acabou atropelando Susan.

Susan ficou caída no asfalto. Veida correu até ela. O motorista fugiu. Veida se jogou no asfalto junto à amiga.

Em seus últimos suspiros de vida, Veida pediu perdão:

— Susan, por favor, me perdoe! Eu não queira que as coisas fossem assim... tudo aconteceu de uma maneira que não pude evitar...

— Eu te perdoo, minha amiga, quero que você fique com Vítor para sempre!

Disse isso e fechou os olhos. Não respirava mais. Vítor chamou uma ambulância, mas era tarde: Susan não sobreviveu.

Dois anos depois, Vítor pediu Veida em casamento. Os dois já tinham superado a morte de Susan e decidiram que casariam na primavera. Também decidiram que teriam uma filha e a chamariam de Susan em homenagem à querida amiga.

A vitória da Ciência

Mariana Santos Duarte

ANA TEM 24 ANOS E ESTÁ TERMINANDO de cursar a Faculdade de Medicina. Ela é casada com Marcos que acabou a Faculdade de Medicina em 2005. Eles se amam muito e pretendem montar um laboratório de experiências científicas no Brasil, em busca de cura para quaisquer doenças.

Trabalhando em sua profissão, Ana e Marcos, já conseguiram comprar uma casa no Rio de Janeiro, onde moram desde que nasceram. Eles estão casados há três anos.

Marcos, após terminar sua faculdade, inscreveu-se num programa mundial onde seriam escolhidos os três melhores cientistas que seriam enviados aos Estados Unidos para ajudar nas pesquisas que buscam uma vacina anti-hepatite C. Em 2007, Marcos foi o segundo escolhido. Marcos embarcou para os Estados Unidos em 20 de janeiro, e Ana ficou para trabalhar e terminar seus estudos.

Marcos chegou bem e se hospedou num apartamento distante apenas uma quadra de seu novo trabalho. No primeiro mês, a empresa em que irá trabalhar pagará todas as suas despesas. A empresa se chama *Scientific Cure* (Cura Científica).

Em 22 de julho de 2007, completam-se seis meses que Marcos está trabalhando na empresa, mas a cura da hepatite C ainda não foi descoberta. No dia 22 de setembro, durante mais um dia de trabalho, Marcos descobre a cura da doença. Porém, instantes depois de sua descoberta, percebe que, inexplicavelmente, havia criado um vírus. Marcos é o primeiro a contraí-lo.

Imediatamente, sem comunicar ninguém de suas descobertas, Marcos liga para Ana no Brasil e conta as duas novidades: a descoberta e a contaminação. Fala ainda que o vírus se espalhará rapidamente, por isso terá que achar a nova cura.

Ana, sem medo, resolve largar tudo no Brasil e viajar para ajudar Marcos, usando os conhecimentos que tem. Ana sabia que seria contaminada, mas a vida de seu marido e do mundo estava em jogo.

Dois dias depois, Ana chega aos Estados Unidos e vai até o apartamento de Marcos, seguindo o endereço que ele lhe havia passado pelo telefone. Quando Ana chega, Marcos está saindo para trabalhar. Naquele momento, sentia-se bem, pois o vírus age lentamente. Ana segue com Marcos para a *Scientific Cure*. A presença da moça só é permitida porque Marcos é um dos melhores cientistas da empresa.

As pesquisas recomeçam. Uma semana se passa, Marcos e Ana sentem os sintomas do vírus — semelhantes ao da gripe comum — mas os outros pesquisadores não estranham, pois todos parecem estar gripados ao mesmo tempo. Marcos, então, resolve contar o que está acontecendo e todos prometem ajudá-lo.

A cada minuto, a preocupação aumenta. O vírus se espalha pelo mundo e nenhum dos pesquisadores consegue encontrar a cura. Os pesquisadores da *Scientific Cure* são os únicos que sabem da epidemia; as pessoas normais acreditam ser apenas uma gripe.

Uma semana se passa. Marcos e os outros estão hospitalizados. Ana e mais dois pesquisadores, Mike e Joseph, percebem que neles o vírus age lentamente. Então, os três resolvem estudar o enigma. Em dois dias, no mês de outubro, pesquisando sem parar, descobrem a cura para o vírus. Marcos, por estar num estado adiantado da doença, oferece-se de cobaia. Um dia após a aplicação da vacina, melhora sensivelmente.

Rapidamente, a vacina é dada a todos os contaminados e àqueles que não foram atingidos. Por sorte, a doença se espalhara apenas em parte da cidade de Washington — sede da *Scientific Cure*. Simultaneamente, a vacina da hepatite C é distribuída pelo mundo e Marcos fica conhecido internacionalmente pela importante descoberta e por sua força de vontade, juntamente com Ana, Mike e Joseph.

Marcos e Ana voltam para o Brasil. Ela conclui seus estudos e o casal constrói o laboratório que sempre haviam sonhado. Hoje é o melhor laboratório do Brasil e o mais rápido na descoberta da cura de males.

Estamos no fim de 2008. É Natal. Ana acaba de descobrir que está grávida de dois meses e espera uma menina. Ana e Marcos lhe dão o nome de Vitória. Se não fosse a vitória contra aquele vírus, um ano antes, essa Vitória — uma das mais importantes da vida deles – não teria acontecido.

Vidas separadas

Jéssica de Oliveira Paz

FABER ERA UM LINDO JOGADOR de futebol amador. Ele tinha duas paixões: futebol e carnaval. Mal imaginava ele que, naquele carnaval de 2005, em sua escola de samba, conheceria sua terceira paixão: o grande amor de sua vida.

Naquele ano, sua escola tinha uma nova carnavalesca: Raquel. Vários homens já haviam passado pela vida de Raquel, mas nenhum

fora especial até aquele momento; até que Raquel olhasse para Faber na multidão. Os olhares foram recíprocos e, desde então, a paixão brotou entre eles.

Viveram várias e várias noites de amor. Mas – como tudo que é bom dura pouco – surgiu na história Medeia, que desde muito pequena nutria uma obsessiva paixão por Faber. Inconformada com a realidade de perdê-lo para Raquel e corroída pelo ódio, arquitetou um plano para separar o casal.

Na noite de aniversário do irmão de Faber, Medeia aproveitou a ausência de Raquel para embebedar Faber e levá-lo para a cama. Medeia tirou fotos e, após a comprovação de sua gravidez, mandou as imagens e o exame para Raquel.

A carnavalesca, muito zangada, terminou tudo com Faber. O jogador ainda tentou uma explicação, mas a moça não aceitou.

A família de Medeia obrigou Faber a casar-se com ela. Ele aceitou; mais por vingança de Raquel – que não acreditara nele – que por desejo. O infeliz casamento aconteceu. Raquel seguiu com suas viagens, sua faculdade, seu trabalho e seus amigos.

Raquel e Faber sabem que se amam de verdade e, não importa quantos anos se passem, sempre se amarão... mas – separados pelo destino cruel – cada um vive sua vida.

João

Taís Fernandez Savi

Era uma vez um homem que se chamava João e morava num sítio com seus pais, esposa e os dois filhos. João sempre ajudara seu pai no sítio. Com seis anos já trabalhava na horta todas as tardes, pois pela manhã estudava numa escola muito distante do sítio.

Era uma pessoa muito decidida e nunca deixara de lado seus estudos, tornando-se um grande advogado. Mesmo assim, João não abandonava sua vida no sítio. Em suas horas livres, trabalhava

na horta e ensinava seus filhos a lidarem na terra e a tirarem leite das vacas.

Certa vez, apareceu um homem que pediu que João assumisse o caso do irmão, preso por assassinato, furto e venda de drogas. João disse que não estava interessado, pois estava passando um tempo só com a família. O desconhecido ameaçou matar toda a família de João.

O advogado, amedrontado, obrigou-se a defender a causa do irmão daquele homem. Entretanto, João não teve sucesso. O desconhecido, por vingança, matou a esposa de João enquanto ela saía da feira. João passou a beber por sentir-se culpado. Um dia, bebeu demais e, perdendo completamente a razão, atirou-se no mar e morreu.

Apesar da traição...

Francieli Amarante da Costa

Eu fazia o curso de informática à noite. Depois da aula, assistia aos jogos de futebol do ginásio próximo ao curso. Um dia, fui com minha amiga Veri e encontrei lá um amigo: Júnior.

De repente, chegou um amigo do Júnior e começou a falar com ele. Depois que o rapaz foi embora, Juliana perguntou:

— Júnior, como é o nome daquele seu amigo?

— Guilherme... Por quê?

— Eu achei ele interessante.

— Você quer que eu "arrume" ele para você?

— Sim... mas ele vai demorar?

— Não!

O Júnior falou com Guilherme, que respondeu que aceitava ficar comigo.

O Júnior me disse:

— Vai lá fora que ele está esperando.

Fomos apresentados e ali ficamos conversando. Ele me contando um pouco sobre ele e eu falando sobre mim. Depois de um tempo, minha amiga Veri apareceu e me chamou – puxou, na verdade! – para irmos embora.

— Tchau!

— E o meu beijo? — disse Guilherme.

— Agora eu tenho que ir embora... — respondi.

Resolvi voltar e dar um beijo nele. Fui embora.

Não conseguiu dormir naquela noite pensando nele.

Nos outros dias do curso, eu continuei a vê-lo. Nos finais de semana, não nos víamos, pois ele ia para a cidade de Casca.

Um dia, Guilherme apareceu e contou que tinha uma namorada que morava em Casca. Terminou tudo comigo e pediu para que continuássemos amigos, pois ele me tinha como uma pessoa inesquecível em sua vida. Perguntou o que eu achava do Júnior. Falei que eu e o Júnior não daríamos certo.

Guilherme e eu não nos falamos mais. Um mês depois, ele voltou a me procurar. Disse que tinha terminado com a outra e queria voltar para mim. Tanto insistiu, que resolvi voltar com ele. Começamos a namorar escondido; apenas nossos amigos sabiam. No colégio, os amigos dele me cuidavam e eu não podia falar ou fazer nada que corriam contar. Por outro lado, eu não sabia se ele "aprontava" ou era fiel.

No começo, nós nos víamos todos os dias. Guilherme até me buscava no colégio. Depois, fomos nos afastando. Ficamos até uma semana sem nos vermos. Ele começou a falar para os amigos que havíamos terminado. Os meninos chegaram e me falaram, e eu fiquei arrasada, pois queria que Guilherme tivesse falado diretamente comigo.

Nesse mesmo ano, conheci Dalvan, um rapaz que chegara do Exército. A gente se conheceu no ônibus e ele mora na minha vila.

Dalvan começou a dar em cima de mim e pediu para ficar comigo, mas eu nunca falei se ficaria ou não.

Um dia, levei minha irmã ao colégio e ele estava indo trabalhar. Ele perguntou novamente. Falei para ele voltar ali no mesmo horário, no outro dia. Ele disse que tudo bem. Quanto a Guilherme, já que ele falara que tinha terminado comigo, não seria nada se eu ficasse com o Dalvan. No outro dia, fiquei com Dalvan.

À tarde, naquele dia, eu estava assistindo à televisão quando o telefone tocou. Era Guilherme. Queria saber se eu estava brava com ele. Respondi que não, apenas queria saber por que ele terminara comigo sem sequer me avisar. Guilherme começou a dizer que ele não havia terminado, mas pensou que tínhamos acabado o namoro porque fazia uma semana que não nos víamos. Enfim, explicamos o que acontecera um para o outro e continuamos juntos.

Falei para Dalvan que não podia mais ficar com ele. Ficou tudo bem, até que eu e o Guilherme passamos a não nos ver mais e resolvemos terminar de vez. Fiquei dois meses sozinha.

Um dia, uma amiga minha, Nanda, falou que estava namorando, quase noiva do Dalvan. No começo, eu acreditei, mas depois achei estranho pois eu e ela cruzávamos com ele pela rua e os dois nem se olhavam. Resolvi tirar a limpo a história. Perguntei a Dalvan tudo o que a Nanda me falara. Ele disse que era tudo mentira e ficou bravo com ela. Pediu para eu esperar e conversamos durante um tempo... estamos namorando até hoje.

O Guilherme arrumou uma garota com o mesmo nome que eu, e estão felizes. O bom desta história é que, apesar de tudo, todos se arranjaram e estão felizes. Apesar da traição, tornamo-nos bons amigos, mas não como antes. A traição pode causar vários estragos em nossas vidas.

Faltou dizer: eu te amo!

Rafaela Teresinha Trein

ELISE ERA UMA MENINA ALEGRE que não tinha medo de sonhar nem vergonha de ser feliz. Mal sabia ela que aquela felicidade toda iria logo se transformar em tristeza, pois o destino lhe preparava uma surpresa nem um pouco agradável.

Certo dia, ela se deparou com o amor. O nome dele era Bryan. Era um menino alegre que, como Elise, não tinha vergonha de ser feliz. Ao se deparar com Bryan, nem podia imaginar que aquele seria o garoto que mais iria amá-la e que, ao mesmo tempo, iria fazê-la sofrer tanto, fazendo-a derramar lágrimas de dor e decepção.

Sem pensar nas consequências, ela se entregou de corpo e alma a essa aventura de amor e ilusão. Acabaram ficando juntos. Começaram a namorar. O namoro dos dois era lindo, todo mundo acreditava que nada nem ninguém poderia destruir aquele laço que os unia, aquele amor, pois para ela aquela relação era imortal e nunca teria um ponto final. Para ela, Bryan era a razão de viver; ela o amava com todo o seu coração. Elise não poderia imaginar o que estava prestes a acontecer...

Certo dia, os dois combinaram de sair. Seria um passeio como todos os que já tinham feito. Naquele dia, Elise estava passando por um momento ruim, e o que ela mais queria era que Bryan ficasse ao seu lado. No entanto, ele fez exatamente o contrário: virou as costas para ela na hora em que ela mais precisava de seu carinho, de sua atenção, de seu amor...

A notícia que ele queria dar durante o passeio era que o namoro acabaria ali, naquele exato momento. Elise não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Como tanto amor poderia acabar assim, de uma hora para outra? O que ela não queria acreditar era verdade, pois reparou que, naquele dia, Bryan estava muito frio, pois nem um beijo lhe deu. O motivo da separação ele não contou.

O tempo passou. Elise ainda não entendia o motivo que levara Bryan a terminar o namoro, mas, com o tempo, ela se conformou. Um dia, os dois se reencontraram. Voltaram a ficar, mas mais uma vez Bryan decepcionou a garota que tanto o amava. A reaproximação foi inevitável, pois eles começaram a trabalhar juntos. A volta não deu muito certo, pois Bryan só queria brincar e não reparou que, brincando daquele jeito, iria magoá-la.

Mais uma vez Elise se decepcionou com seu amado. Naquele exato momento, ela falou para si mesma que Bryan, em sua vida, nunca mais! Apesar de tudo, ficaram amigos, pois a convivência era inevitável. Entretanto, Elise não podia disfarçar que nada havia acontecido; embora tivesse que sepultar aquela história tão linda que tinham vivido juntos.

Até hoje ninguém sabe o que aconteceu com o amor que existia entre eles. Só o destino e o tempo serão capazes de responder a essa pergunta. Será que o amor que Elise sentia por Bryan vai ser tão forte que o coração falará mais alto que a razão? E quando Bryan cair na real e ver que tinha Elise a seu alcance e não soube amá-la? Será que, nesse dia, o perdão será dado e o amor, até então perdido, será reencontrado? Ou será que faltou, realmente, dizer:

— Eu te amo?

Pesadelo

Suncearay da Silva Uez

HAVIA UMA GAROTA CHAMADA Fernanda que sofria com a separação dos pais, mesmo que eles a amassem muito.

Como seu pai morava em outro estado com uma outra família já formada, Fernanda resolveu morar com ele, pois ele havia prometido à filha que sua vida seria melhor lá. Não que fosse ruim morar com sua mãe, ela apenas acreditava nas palavras do pai.

No começo, era tudo ótimo. Entretanto, quando seu pai não estava em casa, a madrasta batia em Fernanda. Ela era apenas uma menina: tinha oito anos. Desde então, sua vida virou um inferno. E esse inferno durou seis longos anos.

Parecia a história de Cinderela. Fernanda lavava, passava, cuidava de seus irmãos menores. Havia o lado bom: a família da madrasta gostava muito de Fernanda, dava-lhe de tudo. Só que a madrasta não gostava da garota.

Depois de tanto pedir e implorar para voltar a morar com sua mãe, o pai de Fernanda consentiu. Mas foi pior! Não pela mãe, é que o pai da garota queria que ela voltasse, então prometeu que a buscaria a qualquer deslize de Fernanda, pois tinha sua guarda.

O pai colocou pessoas para vigiá-la. A vida de Fernanda virou um inferno. A garota deixava de fazer várias coisas por causa da vigilância. Fernanda sentia-se prisioneira e não sabia mais o que fazer. Tudo que fazia, o pai sabia: hora... dia... sabia tudo! Antes de a mãe de Fernanda ter ideia dos atos da filha, seu pai – longe dali – já sabia há muito tempo.

Fernanda sofreu muito. A única distração dela sempre foram seus amigos, a escola e o curso que fazia. Atualmente, ela não vê a hora de tudo isso acabar e a vida voltar ao normal. Ela vai fazer dezesseis anos e sua vida está desse jeito! Espero que, quando ela fizer dezoito anos, tudo isso acabe! Se não acabar, irá piorar cada vez mais!

O dia que não terminou

Grasiele Mello da Silva

LAUREN É UMA GAROTA ENCANTADORA, inteligente e muito tímida. Mora com seus pais e suas irmãs.

Nos últimos dias, aconteceu uma coisa incrível, um sentimento inexplicável: Lauren se apaixonou pelo Jonathan, um músico que

fazia um trabalho sensacional. Só que, para as pessoas que estão em volta dela, esse amor é uma loucura, uma ilusão, uma fase – que, por ela ser muito nova, logo passará. As pessoas julgam-na por amar uma pessoa que só viu uma vez na vida, por Jonathan ser onze anos mais velho e por estar sempre na estrada.

Mas Lauren não se deixa abalar pelo que os outros dizem. Ela sabe que o que sente por ele é um sentimento tão forte que tem certeza de que é resultado de um amor verdadeiro. Mesmo que, às vezes, ela se sinta só mais uma no meio da multidão por não saber se ele ao menos se lembra dela.

Lauren sabe que, por Jonathan estar sempre viajando, pode encontrar outra garota e isso é o que a deixa triste. Triste também por estar no interior do Rio Grande do Sul e Jonathan morar na capital. Triste por não poder fazer nada para lutar por esse amor.

Tudo isso porque as pessoas nos dias de hoje não dão mais tanto valor ao amor verdadeiro. Referem-se a ele como se fosse uma "coisa", um objeto sem valor. Também julgam os adolescentes que, por serem tão jovens, não sabem realmente o que sentem. Isso é uma coisa muito séria: os adultos cometem muitos erros ao se referirem aos sentimentos dos adolescentes e, principalmente, ao não acreditarem que eles possam amar uma pessoa mais velha. O fato de gostar de uma pessoa mais velha já se torna um preconceito.

Para Lauren, o que resta a fazer é colocar tudo nas mãos de Deus. Que Ele faça o que todos acham que é impossível acontecer.

A história de Beatriz

Scheila Fernandes Rossi

Em uma pequena cidade onde existiam poucos moradores, vivia uma moça muito linda e muito inocente que se chamava Beatriz e que sonhava viver em São Paulo. Seus pais, Rodrigo e Cláudia, tinham muito orgulho de sua filha e apoiavam totalmente esse sonho.

Muito tempo se passou e Beatriz conseguiu economizar o suficiente para viajar a São Paulo. Arrumou suas coisas, comprou sua passagem, despediu-se de seus pais e amigos e partiu sem saber onde ficaria.

Pegou o ônibus e viajou. Chegando à rodoviária paulista, informou-se e conseguiu encontrar uma pensão barata. Lá se instalou, jantou e foi dormir. O lugar era pequeno, mas Beatriz se ajustou muito bem a ele.

No outro dia, Beatriz levantou cedo e começou a batalhar por um emprego. Procurou muito, mas não achou nada. Vários dias se passaram e Beatriz não conseguia nem um "bico" que fosse. O dinheiro estava acabando e ela começou a se desesperar. A moça não tinha contato com seus pais e não sabia o que fazer.

Certo dia, Beatriz foi a um bar para perguntar se não estavam precisando de garçonete. Como sempre, a resposta foi não. Um homem, que estava ali sentado, ouviu-a e ofereceu-lhe um emprego em que ela iria ganhar muito dinheiro. Beatriz teria apenas que acompanhá-lo.

Muito contente, Beatriz juntou suas coisas e saiu com o homem, sabendo dele apenas o nome: Inácio. Muito inocente, a moça caiu na lábia de Inácio. O emprego, que ela tanta desejava, chamava-se: *prostituição*. Beatriz apanhava muito, não recebia quase nada, deitava-se com qualquer um. Ela já não aguentava mais tanto sofrimento, não conseguia fugir, pois vivia trancada em um quarto; sem documentos, apenas esperando seus clientes.

Um dia, cansada de ser somente um objeto nas mãos dos homens, Beatriz enforcou-se com um fio de luz. Os pais nunca mais tiveram notícias de sua tão querida e amada filha Beatriz.

Cuidado!!!

Luciano Machado Antunes

João Carlos era um jovem de classe média alta que queria ser advogado. Era um ótimo aluno e um filho exemplar. Seu pai era cirurgião plástico, e sua mãe, psicóloga. A família morava em um bairro nobre de Porto Alegre.

Num bar perto da escola, João Carlos conheceu dois jovens envolvidos com drogas e se tornou amigo deles. O rapaz começou a sair com eles e passou a consumir drogas também. João Carlos deixou de ser um jovem exemplar, tornou-se um viciado.

No segundo bimestre da escola, as notas de João Carlos ficaram abaixo da média. Seus pais ficaram preocupados com o que estava acontecendo e decidiram conversar com ele, mas não adiantou. Tentaram novamente, mas João gritou com eles e disse que nunca havia feito nada de errado.

Os pais diminuíram o dinheiro da mesada, mas, depois de gastá-lo todo, João trocou seu celular pelas drogas. Os pais cortaram a mesada, mas, à medida que ficava sem dinheiro, João Carlos ia vendendo todas as suas coisas.

Finalmente, João Carlos não conseguiu mais esconder dos pais seu vício. Incentivaram-no, tentando levá-lo a um centro de recuperação, mas ele se recusava.

A mãe de João acabou entrando em depressão e teve de parar de trabalhar. O pai de João, ao fazer uma cirurgia plástica, cometeu um erro e foi demitido da clínica. O casal juntou todas as economias para poder pagar as contas do centro.

Enquanto isso, João Carlos continuava se drogando e querendo ir mais longe. Um dia, ele e seus amigos resolveram desafiar a si mesmos: João Carlos e outros dois deveriam roubar um carro e chegar a um esconderijo ao mesmo tempo.

Os três roubaram os carros, mas dois saíram em disparada. O rapaz estava tão "chapado" que não conseguia mais encontrar o

caminho. João Carlos corria em uma avenida muito movimentada a 95 km/h. Ao chegar a uma esquina, João não prestou atenção ao sinal e entrou embaixo de uma carreta que transportava óleo inflamável. Com a pancada, o carro em que estava o rapaz incendiou e explodiu. Um amigo, que estava no carro atrás de João Carlos, viu tudo e comunicou aos outros dois que fugiram nos carros roubados para outra cidade e deixaram o rapaz queimando nas ferragens.

No mesmo instante do acidente, a mãe de João sentiu um aperto no coração, ficando muito preocupada e nervosa como se soubesse que algo de ruim havia acontecido. Ela e o marido, então, saíram para procurar o filho e se depararam com o carro batido contra a carreta. Curiosos, pararam para ver o que acontecera.

Quando os bombeiros retiraram João Carlos do carro em chamas, a mãe viu o filho morto sem reconhecer o corpo. Quando chegaram mais perto, viram que realmente era João Carlos que estava ali, carbonizado.

A mãe do rapaz não suportou e teve uma parada cardíaca, não resistindo a tanta emoção. O pai de João Carlos, sem suportar ficar sozinho, saiu de carro sem rumo. Meia hora depois, ele voltou ao local e jogou o carro em direção à murada de uma ponte. A barra de ferro se rompeu e o carro caiu no rio. O pai também não resistiu e morreu.

Ensinamento para a vida

Jéssica Lara Mello

Em uma cidade do interior, com cerca de 190 mil habitantes, havia uma família muito rica, a mais rica do lugar. Era formada por pai, mãe e dois filhos. O pai era dono de uma grande empresa de supermercados, tinha 35 anos e era muito bonito. Seu nome era Alexandre Leffternon, e sua esposa ajudava-o a administrar as empresas. Isadora tinha 29 anos e também era muito bela. Os filhos

pequenos eram uma menina de seis anos, Roberta, e um menino de oito anos, Thiago. Ambos estudavam.

Essa família lutou muito para chegar aonde chegou. Alexandre e Isadora se conheceram na adolescência. Um amor muito lindo e forte que superara muitas barreiras, inclusive uma gravidez indesejada. Passaram-se alguns anos, e o sucesso chegou. Compraram uma bela casa, uma casa na praia, uma fazenda. Tinham tudo do bom e do melhor: era uma família feliz... até surgirem os problemas.

Alexandre recebeu uma proposta: abrir novos negócios em outras cidades grandes. Ele contou o plano para Isadora e ela achou que ele deveria aceitar, pois havia muito dinheiro em jogo. Entretanto, ambos deveriam viajar. Isadora e Alexandre nem pensaram nos filhos: viajaram sozinhos e deixaram as crianças com a babá Clemência, que cuidara de Alexandre na infância. Roberta e Thiago ficaram muito tristes, não queriam que os pais fossem.

Passou-se um mês. Alexandre e Isadora só mantinham contato por telefone. Passaram-se cinco meses. O casal viajava e realizava negócios internacionais. Como os dois andavam tão ocupados, não tinham tempo de ligar. As crianças falavam com eles por telefone apenas quando os pais podiam falar.

Clemência, muito preocupada com as crianças que estavam carentes e com saudades, resolveu ligar para o casal, dizendo que voltassem. Afinal, os filhos estavam querendo amor e atenção. Alexandre, muito bravo, respondeu:

— Avise a eles que o que estamos fazendo é para eles terem um futuro melhor e satisfazer seus luxos!!!

Alexandre ainda pediu que ela não o incomodasse mais.

Um ano e meio se passou e o casal ainda não havia voltado. Roberta e Thiago completaram aniversário, e os pais nem ao menos ligaram. Um dia, Thiago começou a passar mal. Levaram-no ao médico.

A babá, os empregados e motoristas tentaram comunicação com os pais do menino até conseguirem falar com Isadora. Avisaram

que o filho estava muito doente. Ela, muito preocupada, disse a Alexandre que voltaria para cuidar de Thiago.

O marido afirmou que ela não poderia ir, pois precisaria da esposa nos negócios. “Deve ser apenas uma gripe”, tranquilizou-a. Isadora pensou bem e respondeu aos empregados que ficaria. Se fosse algo mais grave, voltaria.

Ocorre que não era apenas uma virose. Thiago estava muito mal. Clemência pediu ao médico o que o menino tinha para justificar tantos exames e tantos dias no hospital. O médico disse:

— O menino precisa do pai e da mãe.

— Por quê? O que aconteceu?

— Ele precisa de amor. Ele não tem muito tempo. Ele está com leucemia. — Disse o médico.

Clemência quase desmaiou. Logo em seguida, ligou para o casal e falou com Isadora. A ligação estava ruim, e Alexandre, com raiva, desligou o telefone. Estava cego pelo dinheiro, estava ganancioso. Não atendia mais ao telefone nem deixava a mulher atendê-lo.

O menino precisava de uma transfusão de sangue do pai ou da mãe. Somente o tipo sanguíneo de Alexandre seria compatível. Thiago sentia que não iria resistir e escreveu uma carta que deixou com sua irmã Roberta.

Três semanas se passaram. O médico comunicou à Clemência:

— Infelizmente, Thiago não resistiu.

Clemência não aguentou essa dor tão grande: teve um ataque cardíaco e faleceu. Roberta ficou morando com a avó, mãe de Isadora. A antiga casa da família ficaria sob os cuidados dos empregados até que o casal retornasse.

E o retorno aconteceu uma semana após dessas mortes. Chegando em casa, Alexandre e Isadora gritaram por Thiago e Roberta. Então, a empregada apareceu e contou o acontecido: o motivo de tantas ligações, a doença do menino, a morte da babá e nova residência da menina. Alexandre ficou pasmo, paralisado. Isadora chorou até ter náuseas.

Depois do choque, os pais procuraram a menina e abraçaram-na forte. A menina lhes deu a carta de Thiago que dizia assim:

"A minha felicidade não era com luxos e bens materiais. A minha felicidade era só ter o amor, carinho e atenção. Eu amo vocês, estarei cuidando de vocês lá de cima. Cuidem bem da minha maninha e que o Papai do Céu proteja vocês, minha família, que eu amo demais."

O pai não conseguiu suportar tanta dor e preferiu tirar sua vida, atirando-se de um penhasco. Sua mulher Isadora, após perder o marido, descobriu que tinha câncer e que sua filha ficara deficiente mental. Perderam tudo. Roberta foi internada e Isadora ficou em uma cadeira de rodas.

O grande ensinamento para a vida é aprender que amor, carinho e atenção são gestos simples, mas que mudam uma vida. Siga seu coração com base nessa história. A vida não é feita de bens materiais e, sim, de amor. Então, nunca deixe para fazer amanhã o que se pode fazer hoje, pois pode ser que o amanhã não exista. Pode ser que não dê mais tempo.

O vencedor

Jéssica Daniele de Oliveira Padilha

PATRICK AMANHECEU MUITO FELIZ, de bom humor. Disse à sua mãe que, naquele dia, estava com sorte e iria jogar na Mega Sena. Disse que pressentia que dali a uma semana seria o novo ganhador. Bárbara lhe desejou boa sorte e disse que deveria fazer o que seu coração mandava.

Logo após o café da manhã, Patrick saiu para o trabalho e, no ônibus, encontrou Luiz, um de seus colegas.

— Que cara de felicidade é essa, Patrick?

— É que eu vou jogar na Mega Sena e acho que vou ganhar.

— É mesmo? Então, boa sorte!

Patrick chegou ao trabalho, fez suas obrigações, digitou várias coisas em seu computador para seu chefe Eduardo. Ao encerrar o expediente, despediu-se de Eduardo e foi direto a uma lotérica. Beijou os números escolhidos no bilhete e foi para a casa de sua namorada, Débora. Patrick nem esperou entrar, foi logo contando que tinha jogado na Mega Sena e estava pressentindo que seria o novo ganhador. O casal de namorados entrou em casa, conversou um pouco, jantou e tirou a mesa. Depois, Patrick e Débora foram até a sala namorar um pouco. Por fim, o rapaz se despediu e foi embora.

Quando chegou em casa, Patrick largou suas coisas em cima da cama, tomou banho e foi dormir. No dia seguinte, levantou-se com uma super disposição, tomou seu café e foi trabalhar. Durante o resto da semana, seguiu sua rotina sucessivamente, estudando, sorrindo, conversando, divertindo-se.

Chegando o fim de semana, sábado pela manhã, Patrick acordou, tomou seu café e foi para o trabalho (que naquele dia era de meio turno). À tarde, chegou em casa, tomou banho e foi para a casa de Débora. Passaram a tarde juntos e, à noite, foram para a balada. Beberam, dançaram, encontraram vários amigos e se divertiram muito. Voltaram mais ou menos às cinco e meia da madrugada.

Patrick deixou Débora em casa e voltou para a sua. Tomou banho, dormiu e só acordou às quatro horas da tarde. Arrumou o quarto, comeu e já foi para a casa da namorada. O rapaz passou lá o resto da tarde, jantou, namorou e foi embora. No meio do caminho, Patrick encontrou o amigo Andrey o qual comentou que, no dia seguinte, sairia o resultado da Mega Sena. Patrick, com muita fé, disse a Andrey que jogara e pressentia que iria ganhar. Conversaram mais um pouco e se despediram. Andrey desejou boa sorte.

Patrick chegou e foi direto para a cama. Na segunda-feira, acordou muito feliz, lavou o rosto, tomou café, escovou os dentes, penteou os cabelos, deu um beijo em sua mãe e se despediu. Trabalhou muito ansioso, não via a hora de terminar o horário de serviço para saber logo o resultado.

Enfim, Patrick cumpriu seus afazeres diários. Uns dez minutos antes de acabar o expediente, Eduardo veio até ele e disse:

— Hoje você pode sair dez minutos antes! — e logo fez uma brincadeira: — Se você ganhar, não esqueça de seus antigos amigos, viu? Ah! Ah! Ah!

Patrick saiu todo feliz e nervoso. Na lotérica, viu o resultado e quase desmaiou de felicidade: era ele mesmo o ganhador da Mega Sena!!

Depois de alguns dias, Patrick já estava com todo o dinheiro do prêmio. Já tinha comprado um carro, estava planejando comprar uma casa para ele e outra para sua mãe.

Dois anos depois... Patrick casou-se com Débora e eles vivem muito felizes. Débora já está esperando um bebê. Ela trabalha em um hospital como enfermeira. A mãe de Patrick já está morando na nova casa que ganhou de presente do filho. O casal apaixonado vive viajando e conhecendo novos lugares... todos belíssimos como o amor dos dois.

O retrato da realidade

Lucas Wasem

NUM BAIRRO POBRE DE UMA GRANDE cidade, vivia um garoto chamado Ivan. Ele não gostava de seu nome, queria que todas as pessoas lhe chamassem *Tim Maia*.

O garoto era filho de pais separados, morava em uma casa com dois cômodos e um banheiro em um dos bairros mais marginalizados da cidade. Tinha apenas treze anos, mas era respeitado e temido como se fosse o maior bandido da cidade, andava armado e usava drogas frequentemente. O que ele dizia era lei.

Certo dia, Tim Maia foi a uma festa particular, na casa de um outro garoto drogado. Ameaçou matar sua mãe quando ela, já bêbada, lhe chamou pelo nome, dizendo:

— Ivan, já para casa, antes que eu chame seu irmão!

O garoto ouviu aquilo e, sem hesitar, colocou o revólver na cabeça de sua mãe e ameaçou matá-la se tornasse a chamá-lo pelo seu nome. Nesse momento, entrou o irmão mais velho, líder de uma outra gangue, que afastou Ivan de sua mãe, levando-a para casa.

Em uma outra noite, em outra casa onde as drogas e a bebida rolavam soltas (inclusive para menores de idade), um garoto desafiou Tim Maia, dizendo:

— *Vamo vê!* Desta vez a mamãezinha do Ivanzinho não vem *buscá* ele!

Assim que o garoto terminou de falar, Tim Maia sacou sua arma e lhe aplicou dois tiros: um nas pernas e o derradeiro no meio da cabeça.

O que Tim Maia não sabia é que alguém que morava perto daquele lugar havia denunciado à polícia as irregularidades que ali aconteciam. Na hora dos dois tiros, policiais armados invadiram a casa e prenderam Tim Maia, levando-o para a Febem.

Naquela mesma noite, mais dezesseis menores de idade foram presos e levados à Febem, também foram presos três traficantes de drogas e alguns jovens que forneciam bebidas alcoólicas para os menores.

O que você acha que aconteceu com Tim Maia após sair da Febem? Será que mudou de vida ou voltou à marginalidade pelas ruas? A sociedade brasileira se preocupa com esse garoto? Ou está mais preocupada em encher seu próprio bolso para garantir uma boa vida?

Essa é a interrogação que a história de Tim Maia deixa. Sem um final definido, a única evidência bem explícita é que, atualmente, esse é o retrato da realidade brasileira.

O governador

Leonardo Rudinei Lara

No estado do Rio Grande do Sul, havia um governador muito querido por seus cidadãos. O motivo por ser querido era a honestidade. O governador só pensava em trabalhar, queria o bem das cidades, do estado e de seu povo.

Assim, o governador não queria saber de férias e, muito menos, de namoro. Além do trabalho, ele gostava de pescar, tomar banho de cachoeira e ver os animais.

Nos lugares a que ia, sempre levava uma "cantada" ou recebia bilhetes que diziam mais ou menos assim:

Sr. Governador, se quer encontrar a felicidade, case-se comigo. Terá todo carinho, atenção e amor do mundo.
Um beijo e um abraço.
De sua admiradora,
(Marta)

Entretanto, o governador nem ligava para esses bilhetes. Seu pensamento sobre isso era que a incapacidade e covardia de uma mulher ao mandar apenas um bilhete, deixava-o com a impressão de ambição, interesse. Ele sonhava enxergar uma mulher e que essa visão o fizesse suspirar e sentir seu coração bater mais forte. Ele pensava assim. Seu lema – para relacionamentos – era: "Árvore boa é aquela que dá bons frutos!"

Bem, o tempo passou e o governador foi se sentindo só. Sentia falta de uma companhia, uma parceira. Resolveu, então, dar um passeio com velhos amigos do tempo da adolescência, ir a boates, *shows* e eventos.

Um dia, encontrou uma pessoa especial, que o fez suspirar e também fez seu coração bater mais forte. Ele a convidou para sair; começaram a namorar; noivaram e se casaram. Tiveram dois filhos,

a quem amavam muito. Enfim, o governador encontrou uma pessoa boa que lhe fez muito feliz.

Vida com mudanças

Rafaela Siqueira Alves

UMA VIDA MUITO MONÓTONA passa a ser uma vida cheia de correrias, amizades e diversões.

Assim é a vida de um menino chamado Mateus. Ele atingiu os dezesseis anos e tudo o que ele planejou, ele alcançou. Sabe aquele sonho que todo menino tem? Atingir a idade do trabalho que, para ele, significa sua independência? Pois é, Mateus arrumou seu primeiro emprego, deixando aquela fase de meninice, passando a ser um adolescente com suas primeiras reais responsabilidades.

Seu primeiro emprego foi em um escritório, com pessoas muito importantes, todas formadas. Ele ficava numa pequena sala, com duas grandes janelas de vidro, três mesas, três cadeiras, um pequeno armário marrom bem antigo e dois computadores. Tudo muito simples. O chefe de Mateus era um homem muito educado e rico, embora fosse "mão-de-vaca". O coitado chegava a ranger os dentes ao pagar Mateus. Mas tudo bem, "pagando é a conta".

Mateus organizava arquivos, fazia planilhas no computador e atendia a vários telefonemas... mas também fazia novas amizades, porque era lá que passava a maior parte do tempo. Mateus começou a sair com seus amigos e amigas de serviço e chegou a conhecer até mesmo novos lugares.

Depois que saía do serviço, Mateus começou a passar mais pelo centro da cidade nos horários de pico. Era a hora em que todos estavan saindo do serviço, as vitrines das lojas estavam bem expostas, o mercado estava cheio. Mateus começou a fazer amigos também nas ruas e no ônibus. Sabe aquela pessoa que pega o ônibus no mesmo horário que a gente todo dia e a gente começa a conversar?

Por isso, hoje a vida de Mateus é muito divertida. Ele sai com seus amigos, vai com eles a *shows*, festinhas pessoais, barzinhos. Hoje ele tem seu próprio dinheiro e pode pagar todas as suas diversões. Como é bom! A vida de Mateus torna-se a vida tão esperada por todos os meninos graças a uma pequena-grande palavrinha: TRABALHO.

O assalto falhou

William Leida dos Santos

NUMA TARDE DE INVERNO, FUI para o centro olhar as lojas em busca de um tênis. Após olhar e não ter comprado nada, voltei para casa. Quando já estava chegando perto de casa, passei por alguns rapazes e dois estavam de bicicleta. Andei mais alguns metros e aí aconteceu a cena.

Eu estava de boné. Quando me dei por conta um dos rapazes roubou meu boné. Foi tudo muito rápido, quase nem pude notar. Assim que o vi correndo na bicicleta com meu boné, saí atrás. Passei por várias pessoas e ninguém quis me ajudar.

A rua era reta, mas suas travessas eram descidas. Numa esquina, o ladrão quis descer. Foi trocar a marcha da bicicleta e a correia caiu. Ele teve de parar e eu cheguei por trás e recuperei o boné.

O ladrão fugiu na bicicleta e eu fiquei feliz por ter de volta o meu boné.

Grupo de danças

Jorge Luiz Andrade da Silva Jr.

NUMA QUINTA-FEIRA DE MANHÃ, a aula estava muito chata, como em qualquer outro dia. No final do quarto período, recebe-

mos da diretora a notícia de que o grupo de danças do colégio tinha uma apresentação a fazer para autoridades da Prefeitura de Passo Fundo na inauguração de uma outra escola municipal no sábado seguinte.

Todo mundo ficou apavorado com a notícia de última hora. Não deu outra. Saíram no meio da aula de Português, deixando a professora sozinha no quadro, passando matéria até não poder mais e se mandaram para a sala de dança onde ensaiariam os passos.

Os doze pares que iam se apresentar estavam fazendo corpo mole nos movimentos, sem vontade, sem determinação e sem coordenação. Estava uma droga o ensaio! No dia seguinte, sexta-feira, no começo do ensaio, fizeram uma reunião de incentivo para o grupo de danças, ensinando tudo sobre comportamento, persistência, disciplina e respeito aos outros. Todo mundo abaixou a cabeça e começou a ensaiar direito, com vontade, com determinação e com coordenação em seus movimentos. Assim passaram o dia inteiro, ensaiando e deixando as coreografias na ponta dos braços e pernas.

No sábado, não foi diferente, e lá se foi mais um ensaio longo nas coreografias que seriam apresentadas naquele dia às quatro horas da tarde.

Finalmente, chegou a hora da apresentação para as autoridade da Prefeitura de Passo Fundo. Subiram ao palco numa chuva que só vendo! Mas isso não atrapalhou o *show* que fizeram. Quando terminou a apresentação o público não parava de aplaudir os alunos. Eles ganharam um lanche bem farto com todos os tipos de salgados, doces, refrigerantes e sucos.

"Na vida, quando não se tem muito tempo para certas coisas, aproveita-se o máximo de tempo que se tem. Com determinação e amor ao que se tem para fazer, será possível atingir sua meta!"

História de família

Zenita de Souza

Com esta história, vou contar um pouco do dia-a-dia de uma família que vive dias difíceis por estar se dividindo.

Sebastião, um homem apaixonado por seus três filhos e sua esposa, vê sua vida virar de cabeça para baixo. Suas filhas começaram a sair à noite para baladas. A esposa resolveu ir junto com elas, dizendo que iria cuidá-las, mas acabou gostando das noitadas e abandonou sua família em busca de diversão.

Com isso, a família desmoronou. Cada um fazia o que queria. Sebastião não conseguia tomar conta e vivia se martirizando, achando que tudo que acontecia era sua culpa. Todos os seus amigos e parentes o aconselhavam a reagir e começar uma vida nova, mas Sebastião não conseguia superar a separação.

Das filhas, uma foi embora junto com a mãe. As outras duas, uma de 15 e outra de 17 anos, ficaram. Entretanto, isso não foi suficiente para Sebastião reagir.

Hoje, todos torcem para que ele reconstrua sua vida e seja feliz.

Será que tudo vale a pena?

Rosecléia Pino de Moura

Talvez você já tenha escutado ou conhecido histórias parecidas. Mas nesta última semana me surpreendi com a história de uma menina morena de 17 anos. Seu nome era Carla e estava no auge de sua vida.

Carla resolveu viajar de Passo Fundo para o Rio de Janeiro. Chegando lá, foi encontrar sua tia e suas primas que residiam no centro da cidade.

Como toda adolescente, Carla saiu com suas primas para a balada, onde conheceu um rapaz que era galanteador, gentil, educado... o homem perfeito! Ele e Carla saíram várias vezes e, enfim, tiveram um relacionamento. Ela acabou voltando para Passo Fundo. Retomava sua vida quando recebeu em casa uma coroa de flores de pêsames.

Apavorada, Carla viu que junto da coroa havia uma carta que dizia: "Parabéns! Você foi minha vigésima vítima. Você contraiu o vírus da AIDS." Carla não sabia o que pensar. Resolveu fazer o exame e, com isso, teve a certeza: havia mesmo contraído HIV. Sofrendo com o preconceito, Carla suicidou-se.

Acho que, apesar de tudo, as pessoas devem lutar e jamais desistir de seus ideais. Passar por cima das dificuldades e lutar por sua vida acima de tudo e de todos, sem jamais se entregar.

O preconceito contra as pessoas portadoras do vírus é totalmente fora de propósito. Existem portadores que não aguentam o sofrimento e fazem como ela fez.

Então, lute por sua vida, que é uma só! E que as pessoas se conscientizem para ter um mundo melhor!

A dificuldade da família

Marina Guariniri

ERA UMA FAMÍLIA CHEIA DE PROBLEMAS, que vivia numa casa pequena do outro lado da cidade. Eram quatro pessoas: o pai, Jorge, e a mãe, Maria. Os filhos iam para o colégio estudar. O mais velho era Júlio, de dezenove anos, que trabalhava à tarde. A filha mais nova é Joana, de dez anos, que não trabalhava ainda.

Jorge e Maria eram pobres, ganhavam muito mal, dando apenas para colocar comida na mesa. Júlio ganhava pouco, mas ajudava nas despesas da casa. Joana brincava de boneca em casa com suas amigas Marta e Sílvia.

Todo dia Jorge e Maria chegavam do trabalho no final do dia. Ela fazia a janta e, logo em seguida, o filho Júlio chegava do serviço. Jantavam, assistiam à TV e iam dormir. No dia seguinte, levantavam, tomavam café, o casal ia para o serviço, Júlio e Joana saíam para o colégio. Horas depois, os filhos voltavam, Júlio ia trabalhar e Joana ficava em casa brincando.

Aquele dia passou normalmente. A noite chegou, Jorge e Maria voltaram para casa. Como sempre, ela foi preparar a janta. Mas Júlio estava estranho, parecia que tinha acontecido alguma coisa. Perguntaram para ele, mas ele ficou quieto. Todos jantaram.

Horas depois, Júlio disse, nervoso, que não ajudaria mais nas despesas de casa e saiu batendo a porta, bravo. Parecia estar com ódio de alguém. Ninguém na casa conseguia entender nada do que havia acontecido. Todos ficaram assustados com aquela situação.

Jorge e Maria não sabiam o que fazer, porque o salário deles mal dava para pôr comida na mesa. Ficaram preocupados com Júlio e, principalmente, com Joana, menina tão simples e ingênua que sonhava em ser princesa e não tinha ideia do que estava ocorrendo. Maria explicou a situação e Joana se entristeceu.

— Não fica triste, filha. A gente vai dar um jeito! Nós não vamos deixar você passar fome!

Júlio se arrependeu. Pediu desculpas para os pais, explicou o que estava acontecendo e terminou todo mundo feliz... unidos numa família feliz.

Uma noite, um destino!

Lucas Hoffmann dos Santos

MÁRIO ERA UM GURI MUITO festeiro. Gostava de ir a todas as festas. Às vezes, fugia de seus pais, inventava alguma coisa e acabava na farra. Mesmo contrariado por seu irmão Júlio, que era o mais velho.

Certa vez, Mário foi convidado para uma festa que seria em um lugar muito longe de sua casa. Júlio avisou que era um lugar muito perigoso. Mesmo assim levou-o e disse que, quando chegasse a hora da ir embora, Mário ligasse para seu celular e ele iria buscá-lo.

Mário estava todo arrumado, pensando – como sempre – em arranjar alguma menina para namorar. Mas – como sempre – nada acontecia.

Já era tarde. Era hora de voltar para casa. Mário pegou seu celular. Para sua surpresa, o celular estava fora de área e ele resolveu ir a pé para casa. Saiu feliz, cantarolando pela rua. Foi quando percebeu que estava sendo seguido por homem de baixa estatura. Mário tentou fugir, mas o homem o seguia insistentemente. Então, como era muito valente, Mário parou e resolveu enfrentar o homem.

— Retorne! Não vá para casa! — disse o desconhecido.

Mário não seguiu o conselho. Quando chegou em casa não viu ninguém. Todos haviam saído. Novamente, o homem lhe disse:

— Não vá para a casa de sua avó!

Quando chegou à casa de sua avó, não havia ninguém. Foi então que Mário começou a ouvir o que aquele misterioso homem lhe falava. Passou a segui-lo pelas ruas escuras da cidade.

Numa delas, avistou o carro de seu pai. Tinha certeza de que era o carro do pai, mas estranhou porque estava parado em frente a uma capela. O homem misterioso desapareceu na escuridão da madrugada.

Mário entrou na capela e viu toda a sua família chorando em frente a um caixão. Quando se aproximou dele, surpreendeu-se, pois viu que a pessoa dentro do caixão era... ele mesmo!!

Mário começou a correr. Foi então que o homem apareceu novamente e revelou seu rosto. Era uma caveira e segurava uma foice gigantesca em suas mãos.

— Esqueci de me apresentar — disse o homem — meu nome é Morte e hoje ganhei mais um para minha coleção...

*As loucuras das BFF's**

Jéssica Freyer Pedersen

Na noite do dia 3 de junho de 2006, eu e minhas amigas Naty, Josi, Jé e Gysa resolvemos, de última hora, fazer uma janta. Começamos, então, os preparativos e fomos para a sala, enquanto a comida cozinhava.

Empolgadas na conversa, esquecemos que tínhamos deixado a comida cozinhando e sentimos um cheiro de queimado. Então, a Gysa saiu correndo e desligou o fogo. Fomos olhar: não havia queimado tudo e comemos mesmo assim.

Então, lembrei que em minha casa havia vinho. Fui buscá-lo. Chegando lá, minha mãe olhou e disse:

— Jéssica, o que você quer?

— Mãe, eu vim buscar o suco de uva que a gente fez e ficou aqui.

— Então, *tá* bom. Leva a chave de casa porque eu vou dormir.

Saí de casa e voltei para a casa da Naty onde estávamos jantando. Começamos a beber. O vinho acabou e nós queríamos mais. Juntamos uns "troquinhos" que tínhamos nas carteiras, e a avó da Naty disse:

— Eu dou R$ 5,00 pra vocês!

Somando, tínhamos R$ 10,00. Descemos até o Bar 10% para comprarmos cerveja. Resolvemos ir para minha casa, escutar música e beber.

Voltamos a beber e já não estávamos bem... Então, o namorado da Naty ligou perguntando o que estávamos fazendo.

— Nós estamos bebendo e escutando música. — ela respondeu.

— Não bebam demais, senão vocês não vão ficar bem. — ele aconselhou.

---

* BFF são as iniciais da expressão *Best Friends Forever* que, em inglês, significa *Melhores Amigas para Sempre.*

Mas nós não ouvimos, e, então, eu peguei R$ 15,00 na carteira da minha mãe. Resolvemos comprar um *Martini*. Tomamos sem gelo e aquilo "pegou" rápido.

Quando menos esperávamos, minha mãe levantou e perguntou o que estávamos fazendo. Nós não estávamos nem um pouquinho bem. Dissemos que estávamos escutando música e comendo pipoca.

Quando menos esperávamos, a Gysa – que estava no banheiro – vomitou. Minha mãe ficou furiosa e perguntou o que estávamos bebendo.

— Nada! — eu respondi.

Ela veio pro meu lado, pegou meu copo e viu que era *Martini*. Não falou nada. Só deu risada.

As gurias resolveram ir embora. Eu, bêbada, ainda tive que limpar a casa. Fui dormir aí pelas 5h 30min da manhã e acordei uma hora depois para ir ao colégio.

Eu me arrependi! Fiquei dois dias de ressaca e uma enorme dor de cabeça. Hoje a gente lembra daquele dia e dá muitas risadas juntas.

Esse é o dia-a-dia de amigas que se juntam para fazer bagunça!!

O caminho das drogas

Jussana Dal Piazze Garcia

EDUARDA ERA UMA MENINA de classe média alta, parecia ser muito feliz, pois tinha tudo o que queria. Estava sempre bem vestida com roupas de marca, carro importado, celular dos mais modernos. Enfim, financeiramente estava super bem. Mas duas coisas a deixavam insatisfeita: o assédio da mídia e a forma como era tratada por seus pais.

A mãe de Eduarda só prestava atenção na aparência e não queria saber dos sentimentos da filha. O pai jogava Eduarda para cima de

seus amigos milionários, pois desejava que ela fizesse um casamento vantajoso para não ficar falado entre seus amigos e familiares.

Numa noite, Eduarda teve uma grande discussão com seus pais, pois tentava explicar a eles o que estava sentindo. Sem conseguir convencê-los, Eduarda saiu pela rua muito nervosa. Foi quando passou em frente a uma boate que nunca havia frequentado e resolveu entrar para ver como aquelas pessoas se divertiam.

Na copa, Eduarda pediu algo para beber. Um rapaz sentou ao seu lado e começou a conversar com ela. O papo estava muito bom até ele lhe oferecer um baseado. Eduarda achou que, usando a droga, iria esquecer um pouco do que estava acontecendo em casa. Acabou aceitando.

A menina começou a usar a droga diariamente junto com seu namorado; o mesmo que tinha lhe oferecido a droga na boate. Eles já não tinham mais ninguém, e o pai de Eduarda cortou toda a sua mesada, expulsando-a de casa. Disse que não tinha mais filha nenhuma.

Eduarda foi morar com o namorado, que vivia em um quarto de pensão. Estava já totalmente viciada e começou a usar drogas mais pesadas como cocaína, *ecstasy* e crack.

Num dia, no momento em que se drogava, começou a passar mal e teve um princípio de *overdose*. Seu namorado levou-a ao hospital e deixou-a lá sozinha. Quando Eduarda acordou, estava sentada à beira da cama uma velha amiga que disse que a menina precisava de um tratamento especial. Sentindo-se horrível, Eduarda aceitou na hora fazer o tratamento.

Ficou internada em uma clínica para dependentes químicos durante cinco meses. Ao sair de lá, estava recuperada e ficou na casa de sua amiga por um bom tempo. Numa tarde, em que estava sozinha, o ex-namorado bateu à porta e pediu para conversar. Eduarda aceitou. O rapaz pediu para que voltassem a namorar, pois não conseguia viver sem ela e a amava demais.

O casal voltou a namorar e ele continuou usando drogas. Após uma briga com o namorado, Eduarda teve uma recaída e voltou a

se drogar, mas ela não imaginava que estava grávida de dois meses. Quando descobriu, contou ao namorado que ficou extremamente agressivo. Ele não gostava de crianças e não queria ter filhos.

Eduarda continuou usando drogas, mesmo estando grávida. Um dia ela amanheceu enjoada e começou a consumir drogas, passou mal, tentou pedir ajuda, mas não conseguiu sair de casa. Quando o rapaz chegou, encontrou Eduarda caída no meio da sala, inconsciente. Ela tinha acabado de ter uma *overdose*.

O namorado chamou a ambulância, que levou Eduarda ao hospital, aonde ela chegou ainda com vida. Os médicos tentaram de tudo para salvar o bebê e Eduarda. Os pais da menina foram até lá e quiseram falar com o médico. Quando ele veio, disse que infelizmente ela e o bebê haviam dado óbito naquele exato momento.

O namorado fugiu e nunca mais ninguém o viu. Os pais de Eduarda estavam apavorados. Não sabiam o que fazer. Hoje participam de um grupo de pais contra drogas, tentando mostrar a todos que esse caminho só traz perdas e infelicidade.

Em busca do amor

Joana Amélia da Silva

JOANA ERA UMA MENINA que nunca tinha amado.
Até que, num belo dia de outono, numa praça, a seu lado,
Joana olhou
e a Alisson encontrou.
Era um cara que ela não imaginava encontrar,
pois acreditava que nada perfeito poderia ficar.
Segundos a olhar,
começaram a beijar.
O vento a soprar,
fazia folhas voarem e o romantismo ao coração chegar.
Começaram a se amar

e, assim, a namorar.
Como ela acreditava que nada perfeito era
Alisson, 18 anos completos, teve de se alistar
e, então, sua cidade deixar
para ao quartel chegar.
Mas nada mudou o amor
e, deles, o calor.
Quando Alisson, Joana ia visitar
ou em cartas não parava de jurar:
"Joana, para sempre vou te amar".

Joana a completar:
"A seu lado para sempre vou estar."
Até que seu país guerra declarou
e Joana em depressão entrou,
pois seu amor iria guerrear.
Então, Alisson foi à guerra. Matou,
mas também chorou
a cada dia de Joana lembrou.
Meses depois, Joana escreveu, esperou e orou
e a resposta não retornou.
Quando a guerra findou,
Joana seu amor procurou.
Aos que retornavam, perguntou.
Tudo explorou.

Saber de Alisson buscou,
mas nada encontrou.
Anos e anos se passaram
e Joana nada conseguiu.
Quando 25 anos e seis meses foram completados,
Joana descobriu que numa clínica após a guerra,
um homem havia se internado.
Fisicamente, com Alisson parecido,

em busca desse homem viajou.
Em uma tarde de outono novamente, Joana o encontrou,
esmorecido.
O vento soprou,
Joana o beijou.
Dela ele lembrou.
Por tanta emoção, Joana enfartou,
morreu.
A seu quarto, Alisson correu
e se enforcou.
Numa carta dizia:
"Em busca de meu amor irei,
no céu ou no inferno a encontrarei".

Uma lição de vida

Marta Rejane de Oliveira Colombo

Um dia, uma moça muito bonita e educada ganhou uma bolsa de estudos para um colégio particular. Seu nome era Bárbara, e ela era muito pobre. Assim que começou a estudar, Bárbara arranjou muitos amigos e era querida por todos, que a admiravam por sua simplicidade de ser.

Um dia, algumas meninas que não gostavam dela descobriram que Bárbara era muito pobre, e todos se voltaram contra ela. Quando a moça foi falar com seus amigos, eles a desprezaram, pois só se interessavam na classe social dela.

Bárbara ficou muito desapontada com essa atitude. Ficou tão triste que pensou até em parar de estudar, mas a mãe insistiu que ela deveria continuar. Bárbara resolveu não desistir, porque era sua vida que estava em jogo. Mesmo sendo pobre, tinha muita saúde.

Certo dia, viu uma das meninas que a desprezava chorando e totalmente sozinha num canto da escola. Bárbara perguntou o que

tinha acontecido e por que ela estava chorando tanto. A menina falou que estava muito doente e contara o caso a seus amigos. Simplesmente, eles a tinham abandonado como ela abandonara Bárbara.

Bárbara não a abandonou e disse claramente:

— Dinheiro não é tudo nem qualidade, pois sou pobre e tenho muita saúde. Você que é rica pode ter coisas de valor e comprar tudo o que quiser, mas não pode comprar a saúde.

Pegou a mão da menina que enxugava as lágrimas e completou:

— O que temos de mais valor é a saúde, nossos amigos e nossa família, pois sem eles não somos nada.

Bárbara e a menina tornaram-se muito amigas. A menina se curou e o caso delas serviu de lição para os outros, que voltaram a ser seus amigos.

Ercely

Andréia Rocha Gois

Minha história é um pouco triste, mas é real.

Havia um casal que morava perto de minha casa: Vilso e Vânia. Eles tinham dois filhos que se chamavam Estefânia e Joilson. Eram muito amigos de nossa família

A Vânia engravidou pela terceira vez, e nós esperávamos muito ansiosos a chegada daquela criança. Foi no dia 17 de maio de 2005 que o nenê chegou. Era uma menina linda. Parecia ser uma criança sadia e foi assim até um aninho e um mês de idade.

Eu fiquei mais feliz ainda quando a mãe dela me convidou para batizar a criança. A menina chamou-se Ercely. Eu era a madrinha mais feliz do mundo, porque ela era uma criança muito linda.

Os dias foram passando e ela crescia. Eu nunca deixava de ir a sua casa todo dia para lhe dar um beijo. Um ano se passou. Ercely completava um aninho. A festa foi linda, porque ela brincava muito,

sorria muito! Ela era feliz porque todas as pessoas que conviviam com ela a amavam muito.

Mas, no dia 9 de junho de 2006, num domingo à tardinha, o pai de Ercely bateu à nossa casa apavorado. Perguntei a ele o que havia acontecido. Ele começou a chorar e disse:

— A Ercely está no hospital!

Conversamos com ele, pedimos que se acalmasse e nos contasse o que havia acontecido. Vilso, então, contou que eles haviam ido passear na casa dos pais dele no interior de Sertão. Falou que Ercely passou o domingo brincando e estava bem. Ela dormira à tarde e acordara com um pouco de febre.

Estefânia convidou Vilso para voltar a Passo Fundo porque Ercely estava com febre. Saíram rapidamente, mas no caminho a criança começou a passar mal e teve uma convulsão. Desesperados, procuraram o Hospital de Sertão que era o mais próximo. Chegando lá, Ercely teve uma nova convulsão. Rapidamente, levaram-na de ambulância ao Hospital São Vicente de Paulo em Passo Fundo. As convulsões não paravam. Ercely entrou em coma profundo, e os médicos disseram que era efeito dos medicamentos que a menina tomava; ela iria acordar na manhã seguinte.

Na segunda-feira, lá estávamos nós para saber se a Ercely já havia acordado. Mas isso não tinha acontecido. Ela passou a terça-feira desacordada. O médico disse que ela estava com morte cerebral. Era muito difícil acreditar. Nós tínhamos esperança de que ela acordaria a qualquer hora, porque seu coração batia normalmente.

A partir daí, os médicos não nos deixaram vê-la. Apenas os pais podiam entrar no quarto. Na quarta-feira à noite, foram liberadas as visitas. Eu e minha mãe pudemos vê-la. Ercely dormia. Os enfermeiros tinham colocado roupa e feito *chuquinha* nos cabelos dela.

Voltei para casa com a esperança de que um milagre acontecesse. Na quinta-feira, 13 de julho de 2006, nossas esperanças acabaram. Ao meio-dia, recebemos um telefonema. Era a mãe de Ercely, contando que ela falecera.

Foi o dia mais triste da minha vida. Parecia que não era verdade tudo o que estava acontecendo. Parecia um pesadelo! Pior ainda: Estefânia pediu para eu levar a roupinha dela no hospital. Eu não tive coragem e pedi à minha mãe para levar.

Só fui encontrá-la novamente na igreja onde foi velada. Foi muito triste vê-la naquele caixão. Parecia que ela dormia feito um anjo. Uma pessoa chegou ao meu lado e disse "Deus estava precisando de um anjo ao lado Dele, por isso a levou... porque a Ercely é muito bonita".

É difícil acreditar que ela não está mais aqui. Também não entendo por que Deus a levou. A menina era apenas uma inocente que estava aprendendo as primeiras palavras, o primeiro passo para a vida. Até hoje eu me pergunto: por quê? E eu não tenho resposta.

Ercely! Faz um ano que você não está mais entre nós, mas eu, sua madrinha, nunca esqueço de você. Eu fico pensando como você está agora. Quem sabe um dia nós nos encontraremos? Onde você estiver, eu sei que você está bem. Nunca vou esquecê-la, porque a amo muito.

Umas férias diferentes

Franciele de Vargas

Uma mãe acompanhada por duas filhas viajou para a praia. Chamava-se Dinorá; sua filha mais velha, Tânia; sua filha mais nova, Karolina. Na praia, Dinorá pretendia ficar apenas 60 dias.

Na segunda semana, Karolina e Tânia resolveram ira para uma balada. Lá a irmã mais nova conheceu Rafael e se encantou por ele. Pouco depois da festa, ele foi conversar com a menina e começou um namoro em que tudo parecia perfeito.

Passaram-se os dias e chegou o momento de Dinorá partir com suas filhas. Rafael implorou para Karolina ficar mais uma semana.

Como ela estava muito apaixonada, convenceu a mãe a ficar mais um pouco.

Mas chegou a hora de Karolina. Tinha que ir até o aeroporto pois o avião partiria às 15 horas. Pouco antes do embarque, Rafael entregou-lhe uma caixa de presente muito bonita e disse:

— È um presente muito lindo!

Avisou também:

— Se você realmente me ama, abrirá a caixa apenas quando chegar em casa.

A viagem inteira, Karolina foi com a caixinha na mão e o coração cheio de curiosidade. Mal chegou em casa, abriu o presente que carregara durante toda a viagem. Era uma simples caixinha e, dentro dela, um lindo cartão que dizia:

Parabéns!!! Você acaba de receber o vírus da AIDS. Por favor, passe adiante...

Desesperada, Karolina ligou para seu médico e marcou uma consulta. Mas ele alertou:

— Vou poder marcar sua consulta e seu exame somente para o mês que vem.

Passou-se o mês. Karolina fez o exame e deu positivo. O médico disse que a doença não tinha cura, apenas havia remédios que ajudavam a pessoa a viver mais tempo. Esses remédios, no entanto, eram muito caros.

A família resolveu entrar na justiça para tentar obter o remédio pelo INSS. Adivinhe!!! Não conseguiram e concluíram: "se fosse uma pessoa rica, conseguiria".

Quatro meses depois, Karolina veio a falecer, deixando uma marca de saudade em seus familiares. Tânia não se conformou com a perda da irmã. Resolveu procurar Rafael. Assim que chegou ao apartamento do rapaz, soube que Rafael decidira transmitir o vírus quando soube que o havia contraído.

Apavorada, Tânia resolveu voltar para casa. Quando chegou, recebeu um recado: Rafael acabara de falecer.

Aguente as consequências

Natália Fernanda de Freitas de Aquino

Bom, eu tenho uma amiga que se chama Ailana. Ela era minha vizinha... foi aí que nos tornamos amigas. Ailana tinha 15 anos quando nos conhecemos e um namorado chamado Douglas.

Um dia, eu estava sentada na área da minha casa, quando Ailana chegou bem nervosa. Perguntei o que estava acontecendo, e ela me disse que Douglas queria que ela perdesse a virgindade com ele. Ailana pediu minha opinião.

Eu disse para ela fazer o que o coração dela mandasse, mas avisei que se prevenisse antes de tudo. Ailana era muito apaixonada por Douglas, por isso acabou cedendo à insistência do namorado. Uns vinte dias depois de perder a virgindade, ela começou a ter enjoos e desmaios. Sua mãe levou-a ao médico, e o inesperado aconteceu: Ailana estava grávida.

Foi aí que o pesadelo começou: o pai de minha amiga não aceitava a gravidez de maneira alguma. Então, mandou-a embora de casa. Antes que ela fosse, tivemos uma conversa e Ailana me contou que não usou nenhum tipo de contraceptivo. Fiquei louca, pois a alertara para que se prevenisse. Ailana disse que Douglas não aceitara usar preservativo.

Minha amiga mudou-se para a casa do namorado até a hora de ganhar o bebê, que nasceu no dia 14 de fevereiro. Era uma criança muito linda. Após o nascimento, o pai de Ailana pediu que ela retornasse. Ela foi.

Depois de um tempo, Douglas arrumou outro emprego e mudou-se para Santa Catarina. Ailana foi com ele e hoje só visita Passo Fundo para ver seus pais. Ela, o bebê e o marido estão muito felizes, apesar de todo o sofrimento por que passaram.

Acho que é isso: contei uma história real que se repete todos os dias, em todos os lugares. Os jovens têm que se conscientizar de que os contraceptivos estão aí... hoje só engravida quem quiser.

A história de Maria

Marília dos Santos Moraes

MARIA ERA UMA MENINA QUE morava com sua família em um bairro pobre da cidade. Vivia com seus pais, Paulo e Ruti, e seus irmãos, João e Mariana. Sua família era muito humilde, pois apenas Paulo trabalhava, e o dinheiro não dava para o sustento de todos. Paulo era pedreiro e ganhava muito mal. Ruti cuidava da casa e das crianças. Apesar de pobres, eram felizes.

Maria tinha 9 anos e estava na 2ª. série. Ela estudava de manhã e à tarde ajudava a mãe nos afazeres da casa. João e Mariana ainda não estudavam porque eram muito pequenos, tinham 4 anos.

Num dia de verão, começou a chover, João e Mariana resolveram jogar bola na rua, pois – apesar da chuva – estava muito quente. Ruti e Maria estavam cuidando da limpeza da casa. João chutou a bola com muita força e o brinquedo acabou caindo na sanga. Os dois irmãos foram buscá-lo. Com a chuva, a correnteza do pequeno riacho estava muito forte e as crianças acabaram caindo na sanga. Não resistiram e se afogaram.

Uma hora depois, Maria foi chamar seu irmãos para tomarem banho e não os encontrou. Os vizinhos ajudaram nas buscas e, dois dias depois, os corpos foram localizados no rio da cidade. A família se desesperou e não se conformou com a situação. Paulo, Ruti e Maria mudaram-se para o interior para tentar esquecer o ocorrido.

Em sua nova casa, tentaram recomeçar a vida. Mas, por mais que tentassem, era muito difícil. Paulo largou a profissão de pedreiro e tornou-se agricultor. Ruti continuou a cuidar da casa e dos animais. Maria voltou à escola. Todas as manhãs acordava cedo, pois o ônibus que a levava para a escola passava em sua casa às 5h 30min da manhã.

Com o tempo, a vida da família foi melhorando e eles foram se resignando, conseguindo ter uma vida melhor. Os anos passaram

e Maria formou-se na escola e entrou na faculdade. Arrumou um bom emprego, que conseguiu pagar os estudos.

Após sua formatura em Veterinária, Maria montou seu próprio negócio e passou a ajudar os seus pais a cuidar dos animais do campo. Na faculdade, Maria conheceu Tiago. Começaram a namorar e, anos mais tarde, casaram-se. Os pais da moça permaneceram no campo, e ela continuava visitando-os sempre que podia.

Um sonho de verdade

Serzeli de Aguiar Marques

Letícia, Júlia, Camila, Maurício e Fábio formavam um grupo de amigos que tinha um grande sonho: serem grandes investigadores. Então, descobriram que, através de um curso profissionalizante, poderiam realizá-lo. O curso dava-se por períodos.

Como alunos muito esforçados e amigos muito unidos, durante os dois primeiros períodos eles conseguiram aprovação sem dificuldades. Após o decorrer das histórias e mistérios que eles desvendavam, começaram a surgir algumas desavenças e dificuldades. Então, no terceiro e último período, eles receberam NÃO-APTOS. A decepção foi enorme entre eles.

Inconformadas, Júlia e Letícia tiveram a ideia de ir a um bar, para tentar alegrar seus amigos e se alegrarem, pois todos estavam muito tristes com o acontecimento daquele dia. Foram a um bar muito frequentado onde encontraram outros colegas de curso que haviam concluído todas as etapas, e descobriram que seu professor Carlos estava trabalhando em um caso novo muito perigoso e interessante. O grupo de amigos resolveu, então, entrar nessa disputa e mostrar que os aprendizes podem superar o mestre.

O caso consistia em algumas mortes que haviam acontecido nos últimos anos. O professor era o melhor investigador do lugar e estava certo de que desvendaria aquele mistério que cercava a cidade,

deixando-a mais misteriosa e assustadora. O caso era difícil, mas o grupo dos cinco estava decidido e empenhado no caso.

Deram início às investigações. Os cinco começaram pelas datas e mortes, e notaram que todas as vítimas tinham algo em comum. Já o professor Carlos começou através de depoimentos de pessoas que alegavam ter visto os assassinatos. Todos os depoimentos e características sobre o assassino batiam. Uma coisa era certa: um único homem matava todas as vítimas da mesma maneira.

Carlos era um homem muito famoso e conhecido por todo o mundo. Suas investigações eram sempre acompanhadas por uma comissão de fotógrafos e repórteres. E, por mais que ele tentasse fugir de tudo isso, sempre havia alguém que o seguia. O professor tinha um amigo muito fiel, Jorge, que conheceu quando se mudara para aquela cidade. Era um homem de meia idade e boa aparência, muito calmo e gentil. Ninguém o conhecia direito, mas sua simpatia e formação fizeram com que gostassem logo dele. Sua inteligência, enfim, tornou-o reitor da universidade e o fez conhecido, respeitado e grande amigo do professor Carlos, que já estava ali há alguns anos.

Esse prestígio de Carlos acabou facilitando o trabalho de Letícia, Júlia, Camila, Maurício e Fábio. O grupo tomava muito cuidado para não ser descoberto, pois poderiam ser presos. Esse cuidado dificultava um pouco a investigação deles. Então, Maurício, muito determinado, falou com seus amigos, pois tivera a ideia de conversar com o professor Carlos e desafiá-lo: se o grupo desvendasse o caso primeiro, Carlos teria de mudar o conceito NÃO-APTO e dar-lhes cinco casos. Por outro lado, se os amigos perdessem, trabalhariam para o professor por um ano – já que ele não tinha nenhum assistente por ser muito duro e rancoroso.

Os cinco foram até Carlos e lançaram o desafio. De início, não receberam crédito, mas o professor acabou concordando, pois estava certo de que venceria a disputa. Carlos comunicou a decisão à imprensa, fazendo com que todos caçoassem dos estudantes. Entretanto, o grupo de amigos sabia e acreditava em sua capacidade, e isso os tornava mais fortes e confiantes.

Os amigos tinham uma vantagem na investigação: eram mais numerosos e sabiam de cada passo de Carlos. Ao mesmo tempo, tinham dois pontos fracos: não possuíam experiência, e tudo o que sabiam haviam aprendido com seu adversário. Por outro lado, Carlos era muito experiente, já havia desvendado vários outros casos, e era muito inteligente. Sem falar que ele possuía vários contatos com outros investigadores. Se isso o fazia um adversário muito forte, também dava aos amigos uma enorme gana de vencer.

Durante a investigação, o professor Carlos começou a enfrentar dificuldades que nada tinham a ver com seu trabalho. Apesar de duro e rancoroso, o professor tinha uma linda e dócil mulher e filhos educados e queridos. Um de seus filhos ficou doente e Carlos preocupou-se muito, perdendo sua capacidade de concentração. Esse momento de dificuldade deu grande vantagem ao grupo dos cinco.

Eles descobriram algo importante a que Carlos não havia dado a devida atenção. Os amigos notaram que as vítimas eram mortas no mesmo dia e horário: sempre às terças e quintas-feiras às 23h 45min. Todas elas eram alunos de um colégio interno da cidade que fora interditado por falta de funcionários e de higiene. Os cinco detetives resolveram conhecer esse colégio.

O internato ficava muito distante dali, num lugar conhecido como "a antiga cidade", já que a população toda havia mudado após alguns desabamentos. Mesmo correndo o risco de serem soterrados, os cinco amigos decidiram que passariam um tempo na "antiga cidade", já que a viagem seria longa e teriam muito para ver. Juntaram alguns suprimentos e partiram com a estranha sensação de estarem sendo seguidos. Sabiam – com certeza – que não era o professor Carlos, envolvido que estava com seu filho no hospital. Acabaram não dando muita importância.

Chegando na "antiga cidade", os cinco detetives ficaram totalmente surpresos. Esperavam encontrar destroços e não lojas, bares, hospitais. Era uma linda cidadezinha deserta! Ficaram dando voltas para conhecê-la um pouco melhor e encontrarem um abrigo, já que o único hotel havia desabado. Foi então que se depararam com o colégio interno Adelino.

Não imaginavam tal grandeza! Esperavam uma construção menor e simples, mais de acordo com a cidade. A entrada dava para um pátio rodeado de salas de aula. Mais à frente, havia uma área coberta com palco, banheiros e vestiários. Um pouco adiante, os alojamentos divididos em duas alas: masculina e feminina. De suas janelas, podia-se vislumbrar todo o resto do colégio, o pátio e as salas de aula.

O grupo passou a explorar o lugar em busca de provas, vestígios, enfim, de algo sobre os alunos que estudaram ali. Separaram-se: Júlia e Camila vasculhariam os alojamentos; Fábio, Letícia e Maurício, as salas. Maurício decidiu examinar a sala de jogos e o pátio. Fábio e Letícia, então, notaram algo. Ao entrarem no laboratório de informática, cujos vidros estavam quebrados, perceberam que todos os computadores estavam conservados. Era estranho... nada havia sido furtado...

Chamaram os outros e todos juntos examinaram os computadores onde encontraram as fichas dos professores e funcionários. Incrível! Todos eram os mesmos professores da universidade em que os cinco estudavam!

Letícia leu os nomes e percebeu que, realmente, todos conferiam, menos um certo André. Buscaram sua ficha e viram algo mais estranho ainda. André não tinha formação, apenas um curso de História. Todos, muito surpresos, retornaram à cidade e foram em busca desse homem misterioso. Não o encontraram, mas souberam que havia mudado há exatos 15 anos.

Tiraram o dia de folga para assistir a todos os noticiários. Júlia tomou um susto: a impressa noticiava que Carlos havia desistido das investigações por motivos particulares. Ela contou aos outros, mas todos eles decidiram continuar o trabalho até o fim. O professor Carlos telefonou-lhes, desesperado, pedindo que suspendessem a investigação. Percebendo a angústia de Carlos, os cinco fingiram concordar e prosseguiram em segredo.

Mal sabiam eles que já haviam desvendado o mistério, bastava juntarem as peças desse quebra-cabeças. Sem ninguém saber, voltaram à "antiga cidade" em busca de uma foto. Reviraram os álbuns

do internato e notaram a presença de um homem ao fundo de três imagens. Não conseguiram identificá-lo, mas algo nele era familiar.

Retornado à república onde moravam, os cinco amigos receberam a notícia de que haviam sido expulsos da universidade sem um motivo concreto. Desesperados, decidiram parar com as investigações e voltar para as cidades natais de cada um. Como despedida, organizaram as provas sobre uma mesa e sentaram em volta. Ao lado delas, a carta do reitor Jorge, comunicando a expulsão.

Ficaram sentados ali durante horas, como se adiassem a despedida. O que fariam com tudo aquilo? Finalmente, Maurício notou uma semelhança entre o reitor e o homem das fotos do internato. Mostrou aos amigos. Sim! Os homens não eram apenas parecidos: eram a mesma pessoa! Entenderam, então, por que Carlos desistira do assassino. O criminoso era seu melhor amigo!

Sem saber exatamente o que fazer, os cinco amigos chamaram o delegado da cidade, que prendeu Jorge, ou melhor, André. Ele voltara à cidade para matar os antigos professores do colégio interno que o haviam expulsado quando descobriram que ele havia se apaixonado por uma aluna.

O grupo dos cinco ficou conhecido por todos, e Carlos lhes agradeceu, pois André estava ameaçando a família do professor e, por isso, não podia concluir o caso. Os estudantes receberam o conceito APTOS, e a "antiga cidade" virou um ponto turístico. Quanto ao internato Adelino, foi transformado em abrigo para crianças carentes. Todos ficaram bem e felizes, exceto André que, além de ser preso, deveria prestar serviço comunitário após completar sua pena.

2040

Josué da Costa Vieira

Parte 1: O renegado

Em um futuro não muito distante, nasce um jovem que, sem saber, terá um destino confuso e sem qualquer esperança. Seu nome é Maximilium. Um garoto que, desde sua infância, é rejeitado por seus amigos e parentes, mas nunca por seus pais, que o amam incondicionalmente.

Passa o tempo e o garoto fica mais velho. No ponto em que começa nossa história, ele tem 15 anos e cursa o ensino médio em uma escola particular, sempre rejeitado pelos mais ricos por ser um menino pobre.

Na vila de Maximilium, existe uma gangue que trafica armas e naves espaciais, pois, de alguma maneira, em 2040, o homem descobriu que poderia morar em outros planetas. Desde então, muitas pessoas mudaram-se para outras galáxias, deixando a Terra quase deserta e desabitada. O planeta é coordenado a distância, a partir de uma estação espacial. Não se sabe como, mas é.

Talvez Maximilium não saiba, mas seu destino está prestes a ser escrito com gotas de sangue.

Existe uma grande mina de ferro em que todos da vila trabalham, inclusive os pais do menino. Num certo dia comum, os homens faziam explosões nas rochas com plutônio, quando acontece um acidente. Talvez por erro humano, esse material tão poderoso explode, matando todos os trabalhadores soterrados, mergulhados em um mar de corpos inocentes. Desesperado, Maximilium foge, sendo obrigado a viver sozinho num mundo cheio de "cobras" e enganadores.

Parte 2: O treinamento

Passam-se alguns anos, e o pequeno garoto torna-se um homem. Tentando arrumar um jeito de sobreviver, Maximilium une-se à gangue e torna-se matador. Seus objetivos são nada mais que sobrevivência, embora muitos pensem que ele vingaria a morte de seus pais. Entretanto, o tempo apagara tantas lembranças, que Maximilium está conformado com a perda.

Maximilium cresce tanto em seu planeta que seu nome muda para *Maximus, o Matador*. Depois de um conflito com uma gangue rival, Maximus passa a perder seu prestígio. Seus ataques já não são mortais como antes, e muitas de suas missões acabam falhando.

Então, Maximus toma a decisão mais difícil de sua vida: lutar ao lado daqueles que mais odeia: a Força de Segurança Intergaláctica; uma estação espacial que treina homens no trabalho em que Maximus mais tem experiência: matar.

A vida é dura dentro da academia da Força de Segurança Intergaláctica. Maximus aprende coisas que nunca havia visto antes. Coisas como respeito e submissão, já que, até aquele momento, ele trabalhava apenas por instinto.

Parte 3: A guerra

Estoura a guerra entre as galáxias, após uma briga por poder planetário e energia. Para Maximus, seu treinamento nunca tinha sido tão bem-vindo. Ele é escalado para entrar no pelotão de infantaria. Dentro do pelotão, Maximus é conhecido como *O Matador Silencioso*, já que seus ataques são inteiramente silenciosos e rápidos. Sua primeira missão acontecerá em uma galáxia muito distante, no planeta Áquila

Dia 6: Planeta Áquila: 2:45 da tarde

Pousa a nave do pelotão 7 no Planeta Áquila. Um lugar horrível, que mais parece um vulcão enfurecido que um planeta habitável. Ouve-se, então, pelo rádio:

— Tudo bem, homens! O planeta é hostil e bem quente... Aconteça o que acontecer, não morram!!!

Maximus sai de sua nave com seu pelotão, sabendo que este poderia ser seu último dia de vida. Apesar de sua técnica ser muito apurada, as condições em que eles estão são péssimas. De repente, ouve-se um barulho ensurdecedor: a explosão da nave do pelotão 5 em pleno voo. Bem à frente dos homens, mais de 30 mortos.

Inicia-se a batalha. As naves inimigas soltam bombas e mísseis, os batedores antiaéreos fazem o que podem, enquanto segue o avanço dos apoios e dos *Snipers*. Os tanques seguem a toda velocidade.

Ouve-se pelo rádio: "Atenção homens! O plano é o seguinte: invasão pelo setor 3 da base inimiga! Repito: invasão pelo setor 3! Vão! Vão! Vão!"

Maximus fica apreensivo, mas sabe que, se não atender ao comando, será sua própria destruição.

Dia 6: Planeta Áquila: 6:25 da tarde

Base de controle: Setor 3

Começa o esquema de invasão da base. Maximus é escolhido como chefe de operação e coordena os homens para que se dirijam às câmaras de gás da base e abram-nas enquanto ele cuida dos inimigos.

Maximus avança camuflado pela frente do *front* com sua arma silenciosa e mata o primeiro, o segundo e o terceiro homem da vigia e entra na base para desarmar o sistema de segurança. Mas algo dá errado, as câmaras de gás não suportam as explosões e acabam se tornando bombas. Explodem, fazendo desmoronar o prédio.

Maximus tenta se salvar..., mas não consegue e acaba tendo o mesmo destino de seus pais. Afinal, dizem que seguimos os passos de nosso pais até mesmo na morte.

A guerra? Não teve fim, apenas um monte de mortos e destroços causados pela ganância dos homens que existiu e existirá por todo o decorrer dos séculos.

O espírito da curva

Paola da Silva Caciamani

Em uma noite de inverno, o casal Marcelo e Sabrina viajava. Gostavam de viajar à noite.

Naquela vez, ao passar por uma curva, Marcelo perdeu o controle do carro e bateu em uma mulher que atravessava a estrada. Sabrina queria prestar-lhe socorro, mas Marcelo não deixou. Não queria incômodos, disse ele. Limitou-se em chamar a polícia e, antes que os policiais chegassem, fugiu com Sabrina.

O casal foi para um hotel, mas os dois não conseguiram dormir. Sabrina convenceu Marcelo a voltar ao lugar no dia seguinte para saber o que tinha acontecido com a mulher.

Assim fizeram. Lá encontraram um guarda a quem perguntaram sobre o acidente da noite anterior. O policial informou que não havia acontecido nada.

Aquilo era estranho... Como era possível? O que acontecera com a mulher? Pararam para pensar de onde ela poderia ter surgido. Decidiram, por fim, voltar para casa. A partir daquele dia, Marcelo sonhava todas as noites com a mulher.

Certa noite, após acordar, foi até a cozinha e viu a mulher de branco que vinha em sua direção. De repente, ela sumiu. Marcelo gritou, e Sabrina veio ver o que havia acontecido. Ele contou tudo a ela, que não acreditou. Voltaram para o quarto, mas o rapaz não conseguiu dormir. Subitamente, ele lembrou-se de uma ex-namorada que era muito parecida com a mulher do acidente. Na manhã do dia seguinte, Marcelo disse para Sabrina que iria procurá-la.

Após procurar muito, o casal chegou a um endereço onde foram recebidos por uma senhora. Perguntaram pela jovem e disseram que eram amigos dela. A senhora era mãe da ex-namorada de Marcelo e convidou-os para entrar, dizendo que a jovem ficaria feliz em recebê-los. A senhora pediu que esperassem na sala, que chamaria a jovem.

Passaram-se duas horas e ninguém apareceu. Subiram escondidos as escadas e entraram em um quarto, onde alguém dormia. Aproximaram-se da cama. Levantaram o lençol e tiveram um susto! Lá estava o corpo da ex-namorada de Marcelo! O odor era terrível porque o corpo se deteriorara.

Exatamente nesse instante, a mãe da moça entrou no quarto e mandou os dois descerem. Desceu em seguida e contou que sua filha havia morrido há dois anos em um acidente de carro. Ela não se conformava e mantinha o corpo da moça no quarto.

Marcelo e Sabrina voltaram assustados para casa. Conversando, chegaram à conclusão de que a senhora precisava de descanso e ajuda psiquiátrica. No mesmo dia, voltaram e convenceram-na de enterrar a filha. Depois daquilo, Marcelo não viu mais a moça de branco nem sonhou com ela.

A escolhida

Gabriela Werle Rodrigues

EMANUELE ERA UMA MENINA de dezesseis anos, estudiosa, filha dedicada, compreensiva, que morava na periferia de Porto Alegre. A vida era dura e nunca respeitou Emanuele. Ela lutou, mas a vida deu conta da menina.

Emanuele vivia com a mãe que tinha perdido o marido em um trágico acidente. A menina não tinha muitas amigas, era isolada pelos colegas por ser a primeira da classe. Num dia nublado, escuro, Emanuele saía da escola sozinha e distraída, quando percebeu duas meninas da classe que se aproximaram e zombaram dela.

Tímida, Emanuele acompanhou as meninas, que a levaram a uma casa abandonada, muito estranha e toda queimada, desafiando-a a entrar. As meninas entraram na casa, subiram até o sótão e então... começou o terror! Eram barulho de passos para um lado e estalos para outro.

Emanuele estava com muito medo, mas mostrava-se calma. Desafiada novamente a entrar fundo no sótão, a menina foi trancada lá pelas outras. Emanuele gritou desesperadamente. As meninas do lado de fora tentaram abrir a porta, mas ela estava trancada inexplicavelmente.

No escuro, Emanuele viu um rosto aterrorizante. A porta se destrancou e ela saiu desesperada e sozinha, pois as outras meninas já a tinham abandonado.

Emanuele continuou normalmente sua vida, mesmo apavorada com o que havia visto. Depois do momento em que entraram na casa, as meninas passaram a se sentir observadas pelas pessoas. Passaram também a enxergar coisas sobrenaturais. Perturbadas, não conseguiam fazer mais nada direito. Emanuele, que era uma menina estudiosa, já não conseguia concentrar-se.

A mãe de Emanuele não conseguia descobrir o que estava havendo com a filha. A menina andava com hábitos estranhos: não saía, deixava o quarto sempre escuro, fugia de tudo e de todos com medo. Finalmente, Emanuele foi internada em um hospital psiquiátrico, mas não resistiu às perturbações: enforcou-se em um lençol.

As meninas que a haviam acompanhado até a casa, assustadas e curiosas com o que tinha acontecido, resolveram pesquisar os mistérios da casa. Descobriram que ali havia acontecido um massacre pela fúria. Morara ali uma família cuja mãe e filho tinham sido mortos pelo esposo injustamente. Ele se matara, deixando uma maldição na casa. Os injustiçados atormentavam todas as pessoas que ali entravam, buscando vingança.

Após a morte de Emanuele, as assombrações acabaram, pois através dela tudo tinha sido descoberto. Emanuele passou a ser idolatrada por todos e acabou tornando-se milagrosa. Foi então que a mãe da menina entendeu que nada acontece por acaso, pois o nome que havia dado à filha significava “enviada por Deus”.

Tudo voltou ao normal e Emanuele continuou ajudando as pessoas com milagres extraordinários.

Sonhos de uma jovem

Bruna Flávia Ribeiro

MINHA VIDA SE RESUME EM ESCOLA, trabalho, amigos, família e baladas. Tenho uma vida completa, mas nem todas as pessoas são assim.

Outro dia, falando com minha amiga Ana, ela me dizia que estava com um problema: não sabia se passaria de ano e precisava de um serviço. Então, eu me disponibilizei a ajudá-la nesses dois aspectos, já que ela é uma amiga de infância e muito querida.

Eu e ela estudamos na mesma turma, então fica fácil ajudá-la em algumas matérias. Moramos na mesma vila, bastante agitada por sinal, muito povoada e arborizada também. Aqui é um local bom e legal de se viver.

Um dia, cheguei da escola e disse à minha mãe que daria uma volta com minhas amigas. Aproveitando minha folga do serviço, falei em especial da Ana e que eu iria com ela em vários lugares com o objetivo de encaixá-la em um trabalho, assim como eu.

Minha mãe concordou, acrescentando que eu insistisse bastante, pois hoje em dia o mercado de trabalho está cada vez mais competitivo; todos querem e precisam trabalhar, gerando, assim, uma busca mais frequente por um serviço. Sabemos que o desemprego é um dos problemas que mais assolam a população, mas também não podemos deixar de citar a violência, a corrupção e a pobreza, entre outros.

Então, eu e Ana fomos à luta juntas, com a cabeça pensando em mil coisas, principalmente nas preocupações e recomendações de nossos pais: cuidado na rua com as "amizades" e o mundo à sua volta. Andamos por vários lugares e espero um bom resultado por isso.

Enfim, nesta semana, Ana, radiante, veio até minha casa. Estava para ser contratada. Fiquei feliz por ela. Na minha opinião, mais alguém além de mim deve estar com a vida assim completa como

a minha: escola, trabalho, amigos, família e festa. E esse alguém é minha amiga Ana.

Agora nós duas iremos concluir os estudos, pois este será nosso último ano na escola, e passamos por média. Nós nos preocupamos apenas com nosso trabalho, pois nossos pais já se preocupam conosco. E, no fim de semana, juntamente com outras amigas, vamos festejar a vida na noite em algum lugar. Minha vida está perfeita...

Tribos

Bruna Letícia Nasgorski

Uma menina de 16 anos chamada Lena. Diferente de todas as que já conheci, Lena era uma menina de classe média, de cabelos pretos longos, branca como a neve, olhos claros, e muito tímida; adorava rock e era punk, andava quase sempre de preto. Todos os que a conheciam achavam-na estranha, mas ela não era estranha, era apenas diferente. Seu pais não gostavam muito de seu estilo e muito menos de suas companhias, por isso sabiam como tornar a sua vida um verdadeiro inferno.

Lena não tinha muitos amigos, era um pouco solitária. Sua vida era muito rotineira, da casa para o colégio e vice-versa. Adorava música e, às vezes, passava horas compondo e tocando suas músicas. Lena preferia mil vezes estar no colégio ou fora dele a ficar em sua casa, mas, como quase nunca tinha nada para fazer depois da aula, não restava outra opção.

Certo dia, depois da aula, ela resolveu sair com seus amigos. Foram para a praça da cidade somente para zoar com a galera que ali passava. Acabou conhecendo Marco, um gótico muito diferente de todos os que ela já havia conhecido. Seu apelido era Lorde.

Quando Lena viu aquele garoto, algo surgiu dentro dela, algo que ela nunca havia sentido e, então, do nada, ficaram amigos. Lena achava Marco um cara muito diferente, um cara muito loco, sem

medo de nada e de ninguém. Ela admirava muito o seu jeito de ser, às vezes chegava a querer ser igual a ele. Lena sentia algo diferente por Marco, como se fossem as famosas "borboletas na barriga", mas não queria estragar a amizade deles. Talvez essa sensação fosse só bobagem da cabeça dela.

Certa noite, quando Lena estava em casa, tocaram a campainha. Eram Marco e os amigos dela. Lena estava sozinha. Os amigos convidaram-na para sair, mas era muito tarde, e a mãe de Lena proibia-a de sair àquela hora. Marco disse a ela:

— Ah! *Cê* vai *continuá* com medo e fazendo o que seus pais mandam até quando, hein?? Para de ser a filhinha do papai, Lena! Chegou a hora de você experimentar o novo!!

Lena pensou consigo mesma: "Até quando eu vou ser a filhinha deles?! Cara, eu já tenho 16 e até hoje nunca fiz nada de interessante na minha vida...!

Lena, então, tomou a decisão:

— Vamos embora!

Ao sair de casa, não fazia a menor ideia de onde iria com seus amigos. Quando ela percebeu, estava pulando o muro de um cemitério. Ao entrar, sentiu um frio na espinha.

— Vem, não precisa ter medo. Eu te protejo! — disse Marco e abraçou-a.

Quando Lena estava lá no fundo do cemitério, sentada sobre uma tumba, Mateus, um de seus amigos, desembrulhou algo tirado de uma bolsa plástica

— O que é isso? — Lena perguntou.

— Ah! Vai *dizê* que não sabe?! — respondeu Mateus com ironia — É maconha, você quer?

Lena ficou sem saber o que dizer. Viu que Marco pegou um pouco, enrolou num papel e acendeu.

— Ah! Vai "se *fazê*" agora, é? Pega, experimenta... *cê* vai *gostá*.

Lena ficou indecisa. Mas pensou: "Por que não? Se todo mundo experimenta, por que eu não vou fazer o mesmo?" Foi ali

então que começou a mudança de sua vida. Naquela mesma noite, ela começou a ficar com Marco. Depois de três semanas, estavam namorando e, claro, fumando cada dia mais. Fumando não só maconha, mas também cigarro.

Lena saía toda noite de casa e ia fumar na casa do namorado. Trocou o dia pela noite, não estudava mais, e seu comportamento piorava. Quando seus pais souberam que ela namorava Marco, sua vida virou um inferno sem fim. Um inferno que desaparecia quando ela se encontrava com Marco.

Lena era virgem e nunca havia feito nada, nem imaginava. Numa tarde, na casa de Marco, aconteceu... Lena passou a ver aquele dia como o dia mais feliz de sua vida: ali estava selado o amor dos dois.

Depois de um ano de namoro, Lena e Marco conheceram Júlia e Pedro, um casal gótico muito louco. Começaram a sair juntos em baladas e, numa delas, começaram a cheirar cocaína. Daí em diante, Lena passou a experimentar drogas cada vez mais fortes. Quem as comprava era sempre Júlia, pois o irmão dela era traficante e fazia um preço bacana. Lena, Marco, Júlia e Pedro passavam noites e noites se drogando na casa de Pedro, que morava sozinho.

Lena e Marco estavam com o namoro por um fio, pois ela havia percebido que ele estava muito distante dela e dos amigos. Resolveu conversar.

— O que está acontecendo, Marco?

— Lena, eu vou sair desse mundo, não estou mais aguentando viver assim.

— Como é, Marco? *Cê tá* querendo *dizê* o quê?

— Ah! Você é burra ou o quê? Isso não é vida! Vem comigo, ainda dá tempo de nos curarmos... A gente está cada dia pior... Eu sei que vai ser difícil, mas não impossível... Vem comigo, Lena! Fui eu que te mostrei esse mundo, agora eu quero te tirar!!

Lena amava Marco, mas o vício era cada dia maior, e somente ela não percebia.

— Não, Marco, se você quiser ser comum siga o seu rumo que eu vou seguir o meu!!

Depois de duas semanas sem notícias de Marco, Lena resolveu procurá-lo. Quando chegou à casa do rapaz, foi recebida pela mãe de Marco.

— O que você faz aqui, Lena? — perguntou a mulher.

— Vim procurar o Marco... Ele está?

— Não... Marco foi internado em uma clínica de reabilitação... E esperamos que nem você e nem essa maldita droga cheguem perto dele... Está entendendo Lena? Você só fez mal para o meu filho!! Deixe ele e nós em paz.

Depois de ouvir isso, Lena ficou perdida. Não sabia mais o que fazer. Foi fumar um baseado na casa de Pedro. Lena não sabia mais como sustentar seu vício e começou a roubar tudo o que havia dentro de sua casa. Depois seus pais descobriram quem roubava, colocaram duas condições: ou Lena concordava em ser internada ou que fosse embora daquela casa. A menina viu-se em uma situação muito pesada para uma jovem de 17 anos. Mesmo assim preferiu abandonar a sua casa e pedir abrigo para Pedro.

Após cinco meses morando com Pedro, Lena notou que ele andava diferente com ela e cuidava-a com olhares maliciosos; mas não levou isso muito a sério. Então, numa noite em que ela, Pedro e mais um amigo estavam se drogando, Pedro ofereceu-lhe uma bebida que iria dopá-la completamente... Naquela noite, Lena foi estuprada por Pedro e seu amigo.

Quando acordou, ela não estava na casa de Pedro e sim na frente do prédio, do lado de fora. Lena tocou o interfone. Pedro atendeu. Ela pediu para subir, e ele a xingou de todos os nomes sujos que possamos imaginar.

Lena viu-se perdida, sem ter para onde ir. Lembrou, então, que havia um local ali perto, uma casa abandonada, e foi para lá. Tomou banho e dormiu um pouco. Ao acordar, pensou: "O que eu vou fazer agora da minha vida? Não tenho para onde ir nem grana para me sustentar..." Resolveu procurar seus pais e fez um acordo

com eles: pararia de se drogar, mas não queria ser internada. Os pais concordaram.

De nada adiantou. Duas semanas depois, Lena estava vendendo jóias e roubando coisas de dentro de casa. Foi nesse período que ela descobriu sua gravidez. Pensou: "Grávida... de um estupro... essa criança não irá nascer!" Então, fez um aborto, tirou um feto de cinco meses sem dó nem piedade.

Lena continuava morando na casa de seus pais, mas não cumpria sua promessa. Os pais insistiram novamente para interná-lá, mas ela não quis e novamente Lena foi chutada de casa. Desta vez, para sempre.

Hoje Lena está com 19 anos e se prostitui para sustentar seu vício. Tem aparência de 60. As drogas fizeram com que a beleza que havia nela sumisse e definhasse um pouco a cada dia.

Viciada, arrependida de tudo que fez em sua vida, sabe que hoje o tempo não volta mais. Se pudesse voltar no tempo, jamais faria o que fez, porque, se hoje ela está no estado em que está, foi por ter acreditado em falsos amigos. Sabemos que podemos pertencer a muitas tribos e nos dividirmos em diversas delas, mas as únicas coisas que nos salvam de tudo são nossa consciência e nossa sabedoria.

A conquista

Janaína de Britto

MARGARETE ERA UMA MENINA do interior, sua família era muito humilde e trabalhava na roça.

Margarete, desde muito pequena, começou a trabalhar com seus pais na roça, acordava muito cedo, de madrugada, juntamente com seus pais, que saíam cedo de casa e só voltavam à tardinha.

Ela tinha um sonho, mas para Margarete era quase impossível. Ela pretendia estudar e formar-se em Pedagogia, mas não podia porque tinha que ajudar seus pais no sustento da família.

Todas as manhãs, Margarete saía com suas ferramentas de trabalho, lamentando-se, pois, para ela, continuar vivendo daquela forma era muito triste. Pensava em procurar uma escola ali perto de onde moravam, mas então lembrava que seus pais precisavam de sua ajuda. Nesse momento, Margarete se conformava e continuava a trabalhar.

Houve uma época em que ela e seus pais começaram a passar dificuldades. A mãe estava doente e não ia mais para a roça, eles não tinham o que comer e a preocupação era constante. Certo dia, o pai de Margarete resolveu ir à cidade com a esposa. Eles consultariam o médico, e Margarete trabalharia na roça sozinha. Naquele dia, Margarete chorou muito, preocupada com sua mãe e com seu grande sonho.

À tardinha, os pais chegaram. A mãe já estava bem melhor e perguntou à menina como havia sido seu dia. Margarete disse que tinha sido igual a todos e que seu sonho estava crescendo cada vez mais. A mãe comentou com o marido sobre o sonho da filha, e eles entraram em um consenso: deixariam Margarete frequentar a escola. Entretanto, a menina, com muita pena de seus pais, sugeriu que os ajudaria na roça no horário vago depois da escola. Todos concordaram, e Margarete ficou muito feliz, pois seu sonho começava a tornar-se realidade a partir daquele momento.

O pai foi à escola no outro dia e conseguiu vaga para a semana seguinte. Quando ele retornou, Margarete, muito nervosa, perguntou se ele havia conseguido a vaga. O pai, sorrindo, falou que sim. A menina chorou de alegria.

A semana passou e chegou o dia tão esperado. Margarete estava muito feliz e, já no primeiro dia de aula, fez muitas amizades. Em casa, chegou contentíssima e contou tudo em detalhes para os pais. À tarde, foi para a roça com eles e voltou somente à tardinha.

O tempo foi passando. Margarete completou o Ensino Médio com 20 anos e seu sonho de fazer a faculdade de Pedagogia estava quase se tornando realidade. Seus pais batalharam muito na roça e agora já tinham boas condições financeiras, poderiam ajudá-la a concretizar seu grande sonho.

Após a formatura, Margarete reuniu-se com seus pais, que decidiram deixá-la ir à cidade e cursar a faculdade que tanto queria. O casal pagaria a mensalidade e o transporte do ônibus para que ela conseguisse estudar e continuasse os ajudando.

Os anos passaram. Os pais de Margarete já estavam velhinhos, ela acabava de se formar em Pedagogia e já tinha conseguido emprego em uma escola da cidade. O casal estava cansado de trabalhar e resolveu vender suas terras para comprar uma casa na cidade.

Margarete trabalhava, cuidava de seus pais e percebeu que seu sonho havia se tornado real após muito esforço. Seu novo objetivo era ajudar a ensinar as crianças. Dava seu melhor na escola, pois desde muito pequena tinha um sonho que se tornara realidade. Ela sabia que muitas crianças tinham sonhos e que era através dela que esses sonhos começariam a ser conquistados. O futuro deles, de qualquer forma, estava também em suas mãos!

O mundo dá voltas

Tamara da Silva Marques

Era uma vez um casal de classe média. Ela se chamava Eduarda; ele, Luciano. Eles tiveram uma filha a quem deram o nome de Iasmin. Ela sempre teve tudo, estudou em escola particular. Enfim, tornou-se uma "patricinha" mimada e fútil, sempre arrogante, humilhando os outros.

Tudo ia muito bem, até que seu pai caiu muito doente, sofreu muito e, depois de uns três meses, morreu. Eduarda e Iasmin so-

freram bastante, mas seguiram em frente. Eduarda ficou à frente da empresa da família. Ela não sabia nada de negócios, sempre ficara em casa cuidando da beleza e indo ao *shopping* com Iasmin. Eduarda era egoísta, não aceitava que ninguém desse uma única opinião para colocar a empresa para frente. Por isso, depois de contrair muitas dívidas, a empresa faliu.

Não tendo mais a empresa, elas continuaram vivendo com o que restava dos bens da família. Mas as coisas não estavam fáceis. Eduarda não podia trabalhar. Iasmin, 17 anos e alguns cursos, procurou emprego, mas ela nunca tinha deixado de ser uma "patricinha". Começou a procurar emprego em grandes empresas. O mundo dá voltas, e ela conseguiu um trabalho de vendedora numa loja de roupas no centro da cidade.

Nessa loja, trabalhavam cinco funcionários. E... olha o mundo dando voltas de novo! Iasmin começou a gostar de Eduardo, um vendedor de classe baixa, que nem sempre tive tudo o que quis. A menina evitou o quanto pôde o seu sentimento, mas, como não podia largar o trabalho, continuou na loja.

Eduarda não aceitava o sentimento da filha, afinal, Eduardo era mais pobre que Iasmin. O tempo passou, e o sentimento aumentou. Por mais que tentasse, a menina não conseguiria dizer não a quem queria dizer sim. Quando se deu por conta, estava completamente apaixonada.

Iasmin lutou contra tudo e contra todos para ficar com seu amado. Ela teve que mudar muito para ficar com ele, teve que ser mais humilde e tratar melhor as pessoas. Eduarda, não tendo mais nada que fazer, aceitou o namoro dos dois. Embora não aprovasse, a felicidade de sua filha era mais importante.

Os dois foram muito felizes. Iasmin levou uma lição de vida: aprendeu que o dinheiro nunca pode estar na frente dos sentimentos, que as coisas foram feitas para serem usadas, e as pessoas, para serem amadas. Nunca esqueça: *o mundo dá voltas.*

O menino que queria voar

Janaína Costa

Era uma vez uma família muito pobre que morava numa casinha perto de um riacho. O filho dessa família, Joãozinho, tinha os sonhos de voar, fazer a diferença no mundo e morar na cidade grande. Porém, com sua baixa renda, ir à cidade não era possível.

A casa da família era pequena, tinha dois cômodos: a cozinha e o quarto. A cama dos pais e do filho eram separadas apenas por uma cortina. A cozinha era equipada com um fogão a lenha pequeno, uma pia quase caindo e uns banquinhos para sentarem. Toda manhã, Joãozinho subia um morrinho de pedras com um balde e buscava água no riacho perto de casa.

Quando Joãozinho via as aeronaves sobrevoarem sua casa, sonhava um dia ser ele lá no céu a voar para trazer paz ao mundo. Chegava a subir nas árvores para enxergar melhor os aviões da Força Aérea que passavam por lá, após o horário do colégio, à tarde.

Joãozinho encontrava seus amiguinhos somente na escola do interior onde estudava, pois a casa da família era muito distante. Para chegar à aula, o menino pedalava sua bicicleta com sol ou chuva. Devido às dificuldades da família, o plano de Joãozinho era estudar, formar-se e poder dar uma vida melhor a seus pais, já que apenas ele levava comida para casa.

Certo dia, o menino não quis ir ao colégio, pois estava muito cansado de carregar baldes de água. Decidiu ir até a casinha de madeira (que servia de banheiro) para tomar banho. Depois, foi lanchar e ler o que havia escrito em seu caderno na aula anterior. Foi quando, de repente, escutou um estrondo muito forte.

Chegando lá fora, encontrou um avião caído, em pedaços. Procurou para ver se havia alguém vivo e deu com um piloto desmaiado. Pegou-o, levou-o até sua casa e deitou-o na cama. Fez-lhe um chá e o piloto ficou muito agradecido. Joãozinho lhe disse que

seu sonho também era voar. Recuperado, o piloto convidou-o para ir até o aeroclube. O menino ficou todo faceiro.

Assim que o resgate chegou, Joãozinho partiu com eles. Quase morreu de felicidade ao ver todos os aviões, a cabine de cada um deles, as armas... Quando o comandante soube da história, nomeou-o Cadete do Ar Júnior. O menino emocionou-se muito e começou seu novo futuro lá mesmo, estudando Aeronáutica e dando uma cesta básica para sua família.

Quatro anos se passaram. João foi aprovado e tornou-se oficialmente Cadete do Ar. Comprou uma casa na cidade para seus pais e pôde dar-lhes um futuro melhor. João ajudou o colégio em que estudava, financiando a ampliação do prédio.

E assim foram seus dias. Seu sonho realizado! Voava mundo afora, conhecendo novos povos e culturas. Um dia, sua aeronave chocou-se com outra. Infelizmente, não houve sobreviventes, e Joãozinho ficou no céu com os pais que haviam falecido um ano antes.

O pequeno cão Perneta

Jéssica de Gois Ribeiro

Certa vez, numa pequena cidade, moravam Ana Júlia e sua família. Desde pequena, Ana Júlia não teve muitos amigos, apenas um cãozinho, do qual ela gostava muito, chamado Snoopy, que era muito lindo e adorável. Porém, sua mãe não queria que ela tivesse animais. Foi somente por tanto insistir com a mãe que Ana Júlia conseguiu ficar com o pequeno cão.

Ana Júlia se apegou muito a Snoopy. Certa vez, quando o cãozinho atravessava a rua sozinho, acabou atropelado e morto. Nossa! Um cão lindo, de raça! Ana Júlia não acreditava no que tinha acabado de acontecer! Depois do acidente, ela, deprimida, não teve coragem de vê-lo morto. Sua mãe, muito triste, achando que

a filha tinha sido a culpada pela morte do bichinho, resolveu que Ana Júlia nunca mais teria um animalzinho de estimação novamente.

Tempos se passaram e Ana Júlia esquecera o pequeno Snoopy. Ela levava sua rotina: da casa para o colégio e vice-versa. Um dia, Ana Júlia caminhava pelo parque quando avistou um pequeno cão, sujo, que aparentava não ter raça. Ele tinha um brilho intenso no olhar que tocou profundamente o coração de Ana Júlia. Mesmo assim, ela não quis olhar muito para ele, passou reto.

Ao dobrar a esquina, notou que o pequeno cão a havia seguido até perto de sua casa. Com muita pena do pobre animal, resolveu pegá-lo e levá-lo para a casa de sua amiga Nicole, onde o trataria. Chegando lá, falou com Nicole, e as duas amigas esconderam-no no porão.

Todo dia, antes de ir para a escola, Ana Júlia passava para ver o cão e levar-lhe um pouco de alimento. Ela ia para a aula, pensando no pequeno animal e em Snoopy. Será que poderia cuidar daquele animal sem que sua mãe a deixasse ficar com ele? Essas dúvidas sempre rondavam a cabeça da menina.

Como Ana Júlia sempre fazia, todos os dias passava para deixar a comida e fazer um carinho no cão. Um dia, sua mãe resolveu levá-la até a escola, e Ana Júlia disse que tinha de passar na casa de Nicole antes de ir. A mãe esperou lá fora, enquanto ela levava comida para o cão. Ao sair da casa da amiga, Ana Júlia foi atravessar a rua e acabou sendo surpreendida por um carro que quase a atropelou. Quase... não fosse o pequeno cão que viu a cena do porão e correu ajudá-la. Entretanto, o pequeno animal acabou parando embaixo da roda do carro.

A menina, chorando, pediu à sua mãe que o levasse ao hospital veterinário. A mulher, paralisada, lembrou-se da cena com Snoopy e teve certeza de que devia levar o pequeno pulguento ao hospital. Lá o médico disse que não sabia se conseguiria salvá-lo, pois a fratura na perna do cão era muito grande.

— Doutor, faça o que puder para salvá-lo, pois ele salvou minha vida e seria injusto que morresse. — falou Ana Júlia desesperada.

O médico entrou para a sala de cirurgia e, depois de duas horas e meia, voltou para dar a notícia à menina.

— Querida! — disse ele — Quer a notícia boa ou a ruim primeiro?

— A boa primeiro! — disse Ana Júlia, nervosa.

— Bom, consegui salvá-lo. Mas ele terá que usar uma patinha de mentira. — brincou o médico.

— Não importa, o que interessa é que o senhor o salvou!

Muito contente, Ana Júlia ficou pensando no que sua mãe diria quando ela pedisse para ficar com o cão. Tomando coragem, a menina pediu:

— Mamãe, será que posso ficar com ele?

— Não! Filha, já chega o que aconteceu com Snoopy. A gente vai deixar esse cão para doação.

Ana Júlia, muito triste, sentou e ficou calada dentro do carro com o pequeno cão no colo, sabendo que seria separada dele. Levaram o cão e o deixaram para doação.

Chegando em casa, a menina ficou pensando: "Semana que vem será meu aniversário. Bem que eu podia ganhar um cãozinho!" Sua mãe, na cozinha, ficou lembrando da cena e decidiu buscar o bichinho para dá-lo no dia do aniversário da filha.

Semanas depois, no dia do aniversário de Ana Júlia, a mãe chamou a menina:

— Ana, *tá* aqui teu presente!

De repente, o cãozinho pulou de dentro de uma caixinha com um tope de fita na orelha, todo desajeitado por causa da patinha. Ana ficou muito feliz e deu-lhe o nome de Perneta. Desde esse dia, os dois tornaram-se amigos inseparáveis.

O triângulo amoroso

Luís Guilherme Bonfada de Mattos

Em uma grande casa, localizada num bairro de alta classe social, morava um casal: Tomaz e Sarah. Ele era gerente de

um grande banco. Os dois tinham uma relação complicada e com muitas brigas. Tomaz viajava muito, e ela ficava em casa, tendo um motorista à sua disposição.

O marido desconfiava que Sarah tinha um caso com o funcionário. Então, certo dia, Tomaz falou que iria viajar e saiu de casa. Logo em seguida, voltou e escondeu-se, esperou o motorista entrar em casa e ir ao quarto de Sarah. Em seguida, Tomaz entrou no quarto para a surpresa do casal de amantes. Armado e sem pensar duas vezes, disparou um tiro na direção dos dois. Não conseguiu atingi-los e mandou a mulher amarrar um lençol no pescoço para que fosse enforcada.

Quando estava prestes a consumar o ato, o amante tomou a arma e atirou certeiramente. Tomaz caiu morto no quarto, o casal pegou o corpo e o desovou em um rio próximo a casa.

Passaram-se três dias, e um amigo de Tomaz ligou para Sarah. Queria saber notícias do amigo. Sarah ficou assustada e inventou que o marido tinha viajado e só voltaria dali a uma semana. O amigo achou estranho porque eles haviam marcado um jogo de futebol com o time da empresa.

Os amantes continuaram morando naquela casa, e todas as noites Sarah sonhava que o marido subia as escadas, batia na porta do quarto e agarrava seu pescoço. Os pesadelos eram cada vez mais frequentes. Quando contava ao amante, ele dizia que isso passaria.

Uma semana depois, o amigo de Tomaz foi até a casa e viu o amante de Sarah na janela. Ela ficou desesperada, disse que o marido não havia voltado ainda. O amigo foi embora cada vez mais desconfiado. Sarah voltou para o quarto e lembrou que Tomaz tinha um carro que não estava na garagem. Então, o amante saiu para procurá-lo, afinal, o crime tinha que ser perfeito.

Ele estava demorando muito, e Sarah foi dormir. Novamente, teve pesadelos. Ouviu uma batida na porta, levantou, pegou a arma do crime, abriu a porta e atirou... sem ver que quem estava entrando era seu amante. Inconformada por tê-lo matado, Sarah pegou o lençol e enforcou-se.

Dois dias depois, o amigo de Tomaz voltou a casa e encontrou os dois corpos. Ligou para a polícia que investigou e descobriu toda a verdade. A casa foi abandonada, contam que todas as noites escutam-se gritos e tiros, as luzes piscam... tudo isso na mesma hora em que as três pessoas foram mortas.

O dia D

William da Rosa de Oliveira

Era uma quinta-feira como qualquer outra. Lá estava o seu Severino voltando de mais um dia de trabalho cansativo. Estava quase chegando em casa, quando ouviu uns passos de alguém que poderia o estar seguindo. Parou, e os passos pararam. Voltou a caminhar e tornou a ouvir os passos. O pessoal do bairro andava com muito medo: falava-se que um assassino rondava a vizinhança.

Quando seu Severino estava chegando na esquina de sua casa, começou a correr. Olhou para trás e não viu mais ninguém, mesmo assim escondeu-se atrás de um arbusto no pátio de seu vizinho Juca. Esperou alguns minutos, e ninguém passou por ali.

Nesse meio tempo, Juca havia se levantado para ir ao banheiro. Ao olhar para fora, viu alguém abaixado no pátio de sua casa. Foi até a porta, abriu-a e mandou o elemento ficar parado, caso contrário atiraria. Seu Severino levantou-se e virou para trás; Juca o reconheceu.

Cada um voltou para suas respectivas casas. Chegando perto da sua, Seu Severino viu que alguém apertava a campainha de sua porta. Seu Severino fez a volta por trás e entrou no pátio, abriu a porta e ficou lá dentro, ouvindo a campainha tocar. Tocou mais uma vez, e ele, enfim, resolveu abrir a porta... Era seu chefe que havia ido lá para falar que, no dia seguinte, Seu Severino estaria de folga.

Até hoje não se sabe se o assassino ficou com medo ou voltou para seu devido lugar.

O pequeno Renato, o "Nerd"

César Macedo das Chagas

Era uma vez um menino chamado Renato. Ele era tão inteligente que todos os dias ia para a escola com alegria, respondia às questões com muita sabedoria e gostava muito das aulas de Matemática. Era o aluno mais inteligente e os professores gostavam dele.

Cera vez, ao ir para o recreio começou a pensar como estudar era bom e com responsabilidade se adquire conhecimento imenso. Ele pensou: "eu me levanto às 6h30min da manha, tomo café e vou para a escola. Lá, todo dia, me preocupo em dar o meu melhor em cada matéria". E não eram poucas. Eram três por dia, cada uma mais difícil e interessante que a outra; Matemática, cálculos, executar no cérebro um desafio. História, aprender sobre o passado, uma viagem. E, assim, todas as outras.

Mas ele também pensou: "os meus colegas ficam me chamando de 'nerd' e rindo de mim. É tão ruim como um filme em que ninguém gosta de mim". E, então, ele resolveu que a partir daquele momento mudaria, foi para a sala e começou a incomodar os professores, a fazer piadas. Nem parecia ser ele, um menino quieto, que só falava alguma coisa quando os professores perguntavam algo. Renato incomodou tanto, que os professores o mandaram para a diretoria.

A diretora se espantou e perguntou: "o que está acontecendo?", pois Renato nunca havia ido para a diretoria. Contaram, então, que ele estava insuportável. Eles conversaram e Renato resolveu que não iria mais incomodar. Contou que estava cansado de ser humilhado e por isso que tinha mudado suas atitudes. A diretora e os professores prometeram que iriam falar para os colegas de Renato pararem de incomodá-lo e assim aconteceu.

Renato, ao chegar em casa, pensou em como foi agitado seu dia e, emocionante, a aula.

O pior dia

Marisete de Macedo Soares

Numa cidade chamada Esperança no interior, havia uma família composta por sete pessoas.

O chefe da família, o pai, chamava-se João, a mãe, Maria. Tinham cinco filhos. A casa onde moravam não era muito luxuosa. Era pequena: havia apenas duas camas para eles dormirem, mas comida nunca faltava. O pai e a filha mais velha trabalhavam e nunca deixaram faltar nada. Para João, sua família era o mais importante.

Um dia, quando João foi trabalhar, aconteceu uma coisa que ele nunca achava que iria ocorrer com ele... foi preso enquanto trabalhava! Foi para a delegacia arrasado, pensando em como iria sustentar seus filhos e sua mulher.

Maria recebeu a ligação dizendo que seu marido havia sido preso. Entrou em choque e foi logo para a delegacia. Ao ver seu marido atrás da grades, parecia que o mundo havia desabado em sua cabeça. Então, Maria conversou com o delegado e perguntou por que João fora preso. O delegado disse:

— Foi preso por porte e ameaça!

— Como pode? Se ele estava trabalhando... quem o denunciou?

— Foram aqueles dois meninos! — disse, apontando para os acusadores.

Ela viu que havia uma armação em que seu marido havia caído.

No depoimento, João contou que estava trabalhando e havia pedido as cadeiras onde os meninos estavam sentados tomando uma "coca". Quando se abaixou, deixou cair sua arma no chão. Quando entrou, os meninos haviam sumido e, logo depois, a polícia prendeu-o. Depois do depoimento, foi levado para o presídio onde passou sua pior noite.

João foi para uma cela onde estava tudo escuro. Ouvia apenas o barulho dos cadeados e das portas se abrindo. Foi jogado em uma cela de "triagem", sem colchão para dormir. João pegou uma sacolinha com suas roupas, colocou no chão e sentou sobre ela. O corpo começou a doer. Deitou no chão, no piso duro, achou um pano vermelho e usou como cobertor, enquanto Maria e seus filhos, em casa, estavam preocupados e angustiados porque ele era um trabalhador honesto.

O dia amanheceu e o advogado conseguiu tirá-lo da cadeia. Ao chegar em casa, sua família o abraçou e fez festa com ele.

João diz que a lei é suja, porque um trabalhador como ele, pai de família que nunca fez nada de errado, havia sido preso, enquanto os bandidos estavam soltos, matando e assaltando. Ele diz:

— Fui preso injustamente, saí da cadeia humilhado, arrasado, fui taxado como vagabundo.

Menino músico

Paloma Mariano

Dizem que um músico toca somente para o público, mas aquele menino pequeno de apenas 13 anos, com seu saxofone, tocava para qualquer ser que tivesse vida.

Certo dia, numa manhã nublada, o menino saiu em busca de alguém que quisesse ouvir o som do seu instrumento, pois seu pai não gostava da ideia de que seu filho único fosse um músico. Queria que fosse um advogado bem sucedido. Triste, por seu pai não gostar da sua escolha, saiu tocando seu saxofone rua afora.

Um professor de música, ouvindo aquele som, que precisava de alguns ajustes para ficar ainda melhor, parou e ficou escutando, tentando adivinhar de onde vinha.

De repente se encontram. O homem, fascinado por ver um menino tão novo conseguindo tocar tão bem, perguntou:

— Oi, menino! Como se chama?

— Meu nome é Otávio.

— Otávio, quem te ensinou a tocar saxofone?

— Eu aprendi em um canal de TV onde apareceu o melhor saxofonista que eu já conheci em toda a minha vida. Ele deu algumas aulas, chama-se Richard Pinto. E comecei a tocar sozinho com o saxofone do meu avô, escondido, claro, porque meu pai não concorda que eu seja músico como eu tanto quero.

O homem, escutando tudo aquilo e vendo que o menino tinha um futuro brilhante pela frente, disse ao garoto:

— Otávio, senti que você toca seu instrumento com alma, e, já que seu sonho é ser um grande músico, o que você acha de eu te dar algumas aulas, assim você aperfeiçoa mais os sons do seu saxofone?

Otávio ficou sem palavras. Era tudo o que ele mais queria. Logo, entretanto, veio o pensamento sobre seu pai. O que devia fazer para ele aceitar que fizesse as aulas? Otávio aceitou o convite e por muitas vezes agradeceu o homem, que olhou para o menino e disse:

— A propósito, já que se esqueceu de perguntar, o meu nome é Antônio! Prazer! Eu te espero em minha casa. Está bem, Otávio?

Finalizou, entregando o endereço de sua casa em um papel.

O menino chegou em casa e mentiu a seu pai que iria estudar matemática às tardes na casa de um amigo. O pai concordou.

Os dias foram passando e Otávio foi aprendendo muito com o professor que ficava cada vez mais supreendido com o que ele aprendia.

Um dia, o professor disse:

— Otávio, você está pronto para mostrar tudo o que aprendeu. Eu tenho certeza de que quando seu pai ouvi-lo tocar, vai gostar muito.

O menino no início teve medo, mas, determinado, disse para si mesmo:

— Eu vou conseguir!

Chegou em casa, chamou seu pai e falou:

— Sei que posso magoar você por não ser um advogado ou seguir qualquer outra profissão que não seja música, mas é meu sonho que vou seguir.

Pegou seu saxofone e começou a tocar.

O pai, ouvindo o som da música que seu filho tocava, lembrou-se da mulher que havia falecido no parto do menino. Começou a chorar. Imediatamente, Otávio parou e o pai lhe disse:

— Filho, sei que foi difícil para você ouvir de mim que não deveria seguir a carreira de músico, mas para tudo isso tenho uma explicação. Sua mãe gostava muito de música, mas não conseguiu ser reconhecida como ela queria por falta de oportunidade. Eu fiquei com medo que você se magoasse.

Otávio, ouvindo a explicação, respondeu emocionado:

— Pai, por mais que eu não seja reconhecido e consiga ser famoso como eu tanto quero, vou continuar tocando porque é algo que amo fazer.

Com lágrima nos olhos, o pai abraçou Otávio, reconhecendo:

— Você é um ótimo músico!

Amor correspondido

Gilberto Teodoro Campanholo

TUDO COMEÇOU EM 27 DE dezembro de 2007. Lembro como se fosse ontem. Fui para Chapecó passar minhas férias e conheci Thaise, a vizinha de minha avó. Começamos a conversar, ficamos amigos e, quando eu menos esperava, acabei me apaixonando por ela. Tentava de todas as maneiras vê-la apenas como uma amiga, mas não conseguia, era mais forte que eu. Certo dia, criei coragem para falar com ela, mas não consegui naquelas férias.

Fiquei o ano inteiro ensaiando para contar a ela o que sentia. Finalmente, chegaram as férias do ano seguinte. Arrumei minha mala, peguei o ônibus e fui em direção a ela. Quando cheguei lá, descobri que Thaise tinha viajado para as praias e só voltaria um dia depois de eu já ter partido para casa.

Enfim, chegaram as férias de 2009. Outra vez eu em Chapecó. Desta vez, encontrei-a e consegui falar o que sentia por ela. No começo, Thaise entranhou, mas, dois dias depois, voltou a conversar comigo e percebi que também gostava de mim. Pedi um beijo. Thaise pensou um pouco e acabamos nos beijando. Até hoje, quando vou para lá, fico com ela.

As Panteras

Diônatan Ribeiro da Silva

Todo dia passava uma velhinha na fronteira com uma lambreta. Os guardas notaram isso. Num desses dias, a velhinha voltou e o guarda mandou-a parar. Ela trazia maços e mais maços de cigarros. A velhinha disparou com a lambreta e os guardas a seguiram de carro. A velhinha era boa pilotando, mas acabou a gasolina, por isso ela foi pega, e, por sua idade avançada, não ficou presa.

Outras duas senhoras faziam todo dia a mesma coisa em um carro. Os guardas notaram que as velhinhas cruzavam a fronteira todos os dias na mesma hora. Os policiais desconfiaram e foram verificar. As velhinhas aceleraram, entretanto, elas se deram mal: sofreram um acidente e morreram. Os policiais revistaram o carro. Eram armas, drogas e roupas roubadas. Descobriram que as velhinhas eram de uma quadrilha armada desde a década de 1940. Essa quadrilha acabara em 1970, quando algumas mulheres foram presas e outras morreram. Entretanto, algumas integrantes continuaram a quadrilha, a equipe chamada "As Panteras".

Páginas de um diário

Talita Favretto de Abreu

NUMA BELA MANHÃ COM O CÉU bem azul, Leila foi trabalhar. Foi bem normal. Encontrou seus amigos de trabalho com quem convivia todos os dias.

Era assim todos os dias: Ela fazia a mesma coisa, nunca tinha olhado para Augusto, seu colega, com outro olhar sem ser o de amizade. Ela o conhecia há anos, mas nunca passou por sua cabeça que dessa amizade tão longa iria surgir algo mais.

Logo, Leila foi se aproximando cada vez mais dele e nesse meio tempo a aproximação constante entre amigos provocou sentimentos muito fortes entre eles, coisa que nunca havia acontecido com Leila e Augusto. Ela não podia entender e compreender o que estava acontecendo com seu coração.

Um dia, criou coragem e perguntou para Augusto:

— Você sente o mesmo que estou sentindo por você ou estou enganada?

— Não, você não está enganada eu estou sim apaixonado por você!

— Meu coração bate forte quando eu te vejo. Penso em você todas as noites antes de ir dormir.

— Eu também penso em você todas as noites. — Disse Augusto.

Ele tinha uma certa insegurança sobre ela, mas mesmo assim ela insistiu no que seu coração sentia. Mas o amor entre os dois foi maior que a insegurança de Augusto. Eles passaram por cima de tudo o que os atrapalhava em seu relacionamento.

Augusto, com o tempo, foi perdendo sua insegurança em relação à Leila. Agora estão juntos e felizes. A insegurança que existia deu lugar ao amor surgido de uma amizade. Grande amor que nem eles esperavam fruto de uma atração tão forte e duradoura.

Paixão e fé coloradas

Marlon Josnei Oliveira

Em uma cidade chamada Olaria, existia um casal, Adailton e Joelma, que era apaixonado pelo Sport Club Internacional. Eram tão apaixonados pelo time que eles tiveram três filhos homens e o Adailton colocou neles os nomes de três grandes jogadores: Rafael, Fernando e Nilmar.

O casal tinha um sonho: ir a Porto Alegre e assistir a uma partida de futebol do seu time do coração. A família achava que o desejo era impossível porque eles eram muito pobres. Mas era uma família bastante honesta que sempre colocou muita fé nas apostas de casas lotéricas. Adailton falou para Joelma:

— Meu amor, um dia Deus vai olhar para nós e ver que o nosso pensamento para o dinheiro é de dar uma boa escola e uma boa educação para nossos filhos e poder ajudar as pessoas pobres.

Os meninos que tinham sete, dez e quinze anos falaram:

— Pai! Hoje vamos jogar os números 05, 22, 37, 48, 18, 30 na Time Mania.

O pai foi até a lotérica e jogou pela primeira vez com a certeza de que iria ganhar. À noite, acompanhando pela televisão o sorteio, viu os seus números serem sorteados e o time do coração daquele sorteio foi o Internacional.

Foi como se uma fada os tivesse abençoado.

Com o valor, ajudaram muitas pessoas pobres em Olaria, e realizaram o grande sonho: ir ao estádio Beira Rio assistir a um Grenal. Afinal, eles haviam ficado muito ricos por terem ganho um valor de R$ 22.000.000,00. Além disso, foram morar numa casa luxuosa bem próxima ao estádio.

Sonho realizado, viveram felizes para sempre.

Dez são mais que um

Rosana Suelem Santos Paim

DOMINGO "FRIOZÃO", PEGO O ÔNIBUS para ir para casa, sento no fundo como de costume. São 22 horas e 9 minutos. No ônibus há três passageiros. Tudo tranquilo, até que o ônibus se detém numa parada onde há dez rapazes. Eles entram e sentam espalhados. Um levanta e começa a pular a catraca de um lado para o outro. Fico na minha e, como havia previsto, ele começa a dar tapas na cabeça do garoto que estava três bancos na minha frente. Já me sobe o sangue com vontade de pôr o rapaz para fora e enchê-lo de "lixo". Mas na minha cabeça só a frase "dez são mais que um". Se eu falo algo, vou apanhar até a morte. Seguro-me e o cobrador também fica quieto. Só penso na minha família, na vida, enquanto ele dá chutes nos passageiros. Alguns amigos dele começam a chutar também. Eu não estou mais me segurando. Os amigos dele param, mas ele continua.

Um dos amigos dele – acho que o mais consciente – diz para ele parar que já estava demais. Ele o chamou de "Casca". Casca ignora o pedido e se aproxima de mim. Meu coração vai a mil, respiro fundo para não falar tudo o que penso. É difícil, pois sou uma matraca que só. De cabeça baixa, sangue quente, tento pensar em coisas legais e me desligar da situação. Que bom se eu conseguisse!

Casca começa a ameaçar dizendo:

— Os garotos que não são da vila, quando descerem vão apanhar.

Enquanto eu mantinha a cabeça baixa, pois "dez são mais que um".

— A vila é minha, sou eu que mando lá. — avisa ele.

Ninguém diz nada.

Após essa ameaça, ele puxa o cabelo do rapaz de moicano que está ao meu lado. Quase choro de raiva, mas continuo na minha, com a cabeça baixa. Quase não aguento mais, desejo ter uma arma naquele momento.

Casca puxa o moicano do rapaz e diz:

— Como você faz esse penteado maluco? Queria fazer no meu. — comenta, tirando o boné e levantando o cabelo. — Taaaah! mas é muito pequeno, mas acho que aqui dá. — continua Casca, abaixando a cabeça e colocando seu órgão sexual para fora.

— Faz pra mim, faz, faz! — Insistia ele, enquanto o garoto abaixa a cabeça e não diz nada.

O amigo mais consciente diz:

— Parô, já tá demais Casca, se toca!

Enquanto os outros amigos riam, Casca responde.

— Cagão! — xinga ele aos risos.

Dois passageiros passam a catraca antes de chegar à vila. Casca pula a catraca, puxa os dois para o banco e diz:

— Vocês vão descer lá na vila!

O cobrador abre a porta, os rapazes descem correndo e vão para casa a pé. Isso que eles só queriam visitar uns amigos.

— Corram, otários! A vila tem dono. — grita Casca da janela, dando gargalhadas.

Depois, vem em minha direção. Coração bate a mil novamente. Diz oi para mim, mas a porta dos fundos se abre e todos descem rindo.

Nossa! Senti um alívio enorme.

Um dos passageiros desce uma parada antes que eu, quase chorando. Na próxima sou eu que desço, com muita raiva por presenciar e não poder fazer nada, afinal "dez são mais que um". Chego em casa revoltada, tomo banho e vou para a cama tentando dormir depois do que presenciei. Não consigo, as cenas se repetem em minha cabeça como se estivesse presenciando novamente aquele pesadelo.

Ligo a televisão para ver se me distraio. Está dando tiroteio na favela, os policiais prendem os bandidos e todos ficam felizes. Pena que isso não acontece na vida real.

(Baseado em fatos reais)

Só restou saudade

Gustavo Gonçalves

Era uma cidadezinha muito pequena. Todos os moradores se conheciam. Num bairro afastado, em um casebre, havia um menino que tinha nome bem engraçado: Onesvaldo. Ele sempre falava para sua mãe, Eliza, sobre seus sonhos.

— Quando eu crescer, vou trabalhar muito! Vou comprar uma casa para a senhora e ninguém vai nos tratar como pobrezinhos.

Dona Eliza respondia.

— Você é um filho de ouro!

Os anos passaram, mas Onesvaldo não conseguia trabalhar, porque não tinha idade para assumir um cargo. Por isso, em todos os lugares porque passava, ouvia a mesma resposta:

— Meu filho, não podemos empregá-lo porque você não tem idade!

Então, Onesvaldo voltava para casa para brincar, como sempre.

Entretanto, naquele dia, chegou ali um rapaz muito estranho que o convidou para ir junto com ele até sua casa. No meio do caminho, ofereceu a Onesvaldo um pouco de droga. O menino não sabia do que se tratava e acabou aceitando. No dia seguinte, ocorreu a mesma coisa. A mãe de Onesvaldo começou a se preocupar porque ele não estava mais procurando um emprego.

Passou-se um tempo e Onesvaldo chegou em casa e deu a Eliza uma mala cheia de dinheiro dizendo:

— Pegue esse dinheiro, mãe, para a senhora comprar uma casa linda. Estou indo embora, logo, logo, eu volto para te ligar e te levar junto comigo.

Dona Eliza ficou sem saber o que fazer. Viu que Onesvaldo estava saindo com aquele rapaz estranho, mas não deu bola, pensava que o filho viria lhe buscar.

Passaram-se três anos e Onesvaldo não deu mais notícias. Um dia, dona Eliza acordou sentindo algo estranho. Quando Onesvaldo chegou dentro de uma ambulância, baleado, com a vida por um fio, Eliza, desesperada, gritou:

— Meu filho, o que houve?

Onesvaldo foi direto para a sala de cirurgia e, no dia seguinte, Eliza teve notícias de seu filho. Era tarde!

Onesvaldo morrera com cinco tiros no peito, pois tinha dívidas com traficantes e não as pagara.

Esta é a história de muitos filhos de pessoas sem oportunidade de crescer na vida. Encontram saída nas drogas, não sabendo as consequências que elas podem trazer para a família e, principalmente, para seus pais. Voltam para casa sem vida, iguais ao início: sem nada...

O vício destrói famílias

Fabiana da Silva da Rosa

Esta história começa em uma pequena cidade do interior. Uma linda família, um casal que estava junto há pouco tempo.

Era o segundo casamento da mulher. Ela já tinha três filhos de um casamento anterior. Neste segundo casamento, tinha dois filhos. O casal vivia bem, tinha casa e terras. Com o tempo, o homem começou a beber e ela descobriu que estava grávida do terceiro filho. Durante a gestação, ao fazer os exames de rotina, descobriu que estava com um tumor no útero. Ficou apavorada.

O médico pediu-lhe vários exames para investigar o caso. Eles gastaram muito e para pagar venderam terras e a metade do que plantavam. Os resultados não foram bons e os resultados mostraram que ela tinha um tumor maligno. O médico avisou-a que iriam tentar salvar o bebê, mas tudo podia acontecer na hora

do parto. O casal ficou desesperado com a situação. Aguardavam ansiosamente a hora do parto.

O dia do parto chegou e o médico não conseguiu salvar a mãe. O pai ficou inconsolável. Todos, tristes. Com três filhos dela e mais três seus, o que ele iria fazer para criar seis crianças? A avó, vendo o pai sofrendo com todas as crianças, decidiu ficar com os três primeiros filhos, os do primeiro casamento da mulher. O pai ficaria com os outros três. Tendo vendido tudo para tentar salvar a esposa, estava desesperado. Não sabia o que fazer. Passou a beber cada vez mais. As tias das crianças vendo-o nessa situação e sem condições de ajudá-lo porque já tinham filhos, falaram que ele desse as crianças para a adoção. O pai não aceitava perder os filhos e bebia ainda mais, chorando muito a perda da esposa. Um ano após a morte dela, ele percebeu que não teria condições de criar os filhos. Destinou-os à adoção.

A primeira filha ficou com ele, a segunda, com seu irmão. Este tinha uma esposa que não podia ter filhos. Mesmo após dez gestações não conseguira criar nenhum. Então, eles ficaram com a menina e fizeram todo o processo de doação, criando-a com muito amor. O terceiro foi adotado por outro casal que também não tinha filhos.

A primeira filha, que ficara com o pai, permaneceu mais dois anos com ele. Ele não a queria dar de jeito algum. Entretanto, ele saía com ela à noite pelas ruas, fazendo-a passar frio e fome. Então, os parentes dele tomaram-lhe a criança e a levaram para um orfanato. A menina ficou cinco anos na instituição até a encaminharem para adoção. O casal que a adotou não tinha filhos.

Hoje, a primeira filha, a última a ser encaminhada para adoção, tem 19 anos, mora com os pais de criação e tem muita raiva de seu pai verdadeiro por não a ter criado e sente muito por não ter conhecido sua mãe.

A segunda filha foi educada com muito carinho. No entanto, seu pai de criação também bebia muito, o final de semana inteiro. Quando chegava em casa, bêbado, queria bater nelas. Com o tempo, ele parou de beber porque ficou doente. A menina, então

com 14 anos, apaixonou-se por um rapaz, saiu de casa e foi morar junto com o namorado. Ela vive bem, tem sua casa, estuda muito e é médica, porém sofre com a dor de não ter conhecido sua mãe e ter crescido vendo seu pai adotivo bebendo, assim como seu pai biológico. Essa menina o ajuda muito, mas ele não parece querer ser ajudado.

O terceiro filho tem 16 anos, vive com sua família de criação no interior de uma cidade. Estuda e ajuda seu pai adotivo na roça, mas tem vontade de conhecer o pai biológico.

A bebida destrói muitas famílias em questão de minutos. Na verdade, todo vício destrói. Esta é a vida real!

Internet

Cláudia da Cunha de Assumpção

VOCÊ JÁ PENSOU COMO SERIA se não existissem MSN, orkut, twitter e facebook? Bem, eu não consigo imaginar minha vida sem internet. Adoro ficar no meu quarto conversando com meus amigos do MSN. Na verdade, a maioria do tempo que eu tenho, fico on-line.

Minha mãe diz: "Valentina procure alguma coisa para fazer, não fique só na frente desse computador, isso não é saudável"!

Por exemplo, essa semana tive uma prova de português. Respondi as questões e entreguei a prova no outro dia. A professora devolveu minha prova e disse que era para eu traduzir o que estava escrito. De tanto abreviar palavras na internet acabei pegando MNIA de ABREV TDO... Ops, me confundi! Como eu estava dizendo... a professora ficou preocupada com a minha aprendizagem e acabou ligando e contando dessa prova para minha mãe e perguntando o que estava acontecendo comigo.

Minha mãe e eu conversamos muito e... advinha o resultado? Estou de castigo e vou ficar um longo tempo sem internet. Mas eu não estou no direito de reclamar, sei que ela está certa e só quer me ver bem.

Bem, querido diário, por hoje é isso porque tenho uma pilha de livros para ler e recuperar o tempo perdido. Então, eu fico por aqui...

Até amanhã...

Despedida sem querer

Letícia da Silva Martins

Raquel,

DESDE CRIANÇA FUI CONSIDERADA estranha, porque eu não era igual às meninas da minha idade. Eu me senti muitas vezes excluída, mas ainda assim não deixei de ser eu mesma porque sentia que, um dia, isso não faria diferença nenhuma. Afinal, eu tinha amigos, poucos amigos, mas eram verdadeiros. Eles eram tudo para mim. Minha família me amava muito e eu os amava ainda mais, apesar das dificuldades. Estávamos unidos para sempre.

Depois, chegou a adolescência, uma época de muitas descobertas, mudanças, uma época em que você se conhece melhor. Seu corpo, sua mente... tudo muda. Você passa a ter uma visão melhor do mundo em que vive. Foi nessa época de mudanças e descobertas em que eu me descobri diferente. Foi assim que eu passei a entender o porquê de tudo. Com o apoio dos meus verdadeiros amigos, tive coragem de assumir quem eu realmente sou.

Mas nem sempre foi assim. Eu, como muitas pessoas, sofri muito preconceito. As pessoas me humilhavam por eu ser diferente, agrediam-me verbalmente. Só não chegava à agressão física, mas as palavras ditas para mim doeram mais que um

tapa ou um soco. Tomara que a homofobia seja considerada crime, porque nós, homossexuais, temos os nossos direitos como qualquer cidadão.

Confesso que por causa de tudo isso já pensei em entrar no mundo das drogas e da bebida, mas eu sabia que se entrasse talvez não pudesse sair de lá e, se saísse, poderia ser morta. Graças a Deus tive consciência de que iria perder tudo o que havia conquistado e não conquistaria o que quero... e não teria te conhecido... uma razão a mais para eu viver. E é por isso que estou voltando pra casa. Quando eu chegar à cidade, vou te procurar e dizer na tua frente "Eu te amo".

Fernanda

...

Esta foi a carta que eu recebi da Fernanda, quinze dias antes de ela voltar da cidade onde morava. O que ela não sabia era que eu também a amava, por isso preparei-me durante esses quinze dias para recebê-la.

No dia em que ela iria chegar, recebi um telefonema da irmã da Fernanda, avisando que ela havia sido encontrada morta próximo à rodoviária da cidade onde morava. As câmeras de um prédio tinham filmado: ela foi atacada por "skins heads" na rua.

Naquele momento, meu mundo desabou, entrei em depressão e passei a viver à base de remédios, por causa desse trauma. Entretanto, encontrei uma razão para viver: lutar contra a homofobia na sociedade e por um mundo livre de preconceitos. Esta história não tem fim, é apenas um novo começo.

O caminho da descoberta

Tuany Aline dos Santos Motta

Na cidade de Bem Povoado onde ninguém mais tem esperanças de um futuro próspero, moram três incríveis jovens: Rômulo, Clarisse e Thiago. Eles detestam a pacata cidade porque por mais que tentem achar alguma diversão é muito difícil: as normas da cidade não permitem que eles se aventurem.

Como os amigos não têm o que fazer, resolvem achar um refúgio onde ninguém irá encontrá-los. Vão até a casa abandonada que todos da cidade temem. Apesar de Clarisse e Rômulo ficarem com receio, Thiago sempre os incentiva a não temer. E como os três adoram uma aventura, resolvem se arriscar.

Ao chegar a casa veem que nada há além de móveis velhos e coisas antigas em que ninguém mexe há anos. Na parede, destaca-se um enorme quadro de família. Os boatos que rondam a cidade de Bem Povoado falam que, há muitos anos, morava ali uma família de agricultores que após acumular muitas dívidas perdera a casa para a justiça da cidade. A família fora embora sem esperanças, mas, antes de ir, rogaram uma praga para que nada naquela casa prosperasse, nada crescesse, nada se multiplicasse.

Anos a fio, todas as pessoas que moraram naquela casa nunca conseguiram ter sucesso. Ficavam doentes ou tinham outros problemas, mas nunca prosperavam. As famílias saíam e abandonavam a casa porque cada vez mais os boatos se alastravam e a crença na praga rogada acabou virando realidade. Consequentemente, a casa foi abandonada.

Clarisse que adora investigar as coisas, começa a ficar intrigada ao ver que quem esteve lá pela última vez não estava de partida: simplesmente saiu e não voltou... ninguém mais voltou.

Ela começa a se perguntar por que aquelas pessoas saíam sem levar nada: nem seus retratos, nem suas lembranças. E por que o prefeito ou alguém responsável não foi a casa e nunca mexeu em nada? Tudo parece estranho para ela, mas ao mesmo tempo algo fazia sentir que não estava ali por acaso.

Os três jovens, empolgados com a descoberta, vão mexendo nas coisas velhas que ali estavam há anos. O tempo vai passando. Quando percebem, já é muito tarde, voltam para casa com o pensamento no mistério da antiga residência.

Amanhece o dia, Clarisse pula da cama empolgada para voltar e não espera nem os meninos. Dentro da casa, mexendo nas coisas nem se dá conta de que não está mais sozinha. Olha para atrás. Um homem alto, magro e negro a observa... a garota desesperada corre e o homem vai atrás na tentativa de acalmá-la, tentando explicar que, na verdade, é um investigador e que ela corria risco de vida naquele lugar. A casa, explica ele, é um ponto de produção de todo tipo de drogas, e que ele há anos trabalha na investigação da casa.

Aos poucos, Clarisse se acalma. O investigador explica que todas as pessoas importantes da cidade estavam envolvidas e que as pessoas não permaneciam ali por medo dos traficantes. Para não serem perseguidas, as pessoas prometiam desaparecer, nunca mais voltavam nem falavam sobre o assunto.

Nesse exato momento, chegam os traficantes e acabam aprisionando os dois. O investigador, na tentativa de fugir para buscar reforços, acaba atingido por um tiro na cabeça. Clarisse, assustada, começa a gritar. Os bandidos não querem mais incômodo, chamam o prefeito e o delegado da cidade, ordenando que a matem. Assim, Clarisse foi morta pelas mãos do delegado. Sumiram com os corpos e mais uma vez o caso ficou sem solução. Duas vidas perdidas por ambição de pessoas que deveriam cuidar e proteger.

O que é o amor...

Jéssica da Silva de Oliveira

NUMA PEQUENA CIDADE, HAVIA uma família composta por três filhos, a mãe e o pai.

Em uma manhã bonita e ensolarada, o pai saiu cedo para garantir o sustento da família, sem imaginar que depois de sair e

dar um beijo em sua mulher e um forte abraço em seus filhos, não voltaria mais! Ao atravessar a rua, foi atropelado e morreu na hora. Um amigo da família, que logo após o acidente soube da tragédia, foi imediatamente dar a triste notícia.

Dona Margarida, como era conhecida no bairro, estava cuidando da casa e dos filhos quando soube. O filho mais velho do casal, oito anos de idade, ouviu tudo e correu pegar sua irmãzinha que chorava juntamente com seu irmãozinho de três anos. Ficou lá, em silêncio, meio confuso sem saber o que fazer, só ouvindo o choro da mãe.

Passada uma semana, achando que se acabaria o pesadelo, nem imaginavam que ele apenas havia começado. Com a morte do pai, quem iria sustentar a família? Dona Margarida tinha sua filha recém-nascida. Os meninos como poderiam trabalhar? Começou a faltar comida e, sem dinheiro para nada, cortaram a água e a luz. Dona Margarida passou a lavar roupas para fora. Rendia pouco, mas ajudava.

Uma noite, dona Margarida saiu para comprar velas e quando voltou botou as crianças para dormir, pois fazia uma noite fria. Depois, foi também se deitar, cansada e, com o pensamento um tanto aflito, esqueceu-se de apagar a vela.

Quando se deu por conta, já estava queimando tudo na pequena casa de madeira. Ela correu para pegar as crianças e sair do local. Ao pegar seu filho mais velho e o outro filho, correu para fora, pois estava já sem ar. Largou-os e se desesperou ao ver que o fogo se alastrava e sua filha ainda estava lá dentro.

O menino mais velho, César, ao ver a mãe em tal desespero, sem pensar, correu para a casa tomada de fogo e entrou. Ao encontrar a irmã quase sem vida, correu em sua direção. Nesse exato momento desabou um pedaço de madeira, incendiando seu rosto.

Com muita dor, a irmã correu para fora...

Escolha um final! Para um final feliz, vá para o quadro 1.

Para um final triste vá para o 2

1

Foram ao hospital, e inacreditavelmente, correu tudo bem. As pessoas que moravam no centro da cidade ao saberem da triste história, resolveram tomar uma atitude para que aquele pesadelo acabasse e, enfim, a família pudesse sonhar. Reuniram-se e deram roupa e comida.

A prefeitura presenteou-os com uma bela casa. Passado o tempo, César, o herói da família, sem poder esquecer sua história, pois ficou com cicatriz no rosto, virou escritor para que todos soubesse o que é o amor!

2

César, depois de ter salvo a vida da irmã, que devido ao incêndio ficou paraplégica, faleceu, deixando mãe e irmãos.

O tempo passou e dona Margarida teve dificuldades para manter os filhos e entregou-os ao Conselho Tutelar. Em seguida se matou, deixando os filhos para trás. Na memória ficou aquela imagem de família feliz que esperava o pai voltar com sua mãe, alegre e carinhosa e os irmãos sempre brincando e bem unidos. Ficou na memória o que é o amor.

Um sonho interrompido

Luana Assumpção

Certa menina morava com os pais na cidade grande. Cheia de sonhos e muito alegre passava o dia a cantarolar. Em seu coração sonhava em ser até mesmo uma cantora famosa que pudesse ser reconhecida no Brasil inteiro.

Mas em meio a tanta felicidade, esse sonho veio a ser interrompido pelo próprio destino. Chegava em sua casa, a tia fazendo uma

visita apressada e um pouco desconfiada, porque a avó materna, de noventa e cinco anos, precisava de companhia.

O pai e a mãe da menina ofereceram-na, porque já tinha experiência de cuidar de seus seis irmãos mais novos. A tia fez o convite. A menina ficou um pouco triste na hora, mas pensou, refletiu e falou: "Sim".

Foram dormir, porque naquela madrugada deveriam deixar a cidade grande e viajarem para a pequena cidade do interior.

Às cinco horas da manhã, a tia e a menina arrumaram as poucas roupas, despediram-se de todos e partiram. A menina estava ansiosa para chegar e conhecer o lugar que seria seu novo lar.

— Está longe, tia? — pediu ela.

— Ainda teremos mais três horas de viagem. Andaremos mais ou menos quarenta minutos e pararemos em uma cidade vizinha para ir ao banheiro e fazer um lanche.

A menina, cansada da viagem, acabou adormecendo e acordou com a sua tia chamando:

— Acorda, acorda! Acabamos de chegar.

A menina despertou do sono, desceu do carro, muito tímida. Por ser estranha, foi se aproximando devagar. Enfim, abraçou a avó com amor e saudades, pois há tempo não a via.

Foram recebidas pela avó, que apesar da sua idade avançada, cozinhava muito bem, realizava todos os afazeres domésticos e era também costureira de mão cheia.

Estava prontas uma galinhada preparada por ela, cucas caseiras deliciosas e pipoca para acompanhar o delicioso chimarrão que é a bebida favorita do interior.

No dia seguinte, a menina tímida, foi se soltando aos poucos. Foi se acostumando com o tio que as visitava todos os dias e sua prima, muito extrovertida, que começou a explicar como era a vida do campo. Ali, juntas, elas visitavam os galpões onde ficavam os animais: galinhas, havia mais de duzentas, porcos eram cem num chiqueirão, fora os recém-nascidos que ficavam separados.

O gado era sem comparação, muitos, muitos entre cavalos e bois e vacas de leite que sustentavam a muitos nas redondezas.

As lavouras de milho e soja, trigo e outras diversas, sem falar dos pomares que muito a impressionaram, deixando-a assim um pouco perdida em meio a tudo o que contemplava.

Assim, ela se divertia muito, mas quando batia a saudade em meio à noite enluarada quando a lua clareava os montes distantes, ela chorava... Chorava escondida para que a ninguém visse triste, pois lembrava do pai, da mãe e dos irmãos que deixou. Então, a dor era grande.

Imagine você, uma criança, em situação tão dividida.

Era doído tudo aquilo, mas ela suportava, pois pensava na sua querida avozinha que precisava dela para lhe acompanhar aonde ela fosse. Às vezes, a avó se sentia tonta e precisava de ajuda para não cair.

Em seu coração a menina pensava: "Um dia retornarei à minha cidade, junto com minha família eu estarei e matarei toda essa saudade e não vou mais chorar."

Passaram-se nove anos. Aquela menina já era moça, tinha dezesseis anos sabia o que eu queria: retornar para sua terra, rever sua família, participar dos momentos bons e ruins juntos a ela, ver seus irmãos, poder abraçá-los, poder abraçar, chorar com eles e até mesmo brigar com eles... por que não?

Então, o momento esperado chegou. A avó sofreu um ataque cardíaco atrás do fogão de lenha, enquanto tomava chimarrão. A senhora ficou ali mesmo, sentadinha, quase como se caísse da cadeira. A cena jamais será esquecida pela menina, mas sua missão estava cumprida.

Satisfeita, ela se conformou por ter seu sonho interrompido e retornou para o lar querido que era simples, mas especial. A menina voltou para a terra querida: Passo Fundo.

Sonho ou realidade

Álisson Nickel de Lima

UM DIA, UM JOVEM CHAMADO João da Silva estava terminando o ensino médio e queria arrumar um emprego acreditando que o trabalho era fácil. Seus pais não tinham condições de sustentá-lo, já que ele não gostava de usar qualquer tipo de roupa ou calçado. João estava determinado a arrumar um emprego para poder comprar suas próprias coisas.

Seu pai, Emerson, era construtor, e sua mãe, Juliana, era cozinheira. João foi procurar seu primeiro emprego bem vestido com camisa branca combinando com sua pele, gravata azul como seus olhos e calça preta como seu cabelo. Quando chegou ao escritório para ser entrevistado, o senhor Jocelir dos recursos humanos perguntou:

— Você tem alguma experiência em escritório?

João respondeu que não, pois nunca tinha trabalhado em sua vida.

— O senhor possui algum curso?

— Não! — disse o rapaz.

Estava concluída a entrevista.

Então, Jocelir disse para ele aguardar o resultado em casa, pois a resposta viria dentro de uma semana por correspondência. A semana passou sem nenhuma resposta. João foi ao escritório onde havia feito a entrevista.

Quando chegou, Jocelir falou.

— Você... aqui de volta? O senhor João não tem qualificação e cursos e muitas outras coisas que precisa para trabalhar aqui.

João saiu muito desapontado com o que ouviu, mas pensou no que seu amigo, Talisson, dizia:

— Nunca desista de seus objetivos!

Ele pensou um pouco, levantou a cabeça e seguiu em frente.

O problema é que seus pais não tinham condições de pagar cursos e outras coisas de que ele precisava. Ele não sabia que, naquele dia, sua sorte mudaria para melhor.

João encontrou uma mala com dinheiro e, junto à mala, havia um número de celular. O pobre jovem não sabia o que fazer, resolveu ligar. O número era o celular de Jocelir. João reconheceu a voz e eles combinaram de se encontrar no endereço dado por Jocelir.

Quando João chegou ao endereço, notou que era o local onde fizera sua entrevista. Assim que entrou, Jocelir se espantou:

— João?! — disse ele, espantado.

O rapaz disse que ele mesmo encontrara a mala. Assim, Jocelir o convidou para trabalhar em seu escritório como recompensa.

João aceitou o emprego e conseguiu realizar todos os seus sonhos e objetivos. Hoje, quando encontra o amigo que havia dito para não desistir, João fala para ele:

— Antes eu achava que trabalhar e arrumar um emprego era fácil, no entanto, percebo que não é fácil nem é um sonho. Por isso, vou ajudar meu pai e minha mãe para que não precisem sofrer mais. Vou dar-lhes uma vida melhor!

E, assim, João ajudou seus pais. Viveram felizes para sempre até que a morte os separou.

Ágata e sua história

Andréia da Silva Dutra Fogolari

UMA CRIANÇA, AINDA PEQUENINA, foi rejeitada por sua mãe. Ágata foi tirada da mãe pelo tio que soube que ela estava sendo maltratada e passava fome. Ágata, sem conhecer o mundo em que iria viver, saiu da casa da mãe e foi direto para o hospital onde ficou internada no CTI, sem saber se sobreviveria ou não.

Os médicos chamaram os avós paternos e disseram:

— Se vocês não assumirem a responsabilidade sobre a criança, ela morrerá por maus tratos e miséria.

Os avós falaram que iriam assumir a obrigação sobre Ágata. A mãe, no entanto, nunca mais procurou a filha nem quis saber se a pequena estava viva ou morta.

Aos dezenove anos, Ágata casou-se e mandou um convite para a mãe, através da irmã que morava com o pai e com ela. A mãe mandou dizer que não iria sair do Bairro Ipiranga para assistir ao casamento. Ágata ficou muito triste porque queria conhecer a mãe e seu sonho não poderia ser realizado. Apesar disso, Ágata não baixou a cabeça, não usou drogas nem deixou de sonhar. Ela nunca escondeu de ninguém que gostaria muito de conhecer a mãe. Da mesma forma, seus avós também nunca esconderam a verdade de Ágata, sempre procurando contar a história real para que ela não pensasse que eles tentavam escondê-la da mãe.

Depois de um ano casada, Ágata desconfiou que estava grávida. Com um exame tirou sua dúvida. A alegria foi tanta que a primeira pessoa com quem ela queria dividir sua felicidade era com a mãe. Mais uma vez, no entanto, esta virou as costas à filha.

Ágata não desistiu. Quando a filha nasceu, não pensou em ninguém a não ser em sua mãe. Imaginou como seria bom a mãe estar a seu lado naquele momento inesquecível de sua vida. Mais uma vez, decepcionou-se. Quando a filha fez um aninho, enviaram um convite para a mãe de Ágata. Talvez ela viesse conhecer a neta. Junto ao convite veio a resposta:

— Não vou, não quero nem saber... nem saber da mãe e muito menos saber da filha!

Disse-lhes ainda:

— Se dependesse de mim, Ágata não havia nascido, pois a teria matado. Só não fiz isso porque o pai não permitiu. Não a aceito como minha filha!

Ágata ficou muito triste com a resposta da sua mãe. Desde então, não mais a procurou. Hoje, aos 23 anos, Ágata ainda sofre com o desprezo da mãe, mas procura dar à sua filha toda a atenção,

carinho e dedicação que ela não teve. Juntamente com sua avó, seu marido e seu pai procura fazer com que não falte nada à menina.

Sabe-se bem que mãe não é quem gera um filho e sim quem o cria, por isso, Ágata conformou-se um pouco mais e procura estar sempre perto de quem realmente a ama: seus avós.

O fim dessa história ainda não sabemos! Será que Ágata terá a oportunidade de conhecer a mãe?

Sempre há uma saída

Nardel Ramos da Cunha

Um lado...

NA TV, ELES MOSTRAM A VIOLÊNCIA gerada pelas drogas, parece que tudo o que acontece na criminalidade tem a ver com elas. Eu só penso se algum dia isso terá fim. Será que a polícia, o governo, os órgãos responsáveis conseguirão vencer as drogas? Onde vamos parar?

Todas as grandes operações e apreensões que são feitas não têm obtido um resultado satisfatório, afinal, os crimes só aumentam. E isso todos nós sabemos.

...o outro

O que a TV não mostra é que ela mesma é capaz de manipular a "verdade". Todo mundo tem um preço. De um jeito ou de outro, por bem ou por mal, você não consegue escapar. Os ricos com maior poder são os mais gananciosos. Eu até entendo porque não deve ser fácil manter um elevado padrão de vida; precisa-se de muito dinheiro. Os pobres, por sua vez, também por ganância, acabam se envolvendo com o que está a seu alcance e que também gera altos lucros: o crime.

O crime se faz presente em todos os lugares, seja na favela, seja nos grandes centros. É cometido por bandidos, policiais, políticos com um só objetivo: dinheiro. A impunidade tomou conta, ninguém tem fé na justiça.

O que não se vê é a realidade, a outra face, a miséria, a desigualdade, o desemprego, a falta de oportunidade. Problemas todos têm, a diferença é você enfrentar um problema com dinheiro e barriga cheia ou enfrentá-lo na miséria.

O crime acaba sendo uma válvula de escape para equilibrar as coisas que não temos; e as drogas acabam sendo a maneira mais fácil para se ter lucro rápido e elevado, porque ela está presente em todos os lugares e é muito fácil ter contato com ela se você não parar para pensar nas consequências.

Olhe a seu redor. Se você quiser ter (ser) ou fazer algo tem que ter dinheiro. Você gasta em tudo. Olhe os impostos como são absurdos! A verdade é que não somos donos do que temos, não somos livres, sempre há alguém nos vigiando, sempre há consequências para o que fazemos. Tudo tem um valor.

Olhe a corrupção, os políticos e os policiais que "aprontam", roubam à mão grande. São presos? Não. O máximo que acontece é terem seus mandatos cassados ou perderem seu emprego, saindo impunes. Já o pobre, se roubar para comer e for preso, mofa na cadeia. Essa é a solução?

Esta história é sobre tudo isso.

***

Minha vida nunca foi fácil. Fui criado na pobreza, sem pai, com outros dois irmãos pequenos, mas isso não é motivo para fazer coisas erradas. Afinal, todos temos algo a superar na vida. Quantos não foram criados assim ou pior?

A verdade é que é muito fácil entrar no mundo do crime, difícil manter-se nele e pior sair dele. Basta querer entrar. Eu quis. Achei que assim seria mais fácil. Estava enganado. Esse caminho não tem volta: ou é cadeia ou é caixão. Para mim não foi diferente. A cadeia foi de bom tamanho e saiu barato.

A verdade é que na cadeia aprendi muitas, muitas coisas. Nenhuma de bom proveito, pelo menos para as vítimas de quem está lá dentro. A cadeia é como uma faculdade. Você tem vários professores, aprende todas as disciplinas e sai formado para a rua para exercer sua formação.

Eu saí graduado e qualificado em novos artigos do Código Penal, novos crimes. Exerci minha formação muito bem. Fiz todos os deveres – muitos dos quais hoje me arrependo. Não tenho paz comigo, não tenho paz com Deus, não tenho paz com a sociedade. Sei que pagarei por tudo o que fiz, de um jeito ou de outro.

Sou considerado vagabundo, bandido; a sociedade diz que "bandido bom é bandido morto". Muito tempo passou, mas parece que foi ontem. Muitas portas se fecharam e não há jeito de abri-las. A sociedade quer que eu melhore apenas em teoria porque na prática não há chances. Para onde vou, vejo apenas o caminho do crime. Tento evitá-lo ao máximo, penso muito em Deus e na família e não quero que eles passem por tudo novamente.

A vida não é fácil para mim. Talvez seja castigo pelo mal que tenha feito, mas não desisto. É fácil julgar as pessoas quando se está fora do "sistema". Se estou aqui novamente é porque tenho uma missão. Se Deus não me levou ainda – e olha que foram várias as "oportunidades" – não é o crime que me levará novamente.

Quero mudar.

Amor sem preconceito

Sheila da Silva Souza

SUELEM ERA UMA GAROTA DE pele branca e cabelos castanhos. Morava com seus pais em Curitiba. Seu temperamento era doce mas firme. Suelem era homossexual e seus pais eram conservadores e rígidos.

Quando a garota contou a seus pais sobre sua opção, indignados eles a colocaram para fora de casa sem ao menos escutá-la. Suelem partiu para morar em Minas Gerais. Tinha 20 anos e passou a gostar da cidade que a recebeu. Um dia, Suelem conheceu Andressa pela internet. Ela morava com o pai em Maringá.

As duas garotas tinham muitas coisas em comum. Os pais de Andressa também não aceitavam sua escolha. Branca, cabelos pretos e curtos, um pouco imatura, 15 anos, Andressa era a típica adolescente problemática. Ela e Suelem começaram a namorar pela internet. Estavam cheias de planos e muito apaixonadas, não aguentavam a distância.

Por fim, Suelem mudou-se para Maringá e Andressa fugiu de casa para casar com ela. As duas enfrentariam qualquer coisa juntas, o amor era tão grande que nada nem ninguém poderia estragar esta história de amor. Estavam felizes e só pensavam em morar em Curitiba, afinal já se passara um ano que Suelem estava longe e os pais não sabiam de sua localização. Imaginaram que, assim que chegassem ao Paraná, tudo seria diferente... mas não foi.

Os pais de Andressa acusaram Suelem de sequestro e pedofilia. Suelem, então, procurou ajuda com seus pais, mas eles viraram-lhe as costas. Tudo estava dando errado, mas elas decidiram que seriam fortes e venceriam mais essa.

O tempo passou e os pais de Andressa – que haviam recuperado a filha – proibiram-na de encontrar-se com Suelem. Um dia, porém, a adolescente marcou um encontro com seu grande amor para falar o que havia decidido. Andressa fez a Suelem uma proposta, falando assim: "se não der certo nesta vida, dará em outra".

Suelem aceitou. No mesmo dia, foram a um hotel e pagaram o pernoite. No quarto, tiveram a melhor noite de amor de suas vidas. Depois, ambas escreveram a seus familiares e dirigiram-se ao banheiro. Colocaram a música que escutaram em seu primeiro encontro e espalharam na banheira pétalas de rosas vermelhas e brancas e... tomaram um coquetel de remédios "tarjas-pretas". Abraçaram-se com força, sem medo do que viria pela frente.

Não demorou muito até que morressem. No dia seguinte, a camareira encontrou os corpos, chamou a polícia que avisou os pais, que choraram inconformados.

Num gesto inesperado, os dois casais decidiram que o velório das duas seria simultâneo. Eles terminaram amigos e perceberam que o amor vence qualquer fronteira, seja hetero ou homossexual. Suelem e Andressa não desistiram; apenas cansaram de lutar contra o preconceito.

(Esta história aconteceu em Curitiba, em fevereiro de 2006)

Desafios da vida

Vanuce de Carvalho

CERTO DIA, NASCEU UMA MENINA linda chamada Mel, para a alegria de seus pais e de sua família. Mel era herdeira de uma família rica e tinha tudo do bom e do melhor.

O tempo passou e Mel foi crescendo. Apesar de ter tudo o que queria, Mel era uma menina triste. Seus pais viviam brigando, não eram mais felizes no casamento. Ela se tornou uma moça adulta e infeliz.

Um dia, Mel conheceu um rapaz chamado Xandy. Era humilde e não era rica como Mel. O amor falou mais alto que as diferenças sociais e eles se apaixonaram, começaram a namorar e foram ficando cada vez mais unidos. Mel resolveu apresentar Xandy à sua família.

No dia da apresentação, tudo ia bem até que os pais da moça souberam que o rapaz era pobre. Ficaram furiosos e não quiseram aceitar o namoro de jeito algum. Diziam: "onde já se viu, você, uma moça da alta sociedade, namorando um rapaz pobre que não tem nada".

Mel ficou chocada com o preconceito dos pais, apenas porque eles eram de classe social diferente da de Xandy. Entretanto, os dois estavam tão apaixonados que resolveram ficar juntos mesmo assim, uma ao lado do outro, enfrentando as dificuldades.

Mas os pais de Mel, insatisfeitos com essa decisão, estavam dispostos a tudo para acabar com aquele relacionamento: acusaram Xandy de roubo. O rapaz foi preso e acabou perdendo o emprego. Não aguentando tantas armações e humilhações, Xandy rompeu o namoro e foi embora para recomeçar sua vida longe daquela família.

Mel ficou arrasada e cada vez mais triste. Começou a beber e usar drogas. Os pais perceberam que tinham perdido todo o controle sobre ela e simplesmente não sabiam mais o que fazer. Mel estava viciada e ficava cada dia mais violenta. Uma vez, tão mal ela ficou que a levaram para um hospital onde foi internada por alguns dias. A saída era apenas uma: internação em clínica especializada para tratamento de drogados.

Depois de longo tempo na clínica, a moça começou a se recuperar. Seus pais, então, pediram perdão e prometeram serem pessoas melhores e menos preconceituosas.

A prisão

Alice dos Santos

Lucas era um menino muito inteligente que morava no interior. Vinha de uma família pobre que residia numa cabana feita com folhas de bananeiras e chão batido com a mãe, o pai, os dois irmãos e as três irmãs.

Certo dia, o irmão mais velho de Lucas saiu de bicicleta e um carro atropelou-o, matando-o. Foi um momento de intensa tristeza e desespero para a família inteira, especialmente para Lucas.

Passaram-se anos. Lucas estava mais velho. O pai, João, separara-se da mãe, Ana. A separação mexeu muito com ele e seus irmãos, toda a sua vida mudou. Ana abandonou os outros filhos e passou a morar apenas com Lucas e sua filha mais nova.

Lucas tinha que se virar, trabalhando fora mesmo sem idade para isso. Passando fome ou trabalhando em troca de pão azedo, Lucas ia para a roça

enfrentando chuva e vento com pés descalços e chorando. Era um menino triste sem ninguém por ele e sem possibilidade de estudar.

Lucas cresceu e com muito ódio encheu seu coração. Pensava que não existia ninguém que sentiria sua falta. Seus irmãos casaram e tiveram filhos e Lucas permaneceu solteiro.

Numa visita de Lucas à casa da irmã, ele conheceu Márcia, a mulher com quem se envolveria. Márcia era casada e tinha dois filhos. Eles se apaixonaram e ficaram juntos. Dias depois disso, Lucas saiu com alguns amigos que não eram verdadeiros. Beberam até se embriagarem e, completamente bêbados, traçaram o fim da vida de Lucas. Os amigos do rapaz o convidaram para roubarem uma granja.

Na granja, Lucas e os outros colocaram umas toucas ninjas, roubando tudo, inclusive o trator. Quando Lucas estava sobre o trator, os policiais chegaram. Os amigos fugiram, deixando-o sozinho. Ele foi preso e aquela noite tornaria sua vida ainda pior.

Por três anos, Lucas ficou preso numa cela com outros dezessete detentos, dormindo no chão com apenas um cobertor, passando fome, frio, alimentando-se de uma comida parecida com lavagem. Só via o sol quando a luz passava pela janela ou quando saía para o pátio em dias de visita.

Lucas se arrependeu de tudo o que fizera.

Os familiares e amigos se afastaram, a tristeza invadiu ainda mais seu olhar e seu coração, com desespero. Chegou a pensar que deveria ter feito pior, mas refletiu e decidiu mudar e valorizar-se. Lucas tomou uma decisão: nunca mais faria algo errado.

Três anos passaram-se e ele foi libertado. No dia da saída, arrumou as malas, saiu da cela e se despediu dos amigos. Ao colocar os pés fora da prisão, olhou para o céu, viu o sol brilhando, pessoas caminhando nas ruas. Seu olhar se modificou com o brilho da luz e as lágrimas que caíam de seu rosto. Lucas pensou: “nunca mais vou voltar a morar neste lugar”.

Lucas retornou para a casa de Ana e tomou juízo. Nunca mais “aprontou” ou caiu na conversa dos amigos. Hoje, Lucas trabalha

com carteira assinada e tem uma família: casou-se com Márcia e vivem felizes.

A violência incorreta

Bruna Cechin Quevedo

Diante das câmeras sempre parece ser tudo resolvido rapidamente, nada se complica. Na verdade, nem tudo é assim. Eu, por exemplo, acho um absurdo aquelas pessoas que atropelam outras, são presas, chegam à delegacia, chamam qualquer pessoa, pagam fiança e são liberados, podendo voltar para as ruas e assim fazer mais vítimas.

Hoje, dia 30 de junho de 2011, as guarnições em plantão da Brigada Militar receberam uma ligação comunicando que um rapaz de 20 anos, Rafael, sem Carteira Nacional de Habilitação, alcoolizado, envolveu-se em um acidente na Avenida Brasil, Centro.

Ao chegar ao local do acidente, o Sargento Marcos pegou os equipamentos para fazer o teste do bafômetro no rapaz. Rafael, "faceiro" em consequência do álcool no corpo, começou a discutir com as autoridades:

— Eu não vou fazer porcaria de teste nenhum! Só faço na presença de meu advogado!

Enquanto isso, a vítima, uma senhora chamada Ana, 82 anos, estava ali ainda, à espera de socorro e com vários ferimentos. Após a chegada do resgate e do guincho, Rafael foi levado à delegacia de pronto atendimento de Passo Fundo.

Depois de chegarem os pais e o advogado do rapaz, Rafael se lamentou, dizendo que a culpa não foi sua e acabou por fazer a cabeça de todos. O advogado iniciou uma conversa com os policiais:

— Nós pagaremos R$ 1.800,00 e o rapaz será liberado. Apesar de estar um pouco embriagado, ele tem consciência do que está fazendo.

— Está bem, então! — diz o delegado, deixando o aviso de que, se o rapaz for pego mais uma vez dirigindo sem habilitação e embriagado, não terá fiança.

Rafael foi para casa, enquanto a senhora Ana permanecia hospitalizada com ferimentos graves.

É isso aí! Tem muita coisa errada, não há fiança que vá trazer uma vida de volta. Saem por aí beber, atropelam uma pessoa que acaba ficando sem movimentos. É uma fiança que pagará o resto da vida triste dessa pessoa? Penso que as autoridades têm que rever o pagamento de fianças. O culpado tem que ser punido de uma forma que, antes de "beber todas", pense muito bem sobre como iria voltar para casa. Não beber e sair dirigir, arriscando a própria vida e também a de outras pessoas.

O susto

Cristiano Souza

Cleuza trabalhava até tarde da noite. Seu horário de expediente era até às 23 horas. Com o frio de nosso inverno rigoroso dava até vontade de faltar ao trabalho, mas ela sempre desistia, pois tinha três filhos para criar. O desconto das faltas iria desequilibrar seu orçamento.

Havia dias em que não tinha dinheiro para a passagem do ônibus. Nesses dias, ia de ônibus e voltava a pé ou vice-versa. Na volta a pé, surgiam as preocupações: a estrada era escura e muito conhecida pelos crimes que ali aconteciam, como assassinatos, assalto e estupros. Havia algo que aumentava o temor de Cleuza: a estrada passava em frente ao cemitério. Quando Cleuza tinha que passar ali, ficava com o coração na mão.

Certo dia de trabalho, Cleuza ouvia o noticiário na rádio durante seu intervalo. Uma mulher havia sido assaltada e morta na estrada. Essa notícia ficou em sua mente durante todo o horário de expediente. Seu

horário de saída naquele dia, seria às 23 horas. Meia hora antes, o chefe de produção deu o aviso:

— Hoje o expediente se encerrará a zero hora!

Sem ter como argumentar, todos aceitaram a ordem e permaneceram no trabalho. Nesse momento, Cleuza sentiu muito medo e preocupação. O tempo corria e o sinal tocou:

— Zero hora!...

Cleuza até procurou companhia para ir junto, porém ninguém iria para o mesmo lugar. Vestiu seu sobretudo preto, colocou uma touca, manta e luvas, pensou um pouco e encarou a estrada por fim. Quando estava quase perto do cemitério, apareceu um homem alto, forte, de boné. O coração dela disparou de medo.

— Boa noite, vizinha! Mora por aqui? — disse o homem.

Cleuza, tremendo dos pés à cabeça, respondeu:

— Sim...

Quase na frente do portão do cemitério perguntou:

— Você não tem medo de andar sozinha por aqui?

Numa inspiração de vida, Cleuza respondeu:

— Quando eu era viva, sim...

Em seguida, o homem se afastou e se escondeu entre as árvores.

No dia seguinte, Cleuza ouvia seu noticiário de sempre, quando deram a notícia:

— URGENTE! A polícia encontrou o autor do crime de assassinato. Ele estava assustado e dizia aos policiais que havia falado com uma morta toda vestida de preto... afirmava tudo com muita certeza...

Quero ajuda!

Leonardo Silveira de Souza

Havia um rapaz que aparentava mais ou menos uns 20 anos. Era casado com uma moça de uns 15 anos de idade e gostava de fumar a tal conhecida "pedra". Iniciara o vício porque a mulher brigava com ele e acabava agredindo-o. Ficava às vezes doze, vinte dias sem se alimentar, sem tomar banho, sem fazer higiene pessoal.

Um dia, ele decidiu parar, ir trabalhar para ajudar a mãe e a esposa. Apesar de viverem brigando, ele gostava dela e não conseguia deixá-la. Parou com as drogas, voltou a trabalhar para sustentar o filho recém-nascido. Entretanto, os incômodos com a mulher fizeram-no voltar para a maldita droga. De tanto sua esposa ir atrás dele, pedindo para parar e voltar para casa, ela acabou experimentando e se viciando também.

Coitada da pobre criança! A avó teve que assumir a criação do bebê. Para sustentar seus vícios, o rapaz passou a cometer furtos e colocar sua mulher para fazer programas sexuais e arrumar dinheiro para o vício. Por fim, os dois acabaram por se viciar. Ele não conseguiu mais largar do vício e acabou pedindo ajuda à sua mãe.

A mãe decidiu ir até o fórum e solicitar internação para o filho. Conseguiu e partiu para o mais difícil: capturá-lo para a internação. Ela o chamou até sua residência para conversar e, ao mesmo tempo, ligou para a polícia. Quando a patrulha chegou, ele não teve escapatória. A esposa também acabou internada. Foram três meses sem poderem, ao menos, sair para a rua.

Enfim, tudo deu certo. O casal fez o tratamento e saiu da clínica, ambos inchados pelos medicamentos. Voltaram a trabalhar e a mulher teve outra criança. Hoje eles se dão super bem, ele trabalha no interior e vai para a cidade todo final de semana.

Sofrimento de mãe

Estela Sandra Mara Mendes dos Santos

Há algum tempo atrás, conheci uma moça trabalhadora, muito querida, mas muito triste. Sem querer, percebi que quando ela assistia à TV se emocionava muito e chorava. Quando via uma criança pequena no colo de sua mãe, chorava. Ela sentia-se muito solitária.

Naquela época, eu morava em Porto Alegre e não tinha muitos amigos. Essa vizinha tornou-se minha melhor amiga. Contou-me que se casara muito moça e seu casamento não dera certo. Seu esposo era um homem muito estúpido. De sua boca só saíam besteiras e palavrões. Ele era um jovem de boas condições financeiras e a todo momento só a aborrecia, dizendo que ela era muito pobre.

Então, minha amiga decidiu se separar e foi embora para a cidade pois precisava trabalhar para sustentar seus filhos: um menino lindo de quatro anos de idade e uma linda menina de dois aninhos apenas. As crianças eram sua alegria e razão de viver.

O ex-marido, revoltado por ter sido abandonado, entrou com o pedido de guarda das crianças, comprou pessoas para darem falso testemunho e conseguiu até que a mãe da moça falasse para o juiz que era melhor as crianças ficarem com o pai em virtude da difícil condição financeira de minha amiga. Muitas vezes, nos dias de visita, a pequenina era tirada dos braços da mãe chorando.

A moça lutou muito, mas não adiantou. Não tinha uma boa estrutura familiar, seus pais eram separados. Enfim, a moça perdeu a guarda dos filhos, que cresceram longe dela e aprenderam a amar a avó paterna como mãe... o que é muito triste para qualquer mãe. Minha amiga ainda contou-me que sua avó materna vivera a mesma situação e sentira a mesma tristeza até o momento em que tirou a própria vida por sentir-se só. A avó teve de fugir, levando com ela apenas os filhos que eram seus, trabalhando muito para sustentá-los, sabendo que os que ficaram eram maltratados pela madrasta.

"Será maldição de família que vai se repetindo?" — pensei eu. Entendi o motivo de tanta tristeza e solidão.

Uma decepção de amor

Andriele Lopes Machado

Numa noite muito quente, Leonardo e Ana ficaram. Havia dois problemas, entretanto. Leonardo era casado e tinha dois filhos. Além disso, ele e Ana eram primos. Ainda assim, resolveram ficar em segredo. Logo, Léo se separou de sua mulher, pois eles brigavam muito e ela era muito nervosa e encrenqueira.

Ana tinha 15 anos e Léo, 23. Com o passar dos meses, ela percebeu que ele só queria aproveitar-se dela. Ana se deu conta de que não daria mais para ficar com uma pessoa que só a fazia sofrer, que a enganava e mentia.

No entanto, Ana amava muito a Léo e desistiu de romper o namoro. Viajavam juntos, saíam juntos. Ela fazia várias coisas por ele. Às vezes, Leonardo saía com os amigos e mentia para Ana. Tão cega de amor, ela não acreditava no que lhe contavam sobre o namorado.

Um dia, a mãe resolveu abrir seus olhos e Ana viu que ela estava com a razão. Partiu para outra.

Conheceu Cristiano e eles tiveram um filho chamado Felipe. Foram embora e vivem juntos até hoje. Cristiano trata Ana muito bem, com carinho e, principalmente, muito respeito.

Tudo o que ela sempre desejou.

Conflito de superação

Gessi Giombelli

Era uma menina chamada Letícia, linda e cheia de sonhos. Filha de pais de classe média, Letícia sonhava muito em completar seus quinze anos e ter uma festa.

Um dia, Letícia estava andando na rua quando sentiu uma dor muito forte em sua perna direita. O tempo passou e a dor aumentou mais e mais. Então, seus pais a levaram ao médico e fizeram vários exames que constataram um tumor maligno na perna da menina.

Os pais caíram em desespero, choraram muito, mas a menina era muito forte e os acalmou. A cirurgia para retirada do tumor foi marcada, mas Letícia havia sido convidada para uma festa de quinze anos de uma grande amiga e pediu ao médico se poderia adiar o procedimento para comparecer.

Alguns dias depois, em nova data, realizou-se a cirurgia e a perna de Letícia foi amputada para que o câncer não se espalhasse. Com a nova notícia, novo desespero dos pais, mas Letícia, menina cheia de coragem e persistência, otimista de que tudo iria ficar bem, dizia, acalmando-os enquanto choravam:

— Papai e mamãe, eu vou ficar sem uma perna, mas não irei morrer. Vocês fiquem calmos porque a vida continua e eu não vou desistir de lutar por ela e por meus sonhos porque terei apenas uma perna. Ficarei em uma cadeira de rodas, mas poderei fazer as coisas de que gosto: estudar, namorar e ter meus amigos.

Letícia passou por um longo tratamento de quimioterapia no qual perdeu todo o seu lindo cabelo natural. Sua festa de quinze anos estava chegando. Seus pais prepararam tudo com muito carinho e vários convidados.

Tudo saiu como Letícia sonhara. Mesmo sobre uma cadeira de rodas e com um aplique de cabelos, ela não perdera seu encanto e beleza, conseguindo emocionar todos que ali estavam, por sua coragem e superação.

O tempo passou. O problema não terminou ali. Outro nódulo foi descoberto no pulmão de Letícia. Todo o tratamento reiniciaria, mas, com certeza Letícia teria forças para vencer como na primeira vez.

(Baseado em fatos reais)

A vida de um viciado

Bruno Velho Jardim

Era uma vez, em uma cidade, um rapaz, bonito e elegante, mas que sofria por ser dependente de drogas como pó (cocaína), crack e outras substâncias.

Essa dependência, porém, não afetava somente a ele: trazia total infelicidade à sua família. O tempo passava e cada vez piorava mais sua situação. Foi demitido do emprego, parou de estudar e largou tudo o que seria bom para seu futuro. Começou a vender as coisas da casa, piorando a situação da família.

O rapaz chegou a ficar alguns dias sumido e até meses sem dar notícia. Sua mãe não tinha muitas esperanças, mas não desistia de encontrar o filho e tirá-lo das drogas.

Um dia, sua mãe estava em casa chorando por ele, quando ouviu uma batida na porta. Correndo, desesperada, abriu a porta. Era o filho, sujo, machucado, magro. Chorando, ela lhe disse:

— Por que você não veio para casa antes?

— Eu fui derrotado pelas drogas! — respondeu ele.

Foi aí que, por livre e espontânea vontade, ele decidiu conversar com a mãe e procurar uma casa de apoio. Lá, no fundo do poço, viu que estava acabando com sua vida e decidiu se ajudar. Entretanto, acabou fugindo da casa e voltando às drogas. Terminou morto pelo amigo que usava drogas com ele.

A morte do rapaz causou muito sofrimento em sua família que sempre tinha feito de tudo para torná-lo uma pessoa melhor. Não adiantou, com as drogas o rapaz acabou com sua própria vida.

É preciso amar agora

Stefani Santos Bueno

Ela se chamava P. , ele, D. Não sei ao certo como se conheceram, mas ele tinha mais ou menos 19 anos e ela, 21.

Ele nunca havia apresentado nenhuma namorada à família. Ela tinha um filho de três anos. Foi o destino: de alguma forma, eles se aproximaram e conheceram. Ele a amava muito, era um jovem garoto perdido de amor, completamente apaixonado.

Apaixonado por uma linda garota, uma mulher carismática, querida, doce e guerreira. Uma pessoa muito especial, iluminada, cheia de alegria e com um sorriso que encantava a todos que estivessem ao seu redor. Ele era um tanto quanto "marrento", mas fazia tudo por aquela mulher que, certamente, marcaria sua vida para sempre.

Viveram cerca de quatro anos juntos entre brigas e risos, separações e retornos como qualquer casal. Mas eram felizes e formavam um lindo par.

Infelizmente, por algum motivo tão ignorado quanto a forma como que se conheceram, separaram-se definitivamente. Depois de algum tempo, D. encontrou outra mulher e deu continuidade à sua vida. E P. também arrumou outro alguém.

P. curtia a vida com intensidade, gostava de festas, tinha muitos amigos e adorava viajar, conhecer novos lugares com outro homem que a fazia muito feliz. Tenho certeza de que ela nunca esqueceu D., assim como D. nunca esqueceu P.

D., junto com a nova esposa, focou-se no trabalho, talvez como forma de ocupar a mente e esquecer P. Passados cerca de quatro anos da separação, D. chegou de viagem cedo da manhã e sentou-se com o pai para tomar chimarrão. Ao lado dos dois, o rádio no qual toda manhã o pai escutava as notícias da cidade.

Entre uma notícia e outra, entre uma cuia de chimarrão e outra, D. ouviu a triste notícia, de uma forma que ninguém merece recebê-la. Ele acabara de escutar que P., sua amada, seu grande

amor, havia falecido. Chocado, parou para ouvir melhor e o radialista repetiu nome e sobrenome de P. Num forte suspiro, D. gritou:

— Mãe, mãe!

— O que aconteceu? — perguntou ela.

— Mãe, a P. ... acabo de ouvir que ela morreu!

— Não, D.! Você deve ter se confundido!

— Não, mãe... Eu vivi tempo com ela, sei o sobrenome dela e jamais a esqueci, ainda mais seu nome completo.

A família informou-se para saber se não era engano, mas, infelizmente, a notícia era verdadeira. Em abril de 2011, P. faleceu. Uma data que D. e todos aqueles que a conheceram jamais esquecerão. P. faleceu de motivo ignorado, nem os médicos souberam explicar. Ela estava internada há um mês mais ou menos. Exames foram enviados aos Estados Unidos, mas não se descobriu a causa de sua doença. Foi o fim da jornada de P. aqui na Terra, deixando muita saudade no coração de quem a conheceu.

D. hoje carrega consigo a imensa saudade de P. A dor de ter perdido para sempre a mulher que ele mais amara em toda a sua vida até seu último suspiro. Não existe nada no mundo que apague ou diminua essa dor.

Acaba aqui essa dolorida história de amor de uma pessoa especial que marcou a vida de muitos. Um sorriso capaz de alegrar e mandar a tristeza embora. Uma história que, infelizmente, não teve um "felizes para sempre".

Espero que as pessoas amem, amem muito... hoje... agora. Amem sem esperar amanhã, porque amanhã pode ser tarde demais. Não guardem mágoas e lutem, lutem por seus amores... só por hoje.

Pedra da Morte

Josiane Cristina Souza Sampaio

Conheci Felipe na escola através de amigos. Felipe era um menino inteligente, divertido, muito vaidoso, trabalhador.

O ano foi passando e nós, amigos dele, percebemos que algo estava errado. Felipe passou a faltar aulas e, quando comparecia à escola, ficava isolado. Passou a andar mal arrumado, sujo, agressivo. Quando conversávamos com ele, Felipe sempre negava que estava usando drogas.

Um dia, fomos à sua casa. Felipe não se encontrava e sua mãe estava preocupada, pois ele tinha saído do serviço e começara a vender suas coisas. Tentamos conversar com ele, mas Felipe negou tudo.

Alguns meses depois, sua família conseguiu internar Felipe em uma clínica. Ele ficou alguns meses e, pensando estar curado, voltou para casa; mas não resistiu e acabou parando no caminho, na boca de fumo onde ficou três dias com amigos, fumando e bebendo. Ao tentar sair de lá, envolveu-se numa briga e levou dois tiros, morrendo aos 23 anos.

Pedra da Morte, porque não leva a lugar nenhum, apenas à destruição. Seu único destino é a *morte*.

A garota viciada

Mateus Maciel Rodrigues

Meu nome é Isabel e vou contar minha história.

Tenho 19 anos e sou de família muito rica. Moro com meus pais e meu avô. Meus pais têm problemas no casamento há muito tempo. Já fomos vítimas de assalto e minha família resolveu que o motorista me levaria à faculdade. Também colocou um segurança para me proteger. O segurança era um rapaz bonito e muito simpático, mas bastante humilde. Eu não gostava da ideia de ele me esperar na porta da faculdade.

Meus únicos amigos, os do coração, eram Nando, Thelma e Flávio. Nando e Flávio faziam estágio de advocacia na empresa de meu avô. Eram todos de classe média. Minha mãe queria muito que

eu casasse com Flávio, mas ele era apenas meu amigo. Eu estava mesmo me apaixonando pelo meu segurança...

Após uma hesitação inicial, eu e o segurança começamos a namorar escondidos. Eu estava feliz, entretanto, havia um problema: Nando e Flávio estavam metidos com drogas. Todas as tardes eles fumavam maconha na praia. Thelma era contra, mas eles achavam que conseguiriam parar quando quisessem.

Finalmente, resolvi assumir meu namoro, apresentando o segurança como meu namorado num jantar em família. O jantar foi uma vergonha, uma total derrota para mim! Minha mãe opôs-se totalmente a meu relacionamento com o rapaz. Xande – esse era o nome dele – saiu correndo de minha casa e minha mãe falou que faria de tudo para que eu não ficasse com ele.

Muito abalada, resolvi encontrar meus amigos. Nando e Flávio me ofereceram drogas e, pela primeira vez, experimentei... Tempos depois, começamos a consumir algo mais forte que a maconha: o crack. Quando o pai de Flávio descobriu, ele caiu fora do grupo, largou o vício. Mas eu e Nando nos perdemos de vez. Meu amor por Xande continuava e minha grande decepção amorosa também.

Minha família decidiu internar-me. Aceitei com a condição de ficar com Xande. Minha mãe aceitou e procurou o segurança para pedir ajuda. Xande ficou muito feliz por poder me ajudar. Nando também buscou ajuda.

Um ano depois, estamos todos bem. Eu casei com Xande. Nando voltou para completar o estágio e, relembrando o mau tempo que passamos, resolvemos montar uma clínica para dependentes químicos e ajudar as pessoas que sofrem com as drogas. Nós nunca mais sequer provamos quaisquer dessas porcarias.

Esta é minha história. Tenho dois filhos. Xande é médico na clínica que montei e minha mãe está feliz com os dois netos que dei a ela. Meu pai e meu avô também aceitaram. Somos uma família feliz ajudando os necessitados.

Posfácio: sobre o ensino de História...

Se você folhear um livro didático de História, verá um grande número de informações em textos que variam do leve ao complexo, do bem diagramado ao estilo "tijolão", repleto de considerações e observações importantes, mas de difícil compreensão para a maioria dos estudantes.

Verá também um bom número de imagens – fotografias, desenhos, charges. Verá um sem-número de exercícios, questões dissertativas e objetivas; alguns incentivando uma leitura reflexiva de textos e imagens, outros apenas preocupados na coleta de informações dos textos.

Em parte dessas publicações, vê-se pouco de *vida.* O que é curioso porque a vida humana é a matéria-prima da História, seja ela disciplina acadêmica, seja ela componente curricular. A vida está ali, lógico, mas é perceptível nas entrelinhas e quase que apenas para os que já estudaram e aprenderam História uma vez. Ou melhor,

para aqueles que aprenderam a *gostar* de História. Infelizmente, a meu ver, a maioria dos alunos *não gosta*.

Como não gostar de uma ciência humana que desvenda o passado? Como não achar interessante uma ciência que consegue contar como *era* o lugar em que *vivemos* e como *eram* as pessoas que nele *viviam*? Como desprezar uma ciência que – como toda ciência humana – permite a coexistência de várias opiniões, incita à reflexão, ao debate, à interdisciplinaridade e, atualmente, tende a repudiar verdades absolutas?

No início de minha carreira no magistério, imaginava que o repúdio às aulas de História poderiam ser consequência do mundo em que vivemos e seu excesso de tecnologia, seu desprezo crescente a tudo que não tenha traços de novidade e sua obsessão por praticidade, inibindo a reflexão e a crítica.

Não descarto nenhuma dessas possibilidades, pois certamente elas têm sua contribuição no desgaste do interesse em relação à História. Entretanto, duas situações vieram a relativizar meu entendimento sobre a influência desses fatores. A primeira ocorria sempre que me apresentava como professor de História nas escolas. Era comum que os próprios colegas me recebessem com olhar um pouco vago, às vezes mudo, às vezes acompanhado de comentários do tipo: "Ah! Eu sempre gostei muito de História!" Essa observação soava como um pedido de desculpas que parecia realmente dizer: "Eu até sei que História pode ser importante, mas eu a considero chata demais..." ou "... só não sei qual sua utilidade..."

Pior ainda eram as reuniões de início de ano. Geralmente, nelas o grupo de professores reorganiza a carga horária por componente curricular. Era bem deprimente quando um ou outro colega bem intencionado tentava defender a permanência ou ampliação da carga horária de História. Toda empolgada, a pessoa em questão levantava um pouco a voz e dizia:

— É preciso ampliar (ou manter) o número de períodos de História. História é uma disciplina importante... História serve pra...

Silêncio.

— História serve pra...

Silêncio.

Finalmente, vinha um outro colega em "socorro" e completava:

— A gente precisa saber História... Quem aprende com o passado não comete os mesmos erros no futuro.

E outro, ainda melhor intencionado, aplicava o golpe de misericórdia:

— História é tão importante quanto Matemática ou Língua Portuguesa...

Foi aí que percebi que o desinteresse habitava não apenas as gerações atuais. Pessoas cuja formação básica foi realizada nos anos 1960 e 1970 também não tinham clareza da importância do conhecimento histórico. Por isso, o advento da informática, o avanço da eletrônica, a massificação da informação não eram causas determinantes, mas coadjuvantes influentes nesse desinteresse.

A segunda situação que me fez refletir e repensar minhas convicções ocorreu em 2004 quando comecei a trabalhar com estudantes de quarta e quinta séries do ensino fundamental (atualmente quinto e sexto anos). Eram crianças entre 9 e 11 anos de idade. Inacreditavelmente para mim, elas gostavam de ouvir a História que eu contava mais do que qualquer outra turma de alunos. Pediam detalhes, contribuíam com conhecimentos empíricos adquiridos em família, em leituras, em filmes ou pela televisão. Em resumo, *envolviam-se verdadeiramente* nas aulas e as relacionavam com seu cotidiano.

Por que isso se perdia mais adiante no decorrer da vida escolar? Por que eu entrava nas salas de ensino médio e via os alunos fazendo trabalhos de Matemática, Física, Química, Língua Portuguesa? enquanto meus colegas não se queixavam dizendo que os alunos estavam apressados e ansiosos, ocupando o período com um trabalho... de História!?

Ao longo desta minha curta carreira como professor, comecei a vislumbrar uma resposta diferente aos problemas que me acorriam. Os alunos desinteressam-se pelo estudo da História porque

deixam de *construir conhecimento* durante as aulas desse componente curricular.

Apesar de as aulas de qualquer componente curricular ainda terem seus alicerces fincados em métodos tradicionais, nas demais disciplinas parece sempre existir uma ligação mínima entre conhecimento formal e realidade; uma ponte com a atualidade e a experiência; uma ligação garantida pelos próprios livros didáticos – caso os professores não a façam. Quero dizer que os estudantes, nas aulas dos demais componentes curriculares, talvez sintam-se estudando algo real, palpável e passível de comprovação e aplicação.

E isso não tem a ver apenas com o utilitarismo do conteúdo. Num cálculo de Física, por exemplo, ainda que o estudante possa não se servir no futuro de algumas fórmulas específicas, os dados trabalhados são reais, e a obtenção do resultado deve vir de um esforço do aluno para obtê-lo. Esse esforço é, ainda que dirigido, um esforço, uma construção do aluno, enfim.

É forçoso admitir que essa prática de construção do conhecimento tem sido adotada só *recentemente* pelos professores e apenas *muito recentemente* pelos livros didáticos de História. O mais comum é trabalharmos com a transmissão do que aprendemos e descobrimos em nossa trajetória de educação e de educadores. Transmitimos aos estudantes as conclusões dos estudos históricos; não permitimos que *concluam por conta própria.* Entregamos a resposta do mistério, sem comunicarmos *qual* é esse mistério e *o que* está sendo investigado.

Dessa maneira, a maioria dos alunos estuda História não considerando a si mesmos partes integrantes do processo, mas *espectadores* – melhor dizendo – *telespectadores*. Se refletirmos que a produção da mídia é tanta que todos somos telespectadores durante boa parte de nosso dia, está explicada a sensação de apatia ou rebeldia que manifestam em nossas aulas. Como você reagiria diante de um filme ou programa de TV que não lhe agrada? Desliga a TV, troca de canal ou conversa durante a exibição, naturalmente.

Foi pensando nisso que comecei a desenvolver uma série de atividades tentando levar à sala de aula o que é mais fascinante na História: a vida humana, suas descobertas e suas problemáticas.

Nessas atividades, busco ensinar rudimentos de pesquisa histórica, de leitura e interpretação de documentos históricos. O ponto culminante desse processo é a criação de produções textuais ou gráficas que expressem as conclusões dos estudantes individualmente ou aquelas a que chegamos conjuntamente. Finalmente, buscando conferir maior sentido aos estudos, sempre que possível faço relações constantes entre o que estamos discutindo e nossa realidade. Essas relações não constituem um momento excepcional dos estudos, mas presença diária na sala de aula.

E foi só a partir dessas práticas que pude começar a responder, eu mesmo, naquelas reuniões pedagógicas, sobre a importância do componente curricular em que trabalho. Hoje me sinto capaz de dizer que estudar História:

- desenvolve a capacidade de discernimento dos estudantes;
- permite testar a veracidade de afirmações;
- desenvolve a capacidade de tomada de decisões a partir da análise de conjuntos de informações;
- desenvolve a capacidade de argumentação;
- desenvolve a capacidade de categorização de argumentos e de objetos de pesquisa;
- desenvolve a capacidade de julgamento imparcial;
- promove a empatia e estimula a solidariedade;
- incentiva a tolerância a partir do conhecimento de diversidades culturais e individuais;

O que descobri até agora não me permitiu criar receitas sobre como ensinar ou trabalhar em sala de aula. Permitiu, sim, desenvolver estratégias para romper um pouco com a monotonia que eu senti que se estabeleceria ao longo de minha carreira se não fizesse nada diferente do que havia vivenciado em meus tempos de estudante. Porque ensinar é tão complexo que não exige somente competências e habilidades intelectuais. Um professor tem diante de si mentes, corpos e também a sociedade a que eles se vinculam com todas ou algumas de suas nuanças.

Assim, as atividades que se originaram dessas percepções renderam não apenas progressos maiores, mas um *prazer* de ensinar-aprender em mim e nos estudantes. A rotina tornou-se menos cansativa e mais desafiadora para mim e para eles.

Tenho convicção de que pensar é tão humano e libertador que, mesmo com certas resistências iniciais, boa parte dos estudantes acabará gostando de atividades que os façam refletir. Essas resistências virão, em parte, da falta generalizada de reflexão no mundo atual. Vivemos em uma realidade que não favorece o pensamento, a tomada de decisão demorada e refletida. Somos incentivados a ser rápidos e objetivos antes que possamos saber o porquê das coisas. Haverá resistências originadas também de outros problemas que interferem na educação: as particularidades sociais e familiares, o desenvolvimento corporal e cognitivo de cada estudante, o meio ambiente da escola e da comunidade.

Mesmo assim, repito: pensar é libertador. Até a metade do século XX, educar-se bem era informar-se muito. Hoje, o crescimento vertiginoso da informação impede informar-se completamente. Por isso, a fortaleza atual da educação encontra-se na criatividade, na autonomia de consciência, na criação de respostas; não em memorizações e repetições. Processos somente possíveis com *pensamento*.

...e suas implicações

JUSTAMENTE POR TUDO O QUE expus acima, essas práticas de maneira alguma liberam o professor e o aluno para um "vale-tudo educacional", em que qualquer atividade didática é suficiente e qualquer produção estudantil merece o grau máximo. Como você verá no material didático em anexo, que reproduz o distribuído aos estudantes, tivemos a preocupação de respeitar e ensinar determinados métodos de pesquisa reconhecidos pela historiografia. Esses métodos serviram como critérios de ação por parte dos alunos e como critério de avaliação por parte do professor.

Sabemos que os alunos do ensino básico não têm maturidade para uma pesquisa histórica na acepção acadêmica do termo. No entanto, estimulá-los a buscar um sentido no conhecimento e incentivá-los a minimamente construí-lo é sempre preferível àquelas tradicionais pesquisas escolares, que são tudo, menos *pesquisas*; e que hoje ganharam o apoio da informática, permitindo copiar textos inteiros sem exigir nem mesmo uma leitura superficial.

Nesse sentido, na preparação das atividades didáticas, utilizei a noção de *saber histórico de sala de aula*, que não é uma cópia do saber historiográfico e sim uma *transposição didática* desses estudos conforme o nível intelectual e as exigências dos diferentes anos dos ensinos fundamental e médio.

A meu ver, um dos maiores problemas de boa parte dos livros didáticos é a apresentação de conceitos através de definições idênticas ou muito semelhantes às utilizadas no ensino superior, desconsiderando a faixa etária dos estudantes. Além disso, os conceitos que os autores dos didáticos apresentam aparecem prontos, independente da reflexão conjunta de professores e estudantes. Com a ajuda dos livros, acabamos por ensinar o que *dizem* esses conceitos, mas não o *porquê* de existirem como existem ou o *porquê* de dizerem o que dizem. Não conseguimos fornecer a nossos alunos ou forjar com eles as chaves que lhes permitirão entender a realidade de forma mais significativa.

Forjar essas chaves é de extrema importância, principalmente para os professores de escolas públicas. Afinal, são esses educadores que trabalham com a periferia econômica e (muitas vezes) geográfica de uma população. Em Passo Fundo, percebi que certas comunidades em que trabalhei, embora muito semelhantes economicamente, estão bastante afastadas entre si por conta do desenho das ruas e dos itinerários do transporte coletivo urbano. Assim, famílias não conseguem visitar seus membros que moram em outras comunidades, nem entrar em contato com outras formas de organização do espaço urbano existentes em bairros e vilas diferentes dos seus.

Tal isolamento é também econômico, já que algumas famílias não dispõem de recursos suficientes para pagar o transporte que lhes

permitiria conhecer outros pontos de sua cidade. Não é incomum encontrar estudantes que dizem "ontem fui à cidade", querendo se referir a um passeio no centro urbano, como se seu bairro ou vila não fizesse parte do espaço geográfico chamado *cidade*. Esse isolamento parcial é tão mais intenso quanto mais baixa a faixa etária dos estudantes. Assim, os alunos dessas periferias não se apropriam do espaço *cidade* como se também ele lhes pertencesse; é antes um espaço estranho, relacionado ao *outro*, que é encarado como perigoso e, por isso, *inimigo*. Não é à toa que, em Passo Fundo, o noticiário policial frequentemente relata agressões e crimes entre grupos e indivíduos de bairros e vilas rivais.

Visto desse ângulo, quando deixamos de criar com nossos alunos algumas possibilidades de interpretação da realidade, estamos favorecendo a atuação de outros grupos ou indivíduos que realizam tal interpretação segundo seus próprios interesses e necessidades. A exploração da população da periferia por políticos e candidatos mal intencionados, por criminosos do tráfico e de quadrilhas de furto e roubo, por grupos religiosos "caça-níqueis" são facetas desse distanciamento econômico, urbano e... *didático*.

As atividades que compuseram o projeto *Contos de verdade* buscaram fornecer/forjar as chaves para interpretação da realidade ao ensinar métodos de pesquisa que consistiram:

- na leitura de possíveis fontes históricas;
- no julgamento da veracidade e da origem dessas fontes;
- na comparação das fontes históricas entre si;
- na comparação das fontes históricas com estudos historiográficos;
- na busca por relações entre conteúdo histórico e realidade atual;
- na busca por relações entre interpretações do passado e possibilidades de interpretar o presente.

O passo-a-passo do projeto

Tendo em mente boa parte dessas considerações, iniciei a criação do material didático e do plano de aula que permitiriam trabalhar o assunto de maneira diferenciada.

O principal problema que buscava resolver era: como estudar a Idade Média com alunos do ensino médio sem perfilar nomes e datas? Como trabalhar conceitos sem apenas redigi-los no quadro-de-giz, lê-los e explicá-los oralmente? Como relacionar a Idade Média ao conhecimento prévio dos estudantes e a seu cotidiano?

O estudo do primeiro capítulo da obra de Robert Darnton, *O grande massacre de gatos*, forneceu parcialmente a solução. Nele o historiador inglês analisa um conto popular medieval: *A menina e o lobo*; uma das primeiras versões conhecidas do conto que atualmente conhecemos por *Chapeuzinho Vermelho.* No capítulo, Darnton relaciona os acontecimentos do conto a situações sócio-culturais vividas pela população europeia no final do século XVIII.

Estava aí a resposta. Os contos de fadas forneceriam a base para as atividades que eu desejava desenvolver. Apesar de serem histórias milenares – muitas delas remontando à mitologia greco-romana e a tradições muito anteriores à Idade Média –, tomaram da cultura medieval inúmeras de suas características. Principalmente, porque eram transmitidas oralmente por camponeses e burgueses, modificando-se aos poucos ao sabor das conjunturas e da cultura popular de cada período.

Impôs-se, nesse ponto, outro problema. Que versões dos contos eu utilizaria? As publicações atuais, dirigidas a crianças, eliminaram os detalhes e a crueldade presentes nos contos anteriores. Alguns deles – os mais cruéis – foram totalmente deixados de lado e não ganharam sequer versões atuais, que são publicações comerciais e representações do mundo atual sobre os contos de fadas, não identificando o valor de tais histórias para a população medieval. A solução apresentou-se nas obras dos Irmãos Grimm e de Charles Perrault, autores que coletaram sistematicamente os contos popu-

lares de seus países no séculos XVII e XIX. Os três estudiosos entrevistavam pessoas do povo e buscavam registrar não apenas termos utilizados por elas, mas também as diferentes versões que ouviram. Suas obras constituem-se, assim, nos primeiros estudos linguísticos e folclóricos publicados no mundo.

Há mais um motivo para a escolha dos contos de fadas. Todos nós temos memória de alguma dessas histórias, independente da versão que nos foi contada. Personagens como anões, princesas, animais falantes, crianças perdidas, órfãos, jovens injustiçados e bruxas nos são familiares. Ao trabalhar com alguns contos bem conhecidos dos estudantes junto a outros completamente ignorados por eles, eu conseguiria estabelecer conexões entre suas vivências e um novo conhecimento. Simultaneamente, o uso dessas histórias também permitiu situar no tempo a época dos contos de fadas. Mais tarde, descobri que meus alunos acreditavam que o tempo narrado nos contos era unicamente mítico, sem qualquer referência a realidades e períodos específicos.

Nesse ponto, entusiasmado pelas soluções que conseguira, acorreu-me a ideia de que talvez eu não conseguisse "quorum" suficiente para levar adiante o estudo. Os estudantes se interessariam por contos considerados *infantis*? Entenderiam do que se tratava aquele estudo ou encarariam as leituras como "matação de aula", pura perda de tempo? Finalmente, percebi que a televisão forneceria a última solução para esses problemas.

O Brasil é pródigo em produções de teledramaturgia, cuja característica marcante é a modificação e adequação de roteiros e atuações do elenco às opiniões do público. Ignoro se existem em outros países, mas no Brasil há cursos de pós-graduação específicos sobre teledramaturgia, especialmente sobre telenovelas. A adequação dessas produções ao gosto popular é muito semelhante à oralidade medieval que modificava histórias e "causos" conforme os ouvintes, o contador e o momento histórico em que eram contados. Também há outra semelhança entre a teledramaturgia e os contos populares medievais: a estrutura, os acontecimentos, os assuntos e os personagens num e noutro caso são recorrentes. Há pessoas

injustiçadas, vilões sem qualquer caráter, mistérios resolvidos quase que por encanto, redenções inesperadas e miraculosas.

Desde a metade da década de 1980, o público adolescente e pré-adolescente conta com um número significativo de produções voltadas para sua faixa etária; fenômeno que veio na onda (e a intensificou) de produtos voltados a esse público. Uma das novelas de maior sucesso e fôlego voltada ao público é *Malhação*, produzida pela Rede Globo de Televisão e exibida desde 1995. Devido à sua longevidade e ao interesse de meus alunos por essa produção, seria possível e fácil compararmos as diversas personagens e tramas de cada temporada entre si e com novelas de outros horários da mesma ou de diferentes emissoras.

Assim, propus uma análise dessa produção a partir de alguns dos elementos de sua estrutura narrativa. Com isso, refletimos sobre as telenovelas em geral e *Malhação* em particular. Esclareci às turmas o sistema de financiamento dos programas de televisão pela compra de espaços publicitários nas grades de programação das emissoras. Esse sistema é desconhecido da maioria dos estudantes, através dele pudemos debater juntos a importância das telenovelas para o cotidiano e suas relações com ele.

Em seguida, fiz a leitura para as turmas da versão dos Irmãos Grimm de *O flautista de Hamelin*, originada da transformação de acontecimentos reais em narrativa pela tradição oral. Após a leitura, trouxe à tona alguns elementos da história que faziam referência à realidade medieval: a cidade ameaçada pelos ratos, a desconfiança em relação a estrangeiros, o alto índice de mortalidade infantil.

Concluída essa etapa, lancei um exercício. Divididas as turmas em trios, cada estudante leria e resumiria três contos diferentes e permitiria que seus colegas de grupo tivessem acesso aos resumos, de maneira que, ao final das leituras, cada trio contasse com nove contos lidos. Os resumos deveriam seguir o modelo daqueles de telenovelas publicados na imprensa, garantindo concisão e atenção aos pontos mais importantes, permitindo igualmente que os estudantes lembrassem as histórias lidas mais tarde.

Formando um círculo com todos os componentes da turma e munidos dos resumos, iniciamos uma série de três sessões de contação. A contação foi essencial, pois permitiu-lhes compreender a importância da oralidade para a população medieval e possibilitou a expressão oral de cada um dos estudantes. Incentivei que prestassem auxílio aos colegas nessas sessões e fiz algumas interrupções para ajudá-los a contar mais fielmente as histórias. Esses momentos foram bastante proveitosos e todos ouviram com interesse os contos. Essa reação deu-me certeza do acerto na escolha.

Após conhecerem o conteúdo de todos os textos, questionei a questão da veracidade dos contos de fadas tratados como fontes históricas. Expus o porquê da escolha de autores como os Irmãos Grimm e Charles Perrault e refleti com os estudantes que a recorrência de certos elementos e informações sugeria que algumas situações tinham um correspondente na realidade social da Idade Média.

Dei início, então, à organização das informações dos contos, classificando-os nas categorias *Organização social e política* (família, relações de poder e solidariedade), *Economia* (formas de obtenção e manutenção da sobrevivência) e *Cultura* (cultura popular, religiosidade, misticismo, preconceito). Com base nessas categorias, fomos buscando nos contos elementos para uma caracterização social.

Tinha consciência de que apenas a análise dos contos não seria capaz de fornecer uma noção sólida da Idade Média. Por isso, simultaneamente à caracterização da época a partir de categorias, realizei uma complementação com conhecimentos historiográficos. Um exemplo: analisando os contos, conseguimos caracterizar a Idade Média como uma época em que predominaram as atividades agropecuárias. Para isso, bastava que se observassem as profissões da maioria dos personagens. Complementando tais informações com os conhecimentos da historiografia, apresentei conceitos fundamentais para o entendimento da economia medieval: *produção para subsistência*, *desmonetarização* e *economia auto-suficiente.* Pude ainda reforçar esses conceitos, exemplificando com acontecimentos descritos nos contos. Na sequência dessas atividades didáticas, junto

aos estudantes, construí esses conceitos e demonstrei a lógica dessa construção.

Finalmente, o último desafio proposto aos alunos foi um questionamento. Da mesma maneira que havíamos conhecido o período medieval através de seus contos, seria possível entender o funcionamento de nossa sociedade a partir de nossos meios de comunicação? Afinal, não são eles os nossos atuais contadores de histórias?

Com essas perguntas, minha intenção era retomar o assunto inicial dos estudos: a importância dos contos como fontes de conhecimento histórico. Analisando programas de televisão – especialmente a teledramaturgia – os estudantes deveriam selecionar cinco assuntos que, em sua avaliação, não fossem abordados da maneira como acreditavam ou percebiam que deveriam ser. Teriam ainda que comparar a forma como tais assuntos eram abordados pela mídia com sua manifestação no cotidiano.

A partir desses apontamentos, os estudantes criariam contos que pudessem fornecer aos leitores as impressões de cada um dos autores acerca da realidade de que faziam parte. Acompanhei o processo criativo e fiz uma primeira leitura. A segunda foi supervisionada pela professora de Língua Portuguesa Delvina Poluboiarinov Chura, responsável pelas revisões e correções estilísticas e ortográficas. A revisão final coube à professora Tatiana Andreis Escobar. Nas aulas de Artes, sob orientação da professora Glauce de Fátima Dias, realizaram-se ilustrações dos contos, trabalhando-se conceitos específicos das artes plásticas. Em 2011, a supervisão de texto dos alunos de ensino médio regular foi realizada pela professora Marlei Tonello, que os ajudou também a revisar a ortografia e a estilística.

Eu e as professoras percebemos a seriedade com que nossos adolescentes encararam esse trabalho e sua publicação. Por isso, temos certeza de que os contos que você leu são verdadeiramente as *impressões* que tiveram sobre a realidade e o que eles entenderam por realidade na época da redação. Por se tratarem de *impressões* – logo, bastante subjetivas – não cerceamos a liberdade dos alunos na escolha do formato do texto ou das situações descritas. Também

não excluímos produções que pareciam não se encaixar na proposta porque, à primeira vista, não tratavam da realidade atual. Lembre-se: tratam-se de *impressões* sobre o real, de opiniões, portanto. E as opiniões não precisam ter um formato padronizado além de, invariavelmente, conterem reflexões sobre a realidade, ainda que nas entrelinhas.

O que pude concluir?

De todo esse trabalho e após dois volumes de *Contos de verdade*, restaram várias dúvidas e uma certeza.

Dúvidas primeiro.

Afinal, qual é a relação entre as produções de teledramaturgia e nossos adolescentes? Serão eles consumidores passivos? Em que medida essas produções ouvem suas vozes e analisam suas realidades e angústias para criar personagens e enredos? Em que medida as vozes da mídia têm substituídos as vozes dos tradicionais "contadores de história" entre os adolescentes? Quer dizer, será que a mídia tem tomado o lugar dos grupos de amigos na discussão de certos assuntos e problemas? Será que tem substituído o papel de orientação que tradicionalmente tem cabido à família, à escola, às igrejas?

Antes de iniciar este trabalho, confesso ter pensado que a resposta a essa dúvida seria mais fácil. Acreditei que facilmente identificaria as zonas de influência da mídia entre meus alunos. Não foi assim. Surgiram mais e maiores dúvidas. Os adolescentes estavam sendo influenciados pela mídia em certos assuntos ou a presença desses temas nos meios de comunicação era uma maneira de discutir questões existenciais/essenciais da adolescência?

De alguns contos foi fácil ler nas entrelinhas, visto que eu conhecia um pouco do comportamento e da história de vida de seus autores. De outros contos, mesmo conhecendo o autor, foi difícil entender por que o aspecto da realidade escolhido como tema tenha sido exatamente aquele e que ligações o autor entendeu existirem entre tal aspecto e sua

narrativa. Ou seja, são muito nebulosas as relações entre as influências externas e as impressões causadas por elas.

Por isso, ao final desse trabalho e ao longo desses anos de espera pela publicação, acredito ser mais proveitoso que você, leitor, decida o que fez com que nossos adolescentes escrevessem exatamente dessa maneira. Terminada a leitura deste livro, você está convidado a fazer algo bem semelhante ao que realizamos em aula: compare os textos, sistematize as informações fornecidas por eles, julgue a relação que estabelecem entre realidade e narrativa.

Se me permite, vou sugerir a você alguns caminhos para essa análise.

Perceba que há contos em que a moral a narrativa e os personagens se assemelham à estabelecida em sociedade e na teledramaturgia. Por outro lado, há também contos escritos de forma tão nua que não encontram paralelos exatos em clichês da mídia. Há também contos com a combinação dessas tendências.

Perceba que, em muitos casos, os protagonistas são anti-heróis – o que por si só é incomum para produções textuais estudantis (e também para produções da mídia voltadas a adolescentes).

Perceba que alguns contos não fazem referência apenas à classe social dos adolescentes e dos jovens adultos que os escreveram (todos pertencentes à classes C e D). Eles revelam um certo imaginário adolescente (ou talvez de classe?) sobre outros segmentos sociais e profissões em evidência.

Perceba que não existem apenas finais felizes. Alguns desfechos são bem realistas e, por vezes, cruéis. Algumas decisões tomadas pelos protagonistas não podem ser revertidas, por mais que os personagens tentem fazê-lo.

Perceba que alguns protagonistas – adolescentes ou jovens como seus criadores – estão sozinhos e desamparados. Os adultos mais velhos que os rodeiam parecem não perceber a gravidade da situação, não ser capazes de ajudá-los ou não compreenderem os motivos desses personagens. Ao analisarmos os textos dos jovens adultos

estudantes da Eja, percebemos a mesma tendência, uma vez que os protagonistas, em sua grande maioria, continuam sendo jovens.

Para concluir, a certeza.

Antes dela, acompanhe meu raciocínio. Apesar de todas as limitações do método que implementei, percebi um aumento de interesse dos estudantes no estudo de História no ano de 2007 e no ano seguinte quando continuei a acompanhá-los. Algo semelhante ocorreu em 2011. Após a proposta, o comprometimento da turma com minhas propostas didáticas aumentou sensivelmente.

Certamente, em termos quantitativos, o método descrito neste livro não foi capaz de dar conta de todo o conteúdo presente num livro didático. No entanto, meu objetivo principal era apresentar uma caracterização de época mais consistente que aquela presente na maioria dos livros didáticos ou na experiência de ensino fundamental dos estudantes com que trabalhei.

Meu objetivo foi também ensinar – de forma rudimentar obviamente – como trabalha um historiador e as questões a que ele se propõe ou que a ele se impõem. Nesse sentido, os alunos desenvolveriam a consciência de que toda pesquisa além de se constituir em *expressão* de uma realidade, é uma *visão* sobre essa realidade. Ou seja, toda História dos livros – didáticos ou historiográficos – tem *autores*.

Agora sim, posso falar da minha certeza.

Se atualmente é preciso que a educação tenha novos métodos, se é preciso que tenha metas a atingir, competências e habilidades a desenvolver, também é preciso que a expressão do pensamento seja um dos objetivos do processo educativo. Nosso mundo é fértil em equipamentos e tecnologias de comunicação, mas está carente da expressão do pensamento e da criatividade das pessoas. Há locais que vendem *fast food* (lanches rápidos) e há locais que fornecem *fast toughts* (ideias rápidas)...

De opiniões, criatividade e reflexões é feito este livro.

As fontes, as musas e as fadas...

Contos

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos:* e outros episódios da História Cultural Francesa. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

- A menina e o lobo;
- Os três dons;

GRIMM, Jacob Ludwig Karl; GRIMM, Wilhelm. *Branca de Neve e os sete anões.* Disponível em: <http://virtualbooks.terra.com.br>. Acesso em: jun. 2003.

GRIMM, Jacob Ludwig Karl; GRIMM, Wilhelm. *Contos e lendas.* São Paulo: Edigraf, 1963. (5v).

- A verdadeira noiva;
- Chapeuzinho Vermelho;
- João e Maria;
- O camponesinho;
- O noivo salteador;
- Os filhos de Eva;
- Os músicos da cidade de Bremen;
- Rapunzel;

JOÃO e o pé-de-feijão. Disponível em:<www.clubedobebe.com.br/HomePage/Fabulas/joaoeopedefeijao.htm>. Acesso em: jun. 2003.

PERRAULT, Charles. *Contos de Perrault.* 5. ed. Belo Horizonte: Vila Rica, 1999. (Grandes obras da cultura universal, 8).

- A bela adormecida do bosque;
- As fadas;
- Barba-Azul;
- Chapeuzinho Vermelho;

- Cinderela ou O sapatinho de cristal;
- O mestre Gato ou o Gato de botas;
- Pele-de-Asno;
- Riquet, o topetudo;

PERRAULT, Charles. *O pequeno polegar.* 2. ed. Trad. Tatiana Belinky. Porto Alegre: Kuarup, 1993.

Didática, historiografia e teoria

BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula.* São Paulo: Contexto, 1998. (Repensando o ensino).

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. *Domínios da história.* 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história:* novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1997.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos.* 2. ed. Traduzido por Sonia Coutinho. Rio de Janeiro, 1996. (Biblioteca de História 13).

DIEHL, Astor Antônio. *Do método histórico.* Passo Fundo: Ediupf, 1997. (Série Ciência: História).

FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória:* a problemática da pesquisa. Passo Fundo: UPF,1998.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais:* morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GRINBERG, Keila; LAGÔA, Ana Maria Mascia; GRINBERG, Lúcia. *Oficinas de história:* projeto curricular de ciências sociais e história. Belo Horizonte: Dimensão, 2000.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial.* Brasília: Iphan, 1999.

MORIN, Edgar (Org.). *A religação dos saberes:* o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

NEMI, Ana Lúcia Lana; MARTINS, João Carlos. *Didática da História:* o tempo vivido – uma outra História? São Paulo: FTD, 1996.

RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; SILVA, Ana Carolina Martins da. *Práticas leitoras para uma cibercivilização.* Passo Fundo: UPF Editora, 1999. (Mundo da Leitura, I).

SILVA, Thelma Nobre Machado Bittencourt; RABELLO, Heloisa de Jesus. *O ensino de história:* utilização do documento escrito. Rio de Janeiro: Eduff, 1992.

SPLITTER, Laurance J.; SHARP, Ann Margaret. *Uma nova educação:* a comunidade de investigação na sala de aula. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

As fadas-madrinhas

"Era uma vez um rei e uma rainha que estavam muito desgostosos por não terem filhos. (...) Mas, finalmente, um dia, a rainha engravidou e teve uma filha. No seu batismo, foi feita uma linda festa, tendo a princesinha recebido como madrinhas todas as fadas que puderam ser encontradas no país (foram encontradas sete), a fim de que cada uma delas desse à menina um dom (...).

Depois das cerimônias do batismo, todos os convidados retornaram ao palácio do rei, onde ia ser realizado um grande banquete em honra das fadas. (...) Entretanto, no momento em que cada um tomava o seu lugar à mesa, todos viram entrar no salão uma velha fada, que não tinha sido convidada porque fazia mais de cinquenta anos que ela vivia isolada

numa torre e todos julgavam que estivesse morta ou encantada. (...) A velha achou que tinha sido menosprezada e resmungou entredentes algumas ameaças. (...)

Enquanto isso, as fadas começavam a distribuir os dons para a princesa. (...) Chegou a vez da velha fada, e ela então, balançando a cabeça, declarou, mais por despeito do que por caduquice, que a princesa iria morrer ao espetar a mão com um fuso.

Essa terrível predição fez tremer todos os presentes, e não houve ninguém que não chorasse. Nesse momento, a jovem fada saiu de trás do reposteiro e falou bem alto estas palavras: 'Podeis ficar tranquilos, rei e rainha, a vossa filha não morrerá disso. É verdade que não tenho poder bastante para desfazer inteiramente o que uma fada mais velha do que eu acaba de fazer. Contudo, em vez de morrer, a princesa mergulhará num sono profundo, que durará cem anos, no fim dos quais o filho de um rei virá despertá-la'."

(A Bela Adormecida do Bosque. Charles Perrault)

Como no conto *A Bela Adormecida*, este projeto nasceu cercado de cuidados e de qualidades. Entretanto, problemas que não tinham sido convidados foram impedindo o desenvolvimento do projeto e adormecendo o menino que queria crescer. Felizmente, o número de fadas boas foi muito maior e, num trabalho constante e árduo, como num mutirão, elas reverteram o que parecia ser uma maldição e transformaram as adversidades em bênçãos... como verdadeiras fadas-madrinhas. O menino está aqui, em suas mãos, como um adolescente ou um jovem pronto para desbravar o mundo. Como no conto de fadas (ou talvez como na vida?), a magia não surgiu ao eliminarmos os problemas; o encantamento foi verdadeiramente realizado no exato instante que vencemos e contornamos os obstáculos. Ninguém consegue evitar as maldades e desilusões trazidas pela vida, mas todos nós podemos aprender com elas e superá-las.

A todos os que colaboraram, de uma forma ou de outra, nosso muito obrigado a: Adriana Silva Maillart, Agostinho Both, Airton

F. Borowski, Ana Maria Piana, Andressa Hickmann, Arcide Paulo Lunardi (Nobel da Gen. Osório), Camila Martinelli Piasson, Carmen Maria Dalzotto, César Zarth (Jornal Guia do Lar), Charles Pimentel (Editora Méritos), Cristiane Mezzomo Bresolin, Diego Galileu, Ercília Venturini, Fabiana Mozzato, Fabiane Ignaczak, Gerson Lopes (O Nacional), Giovana Petri, Giovana Santana Lunardi (Nobel da Gen. Osório), Glenda Mendes (O Nacional), Helena Rotta de Camargo (Acad. Passo-fundense de Letras), Honorino Martinelli, Ivaldino Tasca, Ivandro Dávila (Diário da Manhã), José Edemar Piasson, Laura Pianna, Laura Santana Lunardi (Nobel da Gen.l Osório), Liliane Moura de Oliveira, Luana Zancanaro Borowski, Marcelo Zeni, Márcia Pezzin (Cia. Center – Claro Empresas), Marcio Luiz Zanetti, Marco Aurélio Barbiero, Marina Martinelli Piasson, Marisa E. Piana, Marilene Ughini, Marisol Kolm Madrid, Patrícia Barazetti (Diário da Manhã), Paulo Augusto Farina, Pia Elena Borowski, Rotary Club Passo Fundo Norte, Rubia Azambuja, Sandra Barichello, Simone Portela, Tatiana Andreis Escobar, Vera Lúcia Mazuco, Vilma Maria Martinelli, Vinicius Flores, Vinicius Pinheiro.

E às duzentas pessoas que contribuíram com nossa rifa de um relógio de pulso em agosto e setembro de 2011.

Anexo

Material didático utilizado no projeto.

Ficha de investigação n. ____

Nome:_____

Turma:_____ Data:_____Peso:_____

Assunto:_____

_____

_____

Instruções:

a) Procure seguir os passos sugeridos. Eles ajudarão você a entender os documentos que vai interpretar; a levantar informações e a produzir conhecimento a partir deles. Atenção! Não deixe de utilizar sua criatividade no momento de realizar as atividades propostas. Suas ideias melhorarão a ficha e ampliarão seu aprendizado, além de desenvolver sua capacidade de interpretação.

b) Fique atento aos textos. Evite pensar neles apenas como "contos de fadas". Qualquer história, de qualquer povo consegue sempre revelar algo sobre algum aspecto de sua cultura: economia, crenças, religião, política, diferenciação social etc.

c) Apesar de os textos que você vai pesquisar terem se modificado ao longo do tempo, eles têm sua origem numa época denominada Idade Média que se estendeu por mais ou menos mil anos (do século V ao XV depois de Cristo). Ao ler ou ouvir essas histórias, faça-se sempre a pergunta: *Que aspectos eles revelam sobre a época que estamos estudando?*

d) Esta ficha e tudo o que for produzido a partir dela deverão ser entregues no dia ___/___/___.

Parte 1. O que os contos são capazes de nos revelar?

As histórias existem desde que o homem começou a desenvolver sociedades e linguagens. Contadas de uma geração para outra, elas ajudavam a manter um grupo unido, não só porque despertavam o interesse de qualquer um, mas porque contá-las significava reunir-se, geralmente numa roda. Significava estar perto, sentir o calor do outro, manter contato físico

e conversar sobre o dia... inclusive contando novas histórias. Contar histórias significa justamente isso: trocar com o outro o que há de mais íntimo em nossos pensamentos e sentimentos. Trocar não só experiências, mas sensações que são muito difíceis de explicar apenas com palavras. Para expressá-las é preciso lembrar imagens. E como se fazia isso em uma época em que não havia televisão ou cinema? A resposta é: contando histórias.

Ainda hoje as contamos. As novelas de televisão são, atualmente, as mais populares. São como contos quase que intermináveis que se estendem por 160, 200 capítulos e duram meses... algumas, anos!! Elas, apesar de toda a fantasia e ficção, são capazes de revelar algumas coisas sobre o nosso cotidiano. Apesar de não haver pessoas e situações exatamente iguais às apresentadas nas novelas, elas precisam se aproximar, pelo menos um pouquinho, da realidade e falar de acontecimentos e sentimentos que fazem parte do nosso dia-a-dia.

Valério e Dionísia decidem que vão trazer Goiaba para morar em sua casa enquanto se desenrola o processo de adoção, pois assim poderão conhecê-lo melhor. Bodão descobre que Priscila ouvia todas as noites o CD com frases que falavam bem de si mesmo. Vilma exige que Rafa lhe dê mais informações sobre as promoções e ele inventa que João vai oferecer carona para os clientes do Giga. Vilma contrata Rafa para ser motorista de seus clientes. Vivian se insinua para Eduardo, mas Roleta pensa que ela está interessada nele. Eduardo diz a Vivian que não pode morar com ela, pois não quer magoar Roleta. Bodão grava um CD falando mal de si mesmo e põe para Priscila escutar. Mateus percebe que todo o pessoal do centro está ansioso para que ele consiga a faixa preta. Rafa se oferece como motorista dos clientes de João também. Valério e Dionísia anunciam para Vivian que querem adotar Goiaba.

Se analisarmos essas novelas, poderemos descobrir aspectos de nossa realidade, desde aquilo que achamos "belo" ou "feio" até a maneira como nos relacionamos com as outras pessoas. Para interpretarmos bem uma história, é preciso sabermos quem a conta, quem a recebe e com que objetivos isso acontece. Você certamente já viu pelo menos uma exibição da novela cuja sinopse de um dos capítulos está ao lado. Sobre essa história é possível observar:

Público (Quem a assiste?) (Como a assiste?)	*Emissora (Quem a produz/ conta?)*	*Caracterização da história (O que conta?) (Como conta?)*

Caracterização dos personagens (Semelhanças e diferenças com nossa vida)	*Objetivos (Mensagem que a história e a emissora querem passar)*

Parte 2. O que os contos populares da Idade Média nos revelam?

A HISTÓRIA A SEGUIR É BASEADA em fatos reais. A cidade de Hamelin (ou Hameln) realmente existe e localiza-se atualmente na Alemanha. No ano de 1284, a área hoje denominada Alemanha era uma colcha de retalhos de vários reinos, cada qual com seu governo e suas leis. Hamelin fazia parte de um deles. Conta-se que foi precisamente no dia 26 de junho daquele ano que um acontecimento terrível abalou a cidade. Como foi um fato muito marcante, que atingiu de alguma forma toda a população, a notícia se espalhou não só dentro do centro urbano, mas também pelas redondezas e da forma mais rápida que havia na época: oralmente, ou seja, no boca-a-boca. Cerca de 600 anos depois, dois irmãos alemães, Jacob Ludwig Grimm e Wilhelm Grimm pesquisaram-na em manuscritos antigos e nas histórias orais contadas pelos camponeses e escreveram sua versão mais famosa.

O flautista de Hamelin[*]

(Irmãos Grimm)

HÁ MUITO, MUITÍSSIMO TEMPO, na próspera cidade de Hamelin, aconteceu algo muito estranho: numa manhã, quando seus gordos e satisfeitos habitantes saíram de suas casas, encontraram as ruas invadidas por milhares de ratos que iam devorando, insaciáveis, os grãos dos celeiros e a comida de suas bem providas despensas. Ninguém conseguia imaginar a causa de tal invasão e, o que era pior, ninguém sabia o que fazer para acabar com tão inquietante praga. Por mais que tentassem exterminá-los, ou ao menos afugentá-los, parecia, pelo contrário, que mais e mais ratos apareciam na cidade. Tal era a quantidade de ratos que, dia após dia, começaram a esvaziar as ruas e as casas, e até mesmo os gatos fugiram assustados. Ante a gravidade da situação, os homens importantes da cidade, vendo perigar suas riquezas pela voracidade dos ratos, convocaram o Conselho e disseram:

— Daremos cem moedas de ouro a quem nos livrar dos ratos.

Pouco depois se apresentou a eles um flautista taciturno, alto e desengonçado, a quem ninguém havia visto antes, e lhes disse:

— A recompensa será minha. Esta noite não haverá um só rato em Hamelin.

Dito isso, começou a andar pelas ruas e, enquanto passeava, tocava com sua flauta uma melodia maravilhosa, que encantava aos ratos, que iam saindo de seus esconderijos e seguiam hipnotizados os passos do flautista que tocava incessantemente. E assim, caminhando e tocando, levou-os a um lugar muito distante, tanto que nem sequer se poderia ver as muralhas da cidade. Por aquele lugar passava um caudaloso rio onde, ao tentar cruzar para seguir o flautista, todos os ratos morreram afogados.

Os hamelineses, ao se verem livres das vorazes tropas de ratos, respiraram aliviados. Então, tranquilos e satisfeitos, voltaram aos seus prósperos negócios. E de tão contentes que estavam organizaram uma grande festa para celebrar o final feliz, comendo excelentes manjares e dançando até altas horas da noite.

Na manhã seguinte, o flautista apresentou-se ante o Conselho e reclamou aos importantes da cidade as cem moedas de ouro prometidas

---

* Disponível em: <http://victorian.fortunecity.com/postmodern/135>. Acesso em: 1º jun. 2003.

como recompensa. Porém esses, liberados de seu problema e cegos por sua avareza, reclamaram:

— Saia de nossa cidade! Ou acaso acreditas que te pagaremos tanto ouro por tão pouca coisa como tocar a flauta?

Dito isso, os honrados homens do Conselho de Hamelin deram-lhe as costas com grandes gargalhadas. Furioso pela avareza e ingratidão dos hamelineses, o flautista, da mesma forma que fizera no dia anterior, tocou uma doce melodia uma e outra vez, insistentemente. Porém, desta vez não eram os ratos que o seguiam, e sim as crianças da cidade que, arrebatadas por aquele som maravilhoso, iam atrás dos passos do estranho músico. De mãos dadas e sorridentes, formavam uma grande fileira, surda aos pedidos e gritos de seus pais que, em vão, entre soluços de desespero, tentavam impedir que seguissem o flautista. Nada conseguiram e o flautista os levou longe, muito longe, tão longe que ninguém poderia supor onde. E as crianças, tal como os ratos, nunca mais voltaram.

E na cidade só restaram a seus opulentos habitantes os seus bem repletos celeiros e as bem cheias despensas, protegidas por suas sólidas muralhas, porém com um imenso manto de silêncio e tristeza. E foi isso que se sucedeu há muitos, muitos anos, na deserta e vazia cidade de Hamelin, onde, por mais que se procure, nunca se encontra nem um rato, nem uma criança.

***

Inspire-se no que discutimos na parte 1 desta ficha (importância das histórias, a necessidade de observarmos quem conta e quem recebe o que é contado, o resumo feito por você a partir de uma obra da teledramaturgia brasileira). Lendo e ouvindo o conto *O flautista de Hamelin*, monte um resumo como o de um capítulo de novela a partir dele. Faça depois o mesmo com os demais contos apresentados em aula.

Mesa-redonda sobre contos populares

Após termos estudado em grupos alguns contos populares europeus, dividiremos as informações com os colegas, buscando descobrir qual era a realidade das pessoas que viveram a Idade Média, período histórico situado entre os anos de 476 a 1453. Ouça atentamente o que está sendo discutido e complete os itens abaixo.

Pontos comuns	

Caracterização das histórias	

Os contos que lemos foram recolhidos diretamente do povo ou por pessoas (como os pesquisadores alemães Jacob Ludwig Grimm e Wilhelm Grimm e o escritor francês Charles Perrault) que tiveram o cuidado de manter os pontos essenciais das histórias contadas por ele. Por isso, o que você leu não é exatamente o que se contava há mais de mil anos atrás tintim por tintim. É como dizem por aí: "quem conta um conto aumenta um ponto".

Ao serem escritos, os autores alteraram o jeito de contar (pois cada pessoa e cada época têm um estilo, uma maneira de escrever), mudaram certos aspectos das histórias (pensando nas pessoas que as leriam), mas sempre buscaram respeitar um pouco do que haviam ouvido da população com quem tinham conversado. É por isso que alguns dos contos têm dois finais.

Para evitar que fôssemos "enganados" pela maneira diferente que cada autor inventou para narrar as histórias, lemos várias delas e contamos uns aos outros cada um dos contos. Você sabe por quê? (Ouça o exemplo e registre).

Para que a gente descubra aspectos da Idade Média ao lermos e ouvirmos esses contos populares, é necessário dar atenção também àquilo que mais nos chama atenção nos textos... aqueles pontos que são mais estranhos aos dias de hoje e à nossa maneira de pensar atual. Vamos fazer em conjunto essa reflexão. Para registrar nossas ideias, utilize o verso da folha e tome como modelo a tabela abaixo.

Aspectos	***Características***
⋮	⋮

Parte 3. E todos foram felizes para sempre???

A REFLEXÃO CONJUNTA DA TURMA nos levou a descobrir aspectos culturais, sociais e econômicos da Idade Média. Como vimos na primeira parte desta ficha de investigação, as histórias ainda são um meio para tentar compreender o mundo e o ser humano. Entretanto, hoje as histórias orais contadas em reuniões de famílias, colegas de trabalho e amigos foram deixadas um pouco de lado e substituídas pela ficção que a mídia produz às dezenas – experimente contar o número de telenovelas, minisséries e séries produzidas e/ou transmitidas pelas emissoras de televisão no Brasil. Essa produção – ainda que bastante ficcional – trata de aspectos de nossa realidade (isso nós já comprovamos analisando *Malhação*) e pode

ser utilizada para saber o que pessoas de uma determinada classe social pensam sobre a vida e a sociedade em que estão inseridas. Essa visão nem sempre corresponde à realidade da classe social a que nós aqui da Escola pertencemos. Há várias coisas que não são tratadas na televisão da forma como sabemos que acontecem na realidade. Observe a programação da emissora a que você e sua família mais assistem e complete o quadro abaixo (se precisar de mais espaço utilize o verso desta página):

Aspecto (em itens)	***Forma apresentada na televisão***	***Forma apresentada na vida real***

A forma apresentada na televisão geralmente revela a forma como os donos da emissora querem que a realidade seja compreendida por toda a sociedade. Na Idade Média, como não existiam meios de comunicação de massa, a Igreja Católica e os grandes senhores de terras não possuíam controle absoluto sobre o que pensavam, falavam e contavam os camponeses e habitantes das cidades. Assim, é comum ler contos em que os heróis não são totalmente "bonzinhos", em que a inocência não é o motivo da vitória do personagem principal e que as crueldades fazem parte das ações tanto de "mocinhos" quanto de "bandidos".

Pensando nisso, crie uma história que – tal como nos contos populares que lemos – *revele* um pouco dos problemas e das preocupações do mundo atual e do grupo social do qual você faz parte. Para isso, além de refletir e observar o seu dia-a-dia, o de sua família e amigos, use o quadro acima como guia. Lembre-se que em sua história deve(m) aparecer:

- personagens (nome e caracterização);
- ambiente (descrição);
- enredo (problema que deve ser resolvido pelos personagens) – com início, meio e fim;
- relação com os dias de hoje (os personagens e as situações devem pertencer à realidade atual e não ao passado).

Era uma vez um projeto "Contos de Verdade" que analisou o período medieval europeu como base para a produção de contos da contemporaneidade...

Esta obra nasceu das ideias de André M. Piasson em desafiar alunos de duas escolas públicas a escreverem sobre sua própria realidade. Para André, o ensino de história necessitava de mais "vida", já que esta é matéria-prima da própria história, ultimamente bastante ofuscada pelas noviças obcessões tecnológicas em detrimento da reflexão e da crítica que o conhecimento do passado proporciona.

...Leu-se Chapeuzinho vermelho, A bela adormecida, João e Maria, Rapunzel, Barba-Azul e ainda havia outros mais...

O sucesso dessa interdisciplinaridade despertou tal interesse que esta obra já é subsequente a uma primeira de 2005. Outro objetivo foi o de desenvolver uma consciência sobre a realidade, não apenas replicando a vida-enlatada que o cinema, a teledramaturgia ou os telejornais mostram. Estes contos, por outro lado, transbordantes de sentimentos, sonhos e experiências atuais, surpreendem pela realidade com que a vida é retratada.

...para escrever se usou graça, com loucura, mas também houve tristeza, dor, quimera...

É sem dúvida um método inovador-empolgante esse de fazer com que a obtenção do resultado venha de um esforço do aluno que aprende história com o real, com o palpável, menos utilitarista.

...vamos prestar atenção no Brasil, senão já era!

Charles Pimentel,
editor

ISBN 978-89769-89-1

www.meritos.com.br